

REVISTA DA SEMANA

87-9-45 • Nº 39

BIBLIOTH. DA NAÇÃO
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

CR\$
1,50
EM TODO
O BRASIL

DESDE
QUANDO
PEQUENINOS



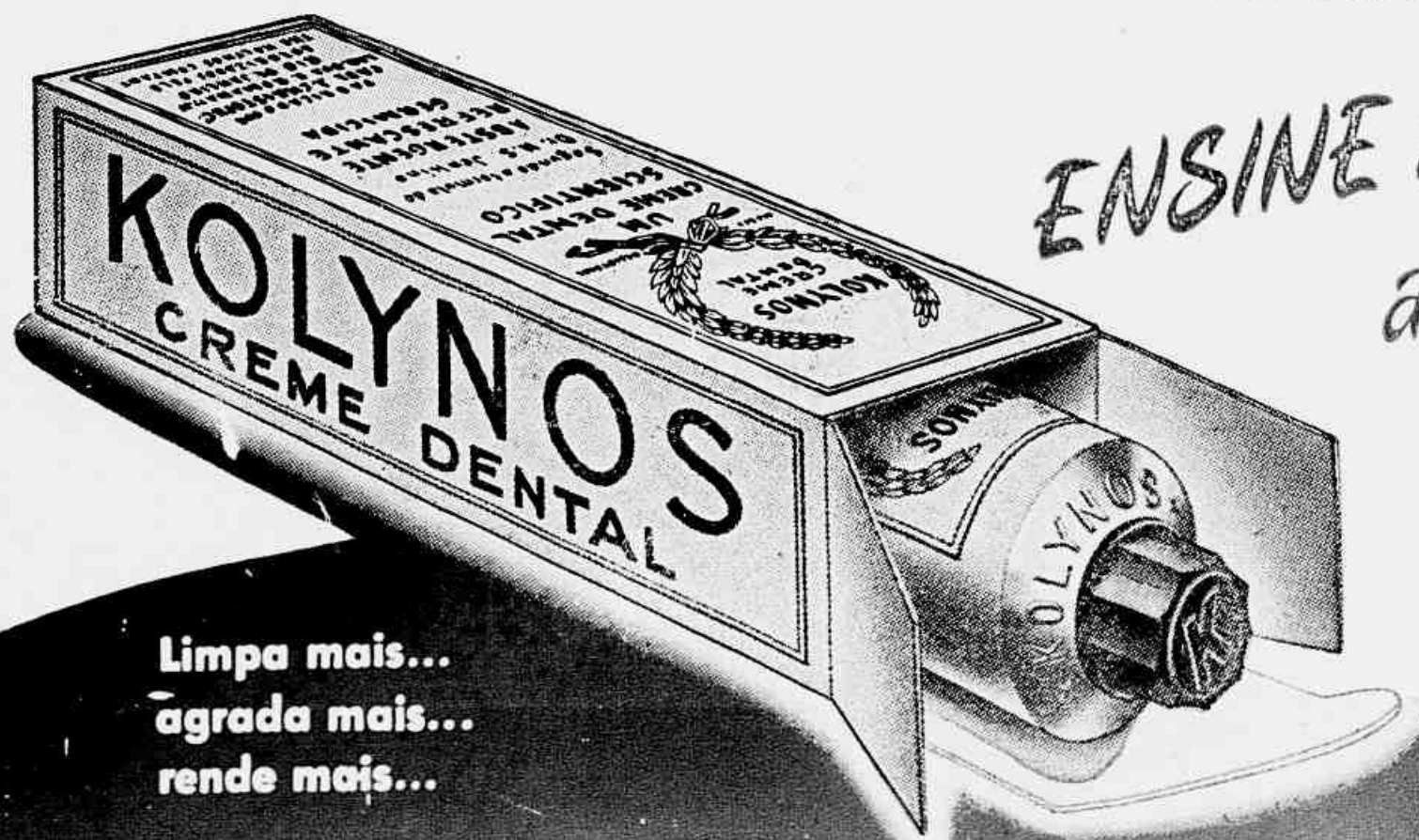
-É BOM QUE USEM KOLYNOS!

AS crianças em geral não se mostram alegres nas horas de escovar os dentes... se não o fazem com Kolynos. Esta é uma vantagem desse creme dental completo: graças ao seu sabor, as crianças aprendem, desde a mais tenra idade, um método de proteção dos dentes que lhes será útil para toda a vida. Um centímetro de Kolynos na escova seca é o bastante para assegurar uma perfeita higiene

bucal, pois a sua espuma antissética atinge todos os recantos dos dentes.

Seu filho prefere Kolynos por causa do sabor agradável; mas graças a isto, aprenderá a proteger os dentes e a saúde durante toda a vida.

Não é em vão que mais dentistas e mais famílias usam e recomendam este creme dental que custa muito menos porque rende muito mais!



Limpa mais...
agrada mais...
rende mais...

ENSINE seu filho
a usar o CREME
DENTAL
ANTISSÉTICO!

* Ouça na Rádio Nacional, às 2.ªs feiras
às 21,35 o "Rádio Almanaque Kolynos".

A MULHER E O AUTOMÓVEL

O velho jornalista bateu o cachimbo no tronco da árvore, sorriu a boca desdentada e tocou o ombro do companheiro moço:

— E' o que estou lhe dizendo, menino! Mulher e automóvel são muito parecidos! Têm os mesmos defeitos e as mesmas qualidades, fique sabendo...

O outro olhou desconfiado:

— Não vê! Quando foi que "ocê" teve automóvel, "seu" Juca?

— Não é preciso ter para conhecer. P'ra que é que a gente tem dois olhos na cra, moleque? Automóvel a gente conhece a distância, e mulher, então, nem me fale!

Isso aconteceu um dia destes, ali no Taboleiro da Baiana em hora de movimento maior. Eu esperava o bonde. Os dois jornalistas não precisavam apregoar os vespertinos, que os leitores iam comprando espontaneamente, jogando o níquel e escolhendo o jornal preferido. Automóveis e mulheres deslisavam aos olhos perscrutadores dos protagonistas do diálogo. Era interessante ouvi-los mais um pouco. Mesmo com os minutos contados, perdi o primeiro bonde.

— Está vendo aquela moreninha dengosa que vem ali?

Seis olhos, simultaneamente, devassaram a morena apontada pelo dedão do jornalista. Tipo acabado da menina-e-moça, mimosa e débil, o passinho miúdo, o corpo balançando com ritmo, mais para um lado, mais para o outro. E o velho:

— Carro novinho em folha. Dêses que acabam de sair do vendedor, ainda com as molas por ajustar, balançando, balançando assim...

Os olhinhos miúdos do rapaz mergulhavam nos requêbros da garota. Mas outras morenas entravam no Taboleiro. Agora, uma de pasos cadenciado, lento mas firme, o busto erguido, olhos de quem conhece o percurso, num requêbro mais sincronizado e justo:

— Olhe, olhe essa agora, rapaz! Que tal?

Novamente os mesmos três pares de olhos examinaram o "carro" apontado, aguardando a definição do entendido em automobilismo:

— E essa, "seu" Juca?

— Carro com pouco uso, mas por isso mesmo em boa forma... Não dá muito trabalho ao "chauffeur" nem despesas na garage.

Mas o movimento ia aumentando. E as pequenas misturavam-se com as velhas. Não era possível identificá-las, uma por uma, porque o tempo urgia. O jornalista psicólogo continuava a lição:

— E assim por diante, menino. Mulher velha, cansada, de passo arrastado é carro fora de época. Tipo que não se usa mais. Modelo que já passou, sem jogo de molas e com o parachoques estragado. Pequena bonita, redondinha e ligeira, que passa depressa, meu filho, é "limousine" de luxo, com a caixa de mudança em bom funcionamento, embreagem em forma, que não emperra. Carro que não gripa mas que precisa muita lubrificação. Quem possui dêses carros está sempre satisfeito e todo mundo tem inveja deles. Mas êses automóveis consomem muita gasolina. Também, são carros feitos para granfinos, gente que não liga ao gasto...

Entra no Taboleiro uma balzaqueana. O jornalista filósofo continua a explanação:

— Essa, rapaz, é o tipo perfeito do carro europeu. Econômico. Puxa muito e gasta pouco. Carro bom, bom mesmo, que serve para qualquer viagem. Para a cidade ou para a estrada. E' um carro forte. Com uma boa pintura ainda faz o seu "farol".

Agora passa uma escolar. O rapaz desocupado bate um "coió" ruidoso.

— Atrevido! — retruca a pequena.

E o jornalista filósofo pegando na deixa:

— Está vendo? Buzinou.

E prosseguindo a lição:

— Pois é assim, meu filho: mulher é como o automóvel. Quando novinho é uma beleza. Dá conforto, dá "representação" a quem o possui. Quando velho, só dá trabalho. O melhor então é trocá-lo logo por outro.

— E esta o que é? — indaga o rapaz apontando uma multa grandalhona e nédia.

— E esta o que é? — indaga o rapaz apontando uma mulata grã-gênio mal adaptado.

O bonde chegava no momento. Pulei no estribo para não ouvir o resto. O gasogênio entrou e sentou-se no banco da frente.

G. de ão

29-9-1945
ANO XLVI- N.º 39

NESTE NUMERO

REPORTAGENS

A Montagem do Salão Oficial (Alvaro Ladeira) ..	9/13
O regresso do 3.º Escalão	16/17
A "estrêla" que dançou com Zé Carioca	19/23
Figuras e Fatos	24/25
Jockey Club Mundano	38

LITERATURA

A mulher e o automóvel (G. de ão)	3
Os nossos concursos literários	7
Quebra-cabeça (Mary Treen)	23
Volta da Fortuna (Escagnolle Doria)	26
A cimitarra (Victor Icholnor)	30/31
O pretêxto (S. L. Gomberg)	34
Livros Novos (J. L.)	36/37

SECÇÕES

A semana em revista	6
Música e Teatro	14
Artes Plásticas	28
Coisas do Brasil	29
Aconteceu no Rio	35

FEMININAS

Nos bastidores femininos	27
Modas	32/33
"Jeunes-Filles"	42
Modas	43
Modelos avulsos	48 e 50

CARICATURAS

"Charge" de Luiz Sá	8
De bom humor	39
"Charge" de Raul	46

CURIOSIDADES

Dois homens esquecidos	4/5
------------------------------	-----

TEATRO

"Canta, Brasil"	55/57
-----------------------	-------

NOVELA

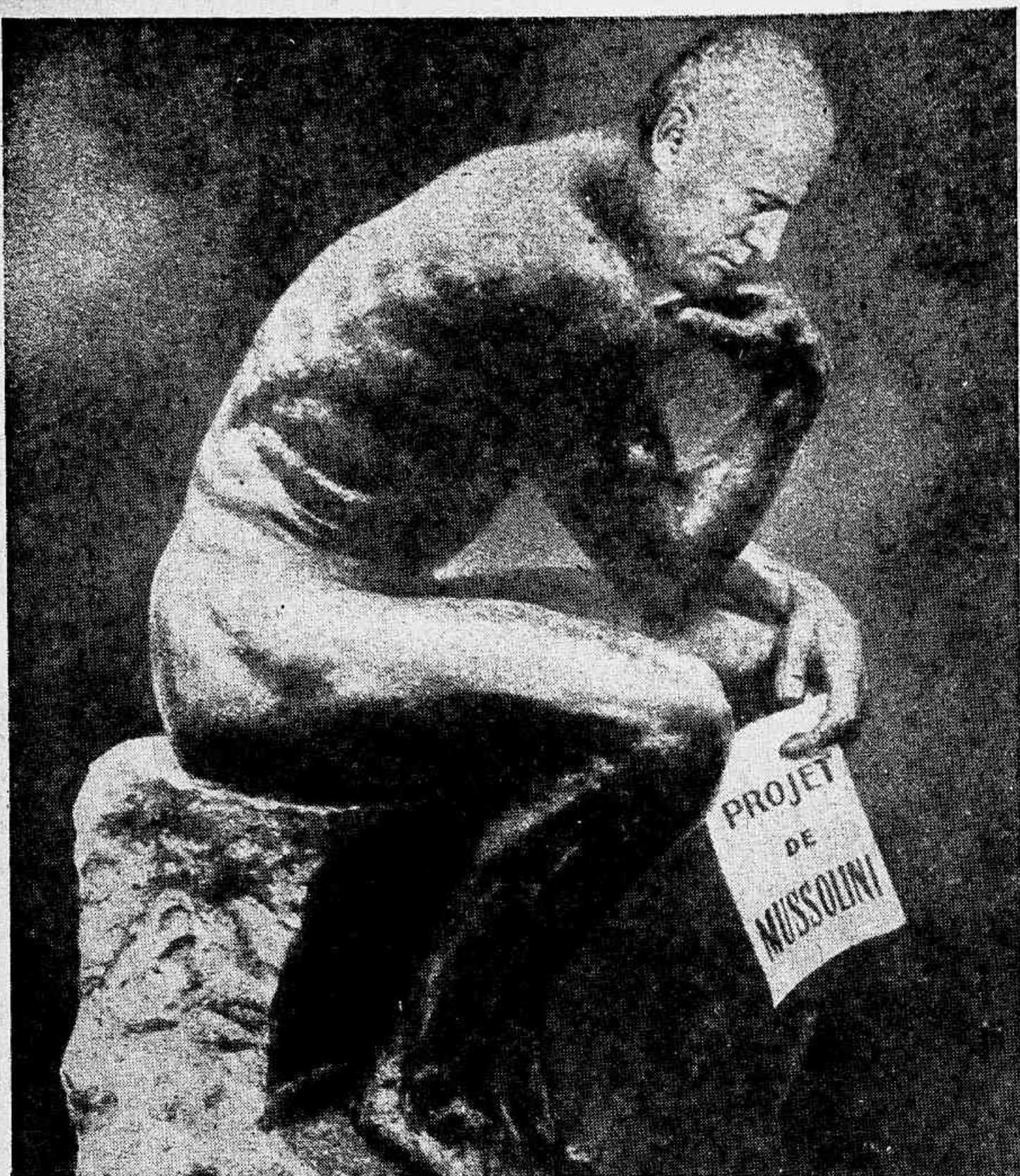
Ressurreição (Jesey Barbosa)	51/52
------------------------------------	-------



Aproxima-se o verão e agora, que a primavera é uma alegre realidade, nada mais sugestivo encontramos para a nossa capa de hoje que o lindo sorriso de Marguerite Chapman, cercado por um ambiente de estilo.

NA
CAPA

DOIS NOMES ESQUECIDOS



Parece mas não é. Parece "Le Penseur", de Rodin, quando, na realidade, trata-se de um engenhoso "truc" fotográfico, onde aparece o falecido "signore" Benito, de triste e saudosa memória, na posição clássica da estátua. Mas Mussolini não pensava, agindo sem refletir. Quando pensava era ainda pior. E tanto levantou o braço que acabou de cabeça para baixo, numa posição imprópria e por demais inconveniente, ele e a "partenaire".

O homem que sofreu as consequências da bomba atômica antes da mesma ser descoberta — evaporou-se — aqui está com o seu uniforme nazi. Tentando cobrir o mundo com o famoso capacete duas vezes derrotado, a primeira com o Kaizer, ele fazia então seus ensaios de estratégia guerreira. Foi graças a essa grande habilidade do "Fuehrer", com seus golpes no campo da luta, que as Nações Unidas mais facilmente lograram entrar em Berlim...

De tal maneira o mundo está vivendo dias vertiginosos, mesmo ou principalmente depois da Paz, que é para recear um esquecimento prematuro e perigoso dos fazedores da última guerra. O colapso do Japão movimentou as forças publicitárias, espontaneamente, enquanto as atenções do mundo se voltaram para Tojo, Hirohito e sua tropa. Quem, ao alvorecer deste ano, poderia senhar com tantas e tão revolucionárias transformações desse mesmo mundo, no espaço de oito meses? E no entanto a queda de Berlim parece não se ter verificado já este ano, mas muito antes. O trágico desaparecimento de Benito Mussolini é quase totalmente esquecido, e ninguém mais está pensando no perigo que a reaparição de Hitler constituirá, onde quer que se possa verificar. Se Mussolini morreu mesmo, não há provas concretas e objetivas em relação a Hitler. Seus simpatizantes serão os primeiros a esperar uma possível volta do ídolo, mas aparentando uma formal indiferença. E' sempre melhor que todos acreditem na morte de Adolfo sob os escombros da Chancelaria. Mas o aparecimento, tardio, de alguns submarinos em águas do continente sul-americano, faz supor que Hitler esteja vivo e tenha sido transportado por um desses barcos para qualquer lugar até agora ignorado. Nova York, Londres e Moscou não cessam de procurar o responsável número um da guerra última, e a Imprensa norte-americana vem de lançar um novo "slogan": "Não esquecer Hitler!", paralelo ao que frisava: "Remember Pearl Harbor!". Se a traição japonesa no Pacífico está vingada com a assinatura do armistício a bordo do "Missouri", os crimes de Hitler ele não os pagou. E quando, porventura, ainda esteja vivo, mais tarde ou mais cedo será encontrado. Aqui estão, nestas páginas, algumas ilustrações oportunamente recordadas pelas revistas americanas e britânicas. Estará Hitler, mesmo disfarçado, reintegrado em sua antiga profissão de pintor de paredes? Ninguém pode responder afirmativa ou negativamente. Mas a obrigação de todo cidadão das Nações Unidas é a de se tornar, voluntariamente, um policial vigilante. Onde menos se esperar e quando menos se pensar, Hitler poderá ser encontrado. Encontrado — e vivo, o que será duplamente sensacional.

Outro engenhoso "truc" fotográfico. O grupo famoso de Marinus Kieldgaard, escultura por demais conhecida, adaptado para Hitler, Goering e Von Ribbentrop. Eles e as serpentes. A observar, a plástica maravilhosa de Adolfo, numa pose sumamente esbelta, enquanto seus "imediatos" parecem dispostos a entrar na dança com todo o "salero" que a dança exige. Mas todos três cansaram depressa, e hoje desapareceram do palco. E de que maneira!





Assim começou sua movimentada carreira o homem cuja obra não deveria ser esquecida dentro de um milênio. Pintor de paredes, ele manjava o pincel com desenvoltura e elegância. Especialista em pinturas de letras e cartazes, viveu sempre um cartaz espetacular e espetacularmente desapareceu. Hoje, ainda há quem espere pelo novo Dom Sebastião. Outros admitem que tenha voltado à sua primitiva profissão, lambusando as paredes com a mesma e requintada agilidade da sua juventude. Em Berlim? Decididamente, não. Talvez em outra parte do mundo, onde quer que houvesse neutros simpatizantes da sua triste causa...

A SEMANA EM REVISTA

PROVAS IRREFUTÁVEIS



ela apareceu. "Ela" era a personagem central da história. Apareceu de súbito e, coroando a peroração do juiz, gritou bem alto no meio da sala: "Eu tenho um impedimento. Este homem é meu e bem meu. Não admito que ninguém mo roube. Ele não pode se casar!"

Estupefação! Drama! A assistência, atônita, não sabia o que fazer. Os leitores sabem o que faz uma mulher quando não sabe o que fazer? Desmaia. E foi o que fez a infeliz noiva. Esticou no chão sem mais aquela. O juiz pediu imediatamente um copo de água fria. E quando ele veio bebeu-o de um gole. A noiva fez bem em ter desmaiado. Senão vejamos. Diante da afirmativa da recém-chegada, todos exigiram uma explicação do noivo. E este disse não conhecer a mulher. Ela apresentou então as provas irrefutáveis: três filhos, garotos bonitinhos e alegres, que eram mesmo "a carinha do pai". Outra surpresa. E o casamento não pôde prosseguir.

Assim se passou o caso pitoresco. Mas o pobre e infeliz noivo continuou afirmando não conhecer a mulher que interferira no casório. Ninguém pode dizer que ele estivesse dizendo a verdade ou não. E por isso mesmo não nos arriscamos a qualquer conclusão. O fato é que continua o impasse. Muitos conhecidos, olhando os três garotos, comentam sem malícia: "E eles não se conheciam"...

Aí está uma tragi-comédia passada num cartório de paz. Os leitores que julquem o culpado de acordo com a sua consciência. E quem não tiver culpa, nos cartórios ou fora deles, que lhe atire a primeira pedra...

O ANIVERSÁRIO DA S. B. A. T.



Faz 28 anos de existência, esta semana, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, a qual congrega todos os escritores profissionais que se dedicam ao teatro. Em algumas salas de um edifício da avenida Almirante Barron localiza-se a sede dessa associação de classe.

Ali estão sempre reunidos os velhos teatrólogos e os novos também, que encontram assim um lugar para "bater um papinho" e fazer planos para o futuro da arte cênica brasileira. Ali, também, os escritores de teatro têm a sua trincheira de defesa contra os exploradores da classe. A S. B. A. T., entre outras atribuições, tem a seu cargo a cobrança dos direitos autorais e o faz sistematicamente e rigorosamente, não deixando que alguém lese os seus associados em qualquer importância, por mais insignificante. Nos mais remotos recantos do Brasil, onde tenha lugar uma representação teatral, parte da renda, acusada pela venda de ingressos tem que ser forçosamente entregue aos autores representados, de acordo com a lei vigente. E esta lei representa também uma antiga conquista da Sociedade de Autores Teatrais.

É um velho sistema, adotado em larga escala no Brasil, esse de achar que os profissionais da pena têm obrigação de escrever "de graça", sem remuneração alguma. Nada mais comum do que um editor de jornal ou revista, pedir ao seu amigo escritor um conto, uma crônica ou um artigo, dizendo, no ato da entrega, apenas um "muito obrigado" seco e convencional. Isto é o que acontece com todos os intelectuais, romancistas, "conteurs" e poetas. E acontecia também com os teatrólogos, que, por causa desse estado de coisas, viviam em geral, como os seus colegas, mergulhados na pobreza e na falta de dinheiro. Surgiu, porém há 28 anos, a S. B. A. T. E desde então dos lucros dos proprietários de teatros e dos empresários começaram a ser deduzidas as comissões dos escritores. Hoje, muitos teatrólogos vivem exclusivamente de sua arte, e há entre nós grande número de escritores profissionais cuja independência econômica lhes foi assegurada unicamente pelas suas peças teatrais.

E enquanto os teatrólogos progridem os romancistas, "conteurs", ensaístas e poetas, se não passam o dia inteiro metidos nas redações dos periódicos, vêem-se na contingência de passá-lo nas portas das igrejas, como o velho personagem de "Deus lhe Pague".

Que o 28.º aniversário da S. B. A. T., assinalado por tantas vitórias, seja um estímulo e um exemplo para os profissionais da pena.

APENAS UMA POBRE HOMENAGEM



Disseram os jornais da semana passada que a Estação do Norte, em São Paulo, vai ter o seu nome mudado para Estação Franklin Roosevelt, o que representa uma pequena homenagem da cidade bandeirante à memória de um dos cidadãos que foi, fora de nossa terra, um dos maiores amigos do Brasil. Apesar de ter chegado um pouco tarde, a idéia é louvável e digna dos maiores elogios. Em verdade, temos para com o ilustre patrono da Estação do Norte uma dívida de gratidão, que não chega a ser paga com a simples mudança do nome de um entroncamento ferroviário. Há muitos anos, quando a América via-se perdida e sem rumo ante a indecisão dos fracos, a incompreensão dos ineptos e a mentira dos traidores, foi esse homem, grande por todos os títulos, que empunhou decididamente o fuzil de combatente lançando-se de peito descoberto ao campo da luta. As suas atitudes passadas, os seus atos de desprendimento e altruísmo eram credenciais irrefutáveis. Atrás dele ergueu-se em armas todo um continente, decidido a lutar pelas conquistas de seus maiores, resolvido a manter viva e luminosa a flama de sua liberdade. E durante anos a fio, combatido pela idade e pela doença, esse grande e heróico soldado paisano foi o comandante de muitos milhões de homens, que se lançavam contra um inimigo numeroso e forte, armado mais com bravura que com "tanks", com mais coragem que canhões... Veio por fim a era da ressurreição. As forças pacíficas da América, congregadas todas em torno da guerra, comandadas pelo espírito e pela inteligência de Franklin Delano Roosevelt, empenharam-se na produção de guerra, organizando um exército poderoso e forte, único argumento compreendido pelos agentes da traição e da selvageria. E um dia um novo mundo ergueu-se das ruínas de Estalingrado e Manilla. Libertos para sempre do nazi-fascismo, as nações retomaram o caminho da prosperidade e do progresso. Mas lá ficara, entre os cemitérios rasos das frentes de batalha, sepultado num jardim de Hyde Park, o corpo do soldado paisano, um dos melhores combatentes dos exércitos da liberdade. Glória à sua memória! Glória ao seu nome impoluto! Que esse nome, escrito sobre as gares das estações, nos pedestais das estátuas, nas esquinas das avenidas, seja sempre uma menagem de fé aos homens de boa vontade, um lembrete de lealdade aos cidadãos da América.

NA CASA DE MACHADO DE ASSIS



Na Casa de Machado de Assis, hoje funcionando no Petit Trianon, à avenida Presidente Wilson, há muito não entrava luz. Uma vez por semana lá se reuniam homens de fardão e espadim, para fazer discursos narcotizantes e receber no fim da sessão o "jetton" a que faziam jus. Antigamente, no tempo de Machado, era diferente. A Academia Brasileira de Letras fazia alguma coisa e tinha lá dentro, guardado nas salas do Silogeu, algo de valor. Ali sempre apareciam, além do fundador da casa, homens como Euclides da Cunha e outros quase do mesmo vulto. Mas, passada essa primeira fase de grandeza, o cenáculo foi decaindo, até atingir um ponto de estagnação e marasmo, que o fez perder por completo o prestígio entre os intelectuais da época. Depois Graça Aranha e a Academia teve outro período áureo. Recolheu-se após novamente, ao sono de bela adormecida, cochilando nas poltronas estofadas no prédio da avenida Presidente Wilson, como um urso polar que ressona no fundo de sua caverna durante a noite de seis meses.

Assim tem vivido até hoje nossa máxima entidade literária. Com períodos de grandeza e outros de marasmo. De Graça Aranha para cá, entretanto, foi que a herdeira de Francisco Alves mais se enterrou no "dulce far niente". Nada se creava no Petit Trianon. E tudo se perdia.

Perdiam-se os melhores membros do cenáculo, que iam desaparecendo rapidamente, como se maldição houvesse caído sobre a casa fundada pelo tradutor de "O Corvo". Perdiam-se as palavras em discussões estéreis, ou melhor, em falta de discussões estéreis. Perdiam o seu tempo os membros que assistiam às sessões monótonas e enfiadonhas da Academia. E os velhos e imutáveis candidatos continuavam a perder as eleições. Um dia, com grande escândalo dos antigos membros do velho cenáculo, J. G. de Araujo Jorge apresentou-se como pretendente de uma cadeira na Academia. Todos olharam com hostilidade aquele candidato de menos de cinquenta anos. E vieram outros. Finalmente um moço vai ter assento na Academia. Eleito recentemente, o escritor gaúcho Vianna Moog tomará posse dentro em breve. Dizemos moço e dizemos bem. Ele é moço de fato, moço por dentro e por fora, homem nascido à luz clara do século vinte, escritor do tempo do avião e da bomba atômica. E como tudo hoje se aproveita, talvez do próprio moço que envolve as coisas da Academia venha a sair, agora, um pouco de penicilina vitalizante.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro. Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5609

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knopee & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

TERMINA HOJE O PRAZO PARA A ENTREGA DOS ORIGINAIS DOS CONTOS — OS CONCURSOS DE ROMANCES E PEÇAS TEATRAIS — ABERTA DESDE AMANHÃ A ENTREGA DE ORIGINAIS DE CONTOS PARA A SEGUNDA APURAÇÃO

Como já foi amplamente anunciado, através de nossas colunas, acham-se abertas as inscrições para o triplo concurso literário da REVISTA DA SEMANA, que vem obtendo o maior êxito. Este certame compreende três competições distintas: o "Prêmio Aureliano Machado", destinado ao nosso concurso permanente de contos, o "Prêmio Apolônia Pinto", oferecido pelo Clube Ginástico Português à melhor peça teatral que nos for apresentada, e o "Prêmio REVISTA DA SEMANA", que é oferecido ao melhor romance.

Damos novamente, abaixo, as condições e regras a serem observadas pelos julgadores e competidores destes concursos.

Chamamos a atenção de nossos leitores para a primeira apuração do "Concurso Permanente de Contos", que será realizada nos primeiros dias da semana vindoura. Os originais a serem então julgados são os que nos chegarem às mãos até hoje às 15 horas. Os originais entregues além deste prazo só concorrerão ao segundo julgamento, a se realizar em 1.º de janeiro de 1946.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

De três em três meses, seleção de doze contos literários que serão publicados nas páginas da REVISTA — Temas de preferência brasileiros mas também generalizados — Uma oportunidade para os novos — Cr\$ 100,00 para o autor de cada conto publicado.

A REVISTA DA SEMANA mantém um Concurso Permanente de Contos Literários, mediante as seguintes bases:

- 1) O prazo para o primeiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto a 30 de setembro.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de papel formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, enredo, estilo e unidade de ação no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos de autor — nome, endereço, etc. — para Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do primeiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes, e os rejeitados ficarão à disposição dos remanescentes na redação da REVISTA.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1.º de Outubro, será iniciado o 2.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade, mais tarde, um conto premiado.

CONCURSO DE PEÇAS DE TEATRO

"PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

Cr\$ 10.000,00 para o primeiro colocado, oferta do Clube Ginástico Português — Representação das peças colocadas em 2.º e 3.º lugares pela Escola Dramática da mesma instituição — As peças continuarão pertencendo exclusivamente aos autores.

- 1) Fica instituído o Concurso de Peças de Teatro, para a conquista do "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO", promovido pela REVISTA DA SEMANA e sob o patrocínio do Clube Ginástico Português, podendo ao mesmo concorrer todos os escritores brasileiros que tenham ou não peças representadas.
- 2) O concurso será encerrado impreterivelmente dia 30 de novembro do corrente ano, de modo a ser conhecido o resultado em dezembro.
- 3) Os concorrentes terão liberdade ampla de elaboração de seus trabalhos quanto aos temas e ao gênero, devendo, no entanto, a peça premiada ter mérito literário, qualidades cênicas e tempo de representação mínimo de duas e máximo de três horas.
- 4) O Clube Ginástico Português fica com a prioridade de representar a peça premiada, pelo conjunto de amadores de sua Escola Dramática, dentro de seis meses a contar da apuração do concurso.

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos.

Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fóra de horas para que tenham indigestão, dores no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dores de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dores de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.

- 5) O autor da peça premiada terá liberdade de fazer representar o seu trabalho em qualquer teatro do País, logo após as suas representações pela Escola Dramática do Clube Ginástico, ou, em caso contrário, a contar dos seis meses acima citados.
- 6) Em qualquer caso o Clube Ginástico Português terá sempre o direito de representar a peça premiada quando o julgar conveniente.
- 7) O Clube Ginástico institui um prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para a peça escolhida pela Comissão Julgadora, constituída por um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e um da Casa dos Artistas.
- 8) Fica expressamente proibido a qualquer dos membros componentes da Comissão Julgadora participar do concurso.
- 9) Todos os originais de peças devem ser diretamente remetidos a Celestino Silveira, Redator-Secretário da REVISTA DA SEMANA, rua Visconde de Maranguape 15, Rio de Janeiro.
- 10) Além da peça colocada em primeiro lugar, o Clube Ginástico Português fará representar pela sua Escola Dramática os originais classificados em 2.º e 3.º lugares, pagando aos autores os direitos da praxe, bem como outros originais que julgar interessantes para esse fim.

A COMISSÃO JULGADORA DO "PRÊMIO APOLÔNIA PINTO"

A comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais está composta dos seguintes membros: Celestino Silveira, representando a REVISTA DA SEMANA; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Bandeira Duarte, como representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas.

CONCURSO DE ROMANCES

"PRÊMIO REVISTA DA SEMANA"

- 1) Poderá concorrer ao "Prêmio REVISTA DA SEMANA", instituído para o melhor romance que nos for apresentado, qualquer escritor brasileiro nato.
- 2) Os originais que nos forem remetidos deverão obedecer às seguintes normas:
 - a) serem absolutamente inéditos;
 - b) constarem de cento e cinquenta laudas de papel formato ofício, datilografadas em espaço dois, no mínimo, e de duzentas e cinquenta laudas idênticas, no máximo.
- 3) Respeitadas as condições do 1.º item, fica entretanto entendido que os temas podem obedecer a qualquer motivo, nacional ou não.
- 4) Os trabalhos serão julgados por uma comissão composta por um representante da REVISTA DA SEMANA, um romancista e um crítico literário.
- 5) Deverão vir, acompanhando os originais o nome, pseudônimo e endereço do autor.
- 6) O trabalho que obtiver primeiro lugar será premiado com uma medalha de ouro e um diploma honorífico, o que facilitará ao seu autor a edição da obra. A REVISTA DA SEMANA se encarregará ainda da propaganda do lançamento do romance.
- 7) A entrega de originais será encerrada definitivamente a 30 de novembro de 1945.

Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



PEQUENAS CAUSAS... GRANDES EFEITOS



A MONTAGEM DO SALÃO OFICIAL

O ESFORÇO HUMANO DESPENDIDO E A SEDUÇÃO DA GLÓRIA — A RONDA DOS PINTORES DESDOBRADA DURANTE VINTE DIAS — TESOUROS ARTÍSTICOS ACONDICIONADOS EM CAIXOTES — ELETRICISTAS SOBEM OS DEGRAUS DAS ESCADAS PARA DEPURAR A LUZ — QUANTO CUSTA UM SALÃO OFICIAL? — OITOCENTOS QUADROS DEPOSITADOS NO MUSEU SUSTENTAM ESPERANÇAS E UMA DEFINIÇÃO DE EDOUARD SCHURÉ SOBRE A ARTE

Reportagem de ALVARO LADEIRA

Munidos duma autorização especial que nos concedeu o professor Oswaldo Teixeira, nosso amigo e amável esteta, poderemos subir serenamente as escadas de mármore e perlongar pelas salas da Pinacoteca, onde é vedado o acesso aos próprios expositores.

Como as galerias construídas para a maior competição artística do ano estão sendo reparadas, a vitrina dos pintores será, assim, nos retângulos históricos do Museu Nacional da Escola de Belas Artes, cujas preciosidades do nosso patrimônio espiritual se deslocaram temporariamente dos taburnos augustos.

As maravilhas pitóricas assinadas pelos mestres Rubens, Malhøa, Bernardelli, Velasques, Pedro Américo, Vitor Meireles e outros serão alojadas em lugares seguros, enquanto os quadros dos concorrentes ao banquete máximo das cores irão adornar as paredes sagradas na competição da beleza.

Estamos aqui, entre os portais de ferro do edifício. Uma taboleta anuncia, lá dentro, a inscrição e o prazo da entrega dos trabalhos. Há, inicialmente, um alvoroço em torno do certame, desenhado numa ansiedade natural. Estranhos que atravessam as calçadas da Avenida e muitos dos quais no dia do "vernissage" devem comparecer numa romaria compacta, farfalhando incessantemente, gu-

losos do espetáculo, desconhecem geralmente o esforço humano da montagem do Salão Oficial e a fascinação da glória que arrasta almas sonhadoras em busca de louros.

Granfinos ostensivos, principalmente, que na hora marcante surgem emitindo opiniões equívocas, nem imaginam sequer no suor que escorreu de muitas frentes.

Integrados no meio, vamos observando psicologicamente o fenômeno da ação coletiva, desde o instante em que o diretor recebe a determinação do ministro da Educação fixando a data inaugural.

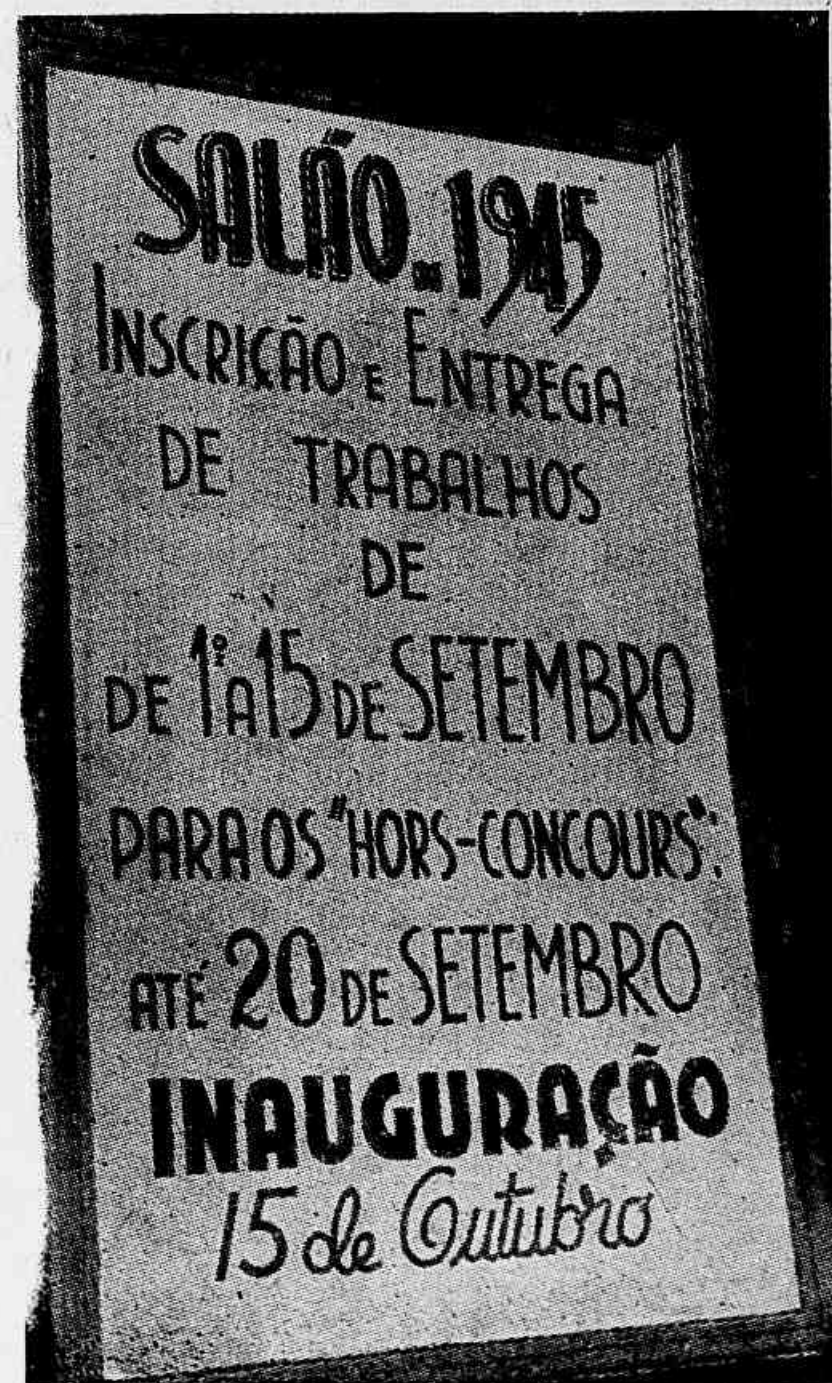
Semelhante aos ensaios estafantes num teatro, no qual os atores desempenham os seus papéis, preocupados com a sessão noturna diante dum público exigente, ou duma orquestra sinfônica cujo maestro, de costas para a platéia vasia, interrompe as falhas musicais afim de aprimorar o conjunto, no interior do Museu agilmente se elaboram os prelúdios da organização interna.

De todos os recantos da Nação chegam remessas de quadros, desmontados dos caixotes sob as ordens do Otávio, funcionário enérgico e distinto que, ao longo do subterrâneo, receioso de violação, vela os tesouros auxiliado pela falange de empregados, metidos nos macacões azuis, que rompem as madeiras,

enviando as obras de arte imediatamente para cima.

Outros serram as últimas molduras, confeccionando detalhes de acordo com o bom

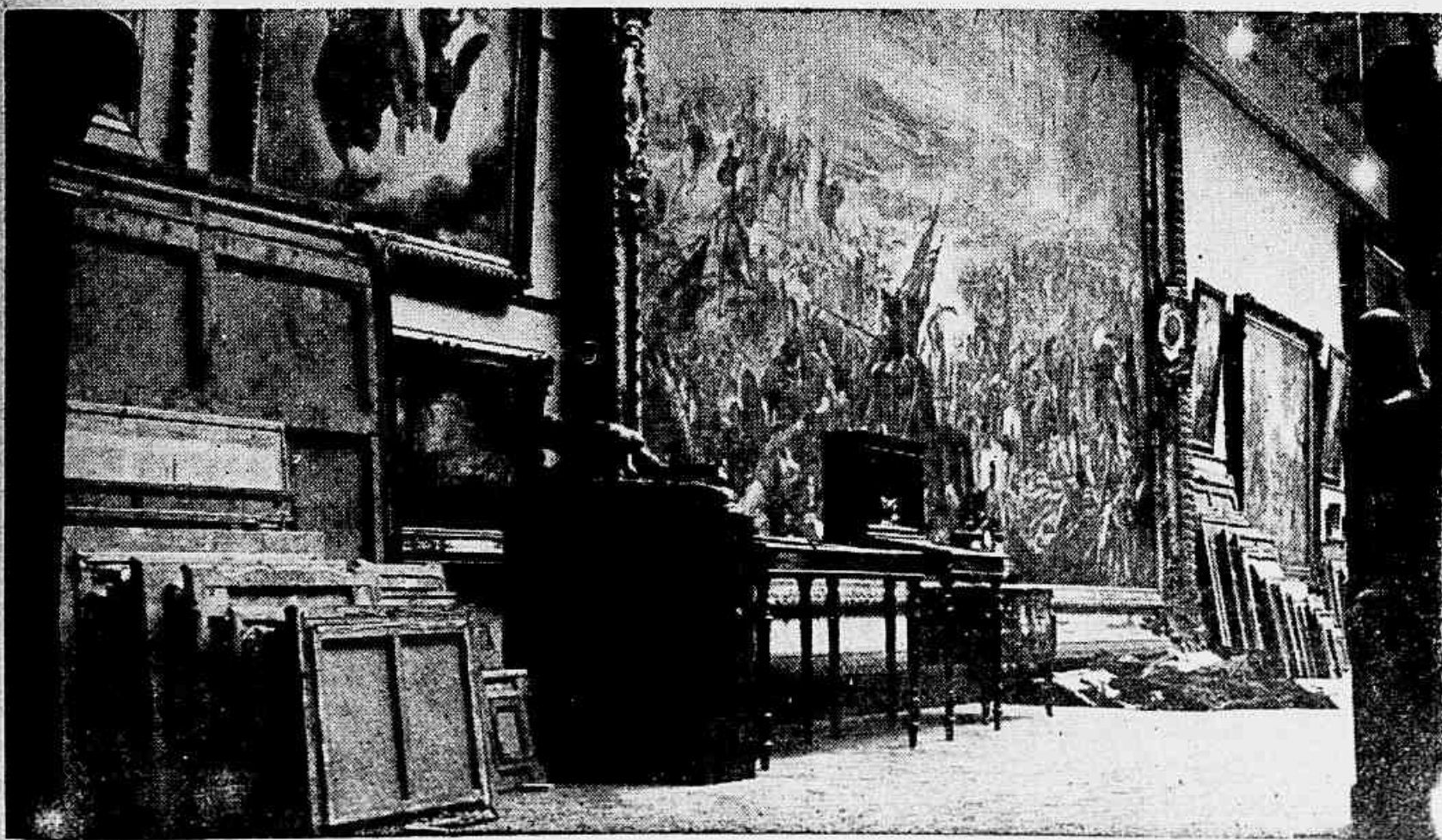
Fotos de ARNALDO VIEIRA





A montagem do "Salão Oficial" começa quando o diretor recebe a portaria do Ministro. O movimento da secretaria é enorme nesses dias. Chovem as inscrições. O professor Oswaldo Teixeira recebeu mais de oitocentas durante vinte dias, vindas de todos os recantos do País. O cronista observa como se processa a análise dessa inscrição, sob o seu olhar, junto duma funcionária. Está legal. O destino dum expositor estará em jogo: o sonho de uma mera "Menção honrosa" ou de um "Prêmio de Viagem"...

Da Pinacoteca, as saudades artísticas foram deslocadas para uma dependência do Museu, enquanto entram telas e telas para o julgamento final deste ano. Diante da "Batalha do Avaí", de Pedro Américo, cuja inauguração arrebatou mais de cinco príncipes europeus, podemos observar a grandiosidade dum gênio, adormecido na epopéia do tempo. Aqui estão as preciosidades de Malhóia, Velasquez, Rubens, Boticelli rebousando dos louros imortais.



gosto pessoal. Na portaria o Mario permanece distribuindo papeletas aos interessados, numa faina constante.

Ondula uma perspectiva nervosa nas fisionomias, nas atitudes, nos gestos.

Vimos a ronda dos pintores, desdobrada durante vinte dias. Debaixo dos braços, alguns trazem as próprias ilusões e as deixam no porão. Transfigurados ou serenos, outros descem do automóvel à última hora, secundados de envoltórios inestimáveis.

Eis que um caminhão freia diante da fachada, provocando curiosidade. Homens retiram os ingredientes do impressionista Oswaldo Teixeira: a "Sonata de Kreutzer" está sendo contemplada. Com o desvêlo religioso duma obra-prima, o "Interior da Igreja de São Francisco", de Presciliano Silva chega de avião, segurado por quinhentos mil cruzeiros!

Só o frete custou três mil! Através da transfiguração multiplicam-se fantasias, re-florescem esperanças. Certos expositores são forçados a pedir molduras emprestadas aos colegas que anteriormente já obtiveram êxitos econômicos.

Dentro do gabinete do diretor os neófitos se aproximam e pedem-lhe uma opinião sobre o material plástico apresentado. Um sorriso desfeito com enlévo e um dedo que aponta inspiram confiança. Quem representa aquela figura do Nazareno, prêsna no telefone, falando alto? E' o pintor Katemback, que se impacienta porque a sua tela ainda não veio e a inscrição está prestes a se encerrar. A senhora elegante, passando à nossa frente, leva uma concepção representando um árabe. Esteve ansiosa. Num esbarro a base da composição se partiu. Não faz mal. Um hábil escultor, solícito, esmerou-se em restaurar-lhe o dano ali mesmo.

II

Agora, um tanto admirado, recebe-nos o Heraclito, pintor e encarregado técnico do Salão.

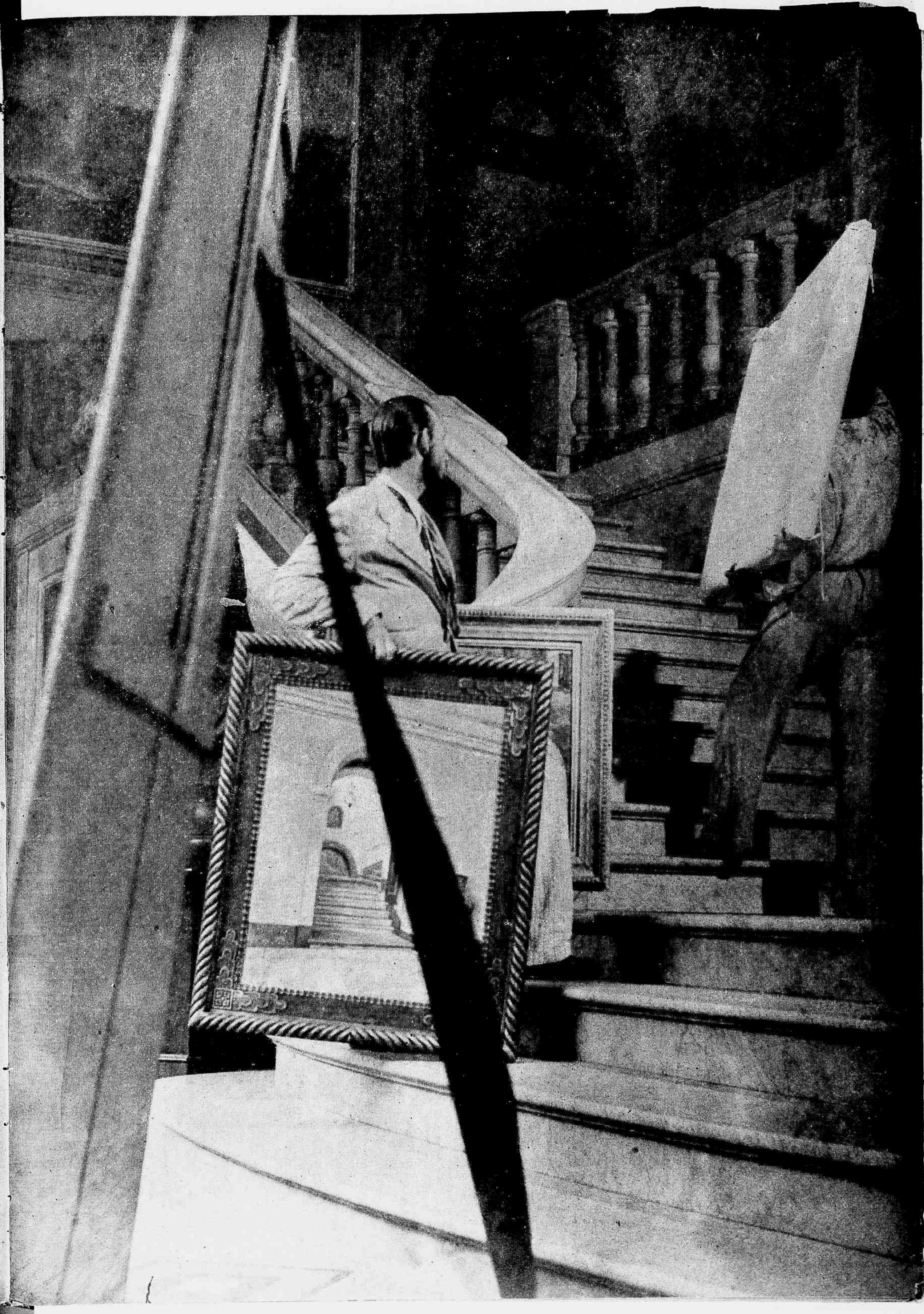
Diante da nossa vista, à direita de quem entra, amontoam-se dezenas de quadros, sobretudo desenhos. No centro se avolumam bustos de mármore, composições, retratos enchendo todos os ângulos.

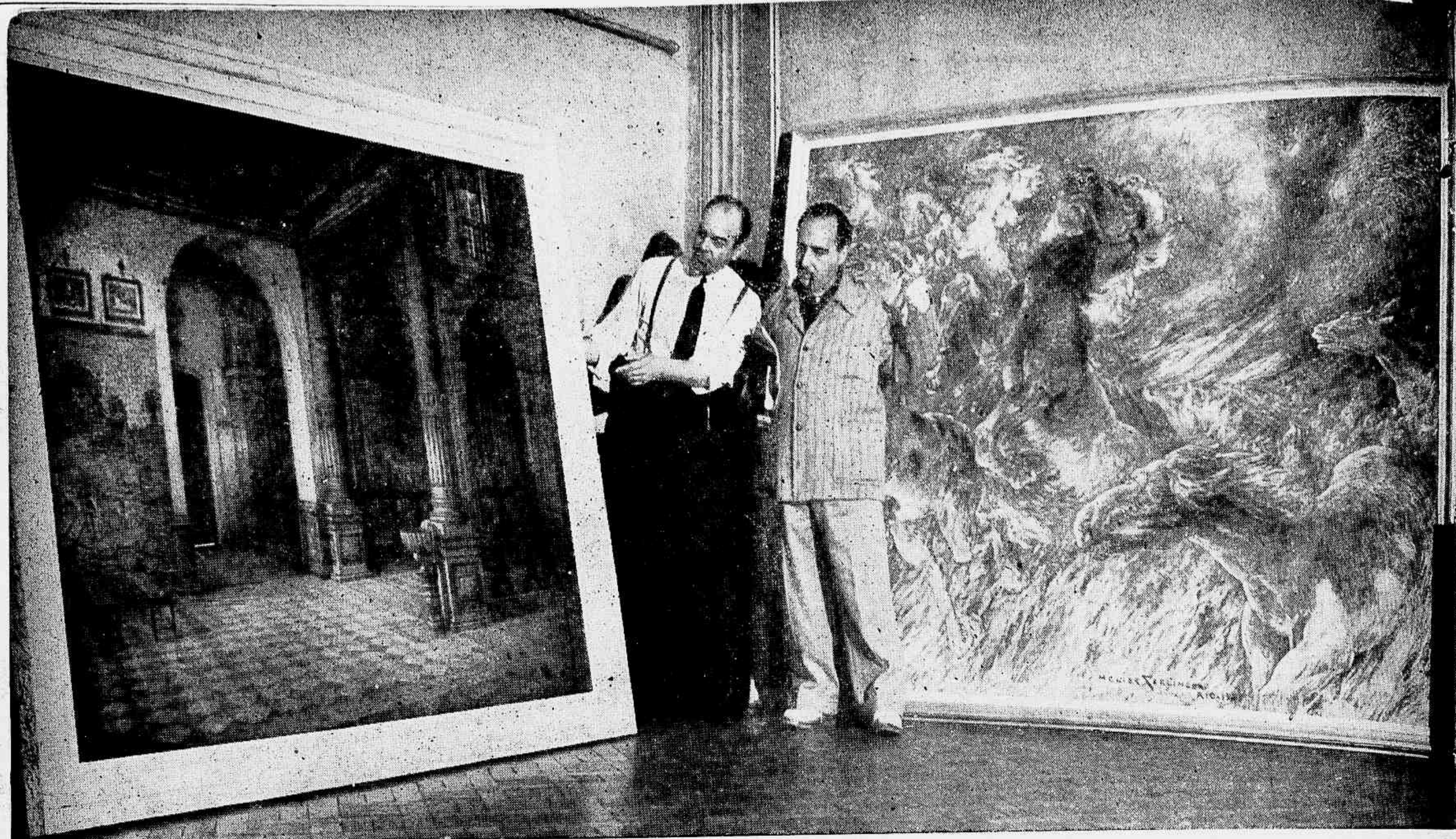
No trecho da galeria principal se estende uma procissão imensa de naturezas mortas, paisagens, interiores, nús rubricados por artistas consagrados e obscuros, que tentam vencer a resistência da Comissão Organizadora. No fim da galeria está a Divisão de Arte Moderna. Ao todo teremos aproximadamente cerca de oitocentos trabalhos.

Centenas serão cortados pelo bisturi implacável dos censores, desmanchando num sópro castelos dourados. Em tórno há um movimento intenso, gradualmente aumentado até o dia da inauguração. Eletricistas sobem os degraus da escada para depurar a luz — efeito essencial na linha das molduras. A luz, no recinto, torna-se às vèzes precária em melo da instalação antiquada, fica escura em certas horas do dia, sem reflexos definidos, sujeita às mudanças de temperatura, somente por causa do orçamento.

Quanto custa um Salão Oficial? O professor Oswaldo Teixeira recebe uma verba de trinta mil cruzeiros. O custo do catálogo fica por doze mil. Sobram dezoito para as despesas gerais, aplicadas nos serviços extraordinários e nas gratificações computadas aos zeladores, que dentro da noite continuam no seu labor, como aqueles que ali se acham dobrando as espinhas e sacudindo os músculos, no sentido de fixar a ornamentação. A quan-

Os empregados não descansam um só instante, subindo e descendo as escadas, enquanto os expositores discutem sobre o "Salão". As inscrições estão quase terminadas. O Mario, na "Portaria", atende a todos solícitamente, expedindo ordens. O quadro de E. S. Carôlo está sendo carregado para cima. E' um interior do "Convento de Santo Antonio". E' pequeno no tamanho mas grande na composição. Os "interiores" estão sendo muito discutidos...





O Heraclito, orientador técnico, mostra os dois grandes quadros que disputam a "Medalha de Honra", o máximo prêmio para um artista. Presciliano Silva e Helios Seelinger lutam pelo troféu. Temperamentos completamente opostos, ambos estão dentro do cenário brasileiro. No primeiro se encontra o misticismo suave da tradição, noutro a alegria exuberante da fauna tropical. "O Interior da Igreja de São Francisco" e "Pânico Selvagem" serão os pontos de partida para o júri consagrar mais um grande pintor.

tia nos parece insignificante. O teatro e a música — que tanto amamos — recebem melhores favores do Estado. E a Exposição de Arte Francesa nos serve de base à informação: refinamento, riqueza, estética, labor, espiritualidade representam o melhor convite para o transeunte e a observação do fato instituído atualmente no Ministério da Educação.

III

Em síntese a nossa missão está cumprida, numa girandola em redor do Museu, que no dia quinze do mês entrante estará engalanado no festim das tonalidades. Depois do dinamismo, da fadiga, do desprendimento virão a cerimônia protocolar, a disputa das insígnias e a adoração dos homens e das mulheres.

Relativamente à crítica, ao artista, à enumeração dessa ou daquela escola, não somos no momento cronistas de arte, pois bastanos o "documento humano" no exame procedido durante os preparativos do Salão Oficial.

Nos seus bastidores não foram apontados ainda os titulares do júri. Ouvimos, certamente, no círculo dos pintores, boatos que se perdem no ar, fremindo nas perorações eloquentes.

Não apontaremos, no transcurso da paixão, quais sejam os mais vistosos e os mais belos quadros.

Todos eles formam uma farândula, digna dum duelo espiritual e emocionante, nos limites da honestidade.

Se falamos em Presciliano Silva e Helios Seelinger, existe uma razão preponderante: os grandes mestres se batem há muito tempo no sentido de arrebatam a Medalha de Honra, e neste ano apresentam-se como expressões definidas, latentes, fartas de senbilidade.

O pintor da Bahia recomenda-se pela doçura dos motivos, revestidos de sombras delicadas, cheias de misticismo. Em Helios Seelinger verifica-se o contraste acentuado: os símbolos palpitantes da fauna exuberante revelam-se ousadamente nos arrojos pitóricos.

Outro concorrente que deve ser citado é o escultor Flory Gama. Os próprios contemporâneos afirmam que o seu talento pode conduzi-lo ao "Prêmio de Viagem ao Estrangeiro".

Feitas as restrições acima, ouçamos comentários isolados, colhidos de repente. Alguém, de responsabilidade respeitável, cruzando os braços, disse profeticamente:

— Deveríamos voltar à Renascença e evitar as cópias banais das naturezas mortas ou de flôres. Evitar a exploração comercial constitui a moralidade do artista. Os preceitos históricos poderiam ser restaurados na linha da arte.

Uma alta patente da Aeronáutica, que ouvia a dissertação, velho amigo das Belas Artes, interrompendo-o, tomou a palavra:

— E' verdade. Pensamos que a nossa cultura aumenta gradativamente, mas nos enganamos. No tempo da Monarquia o senso subjetivo estava contido num deslumbramento.

"Os salões eram frequentados harmoniosamente, o artista dispunha de homenagem merecida, embora fôsse, como hoje, um desprotegido dos poderes públicos. A "Batalha do Avaí" foi vendido por quinze mil cruzeiros apenas, e assim mesmo a prestações.

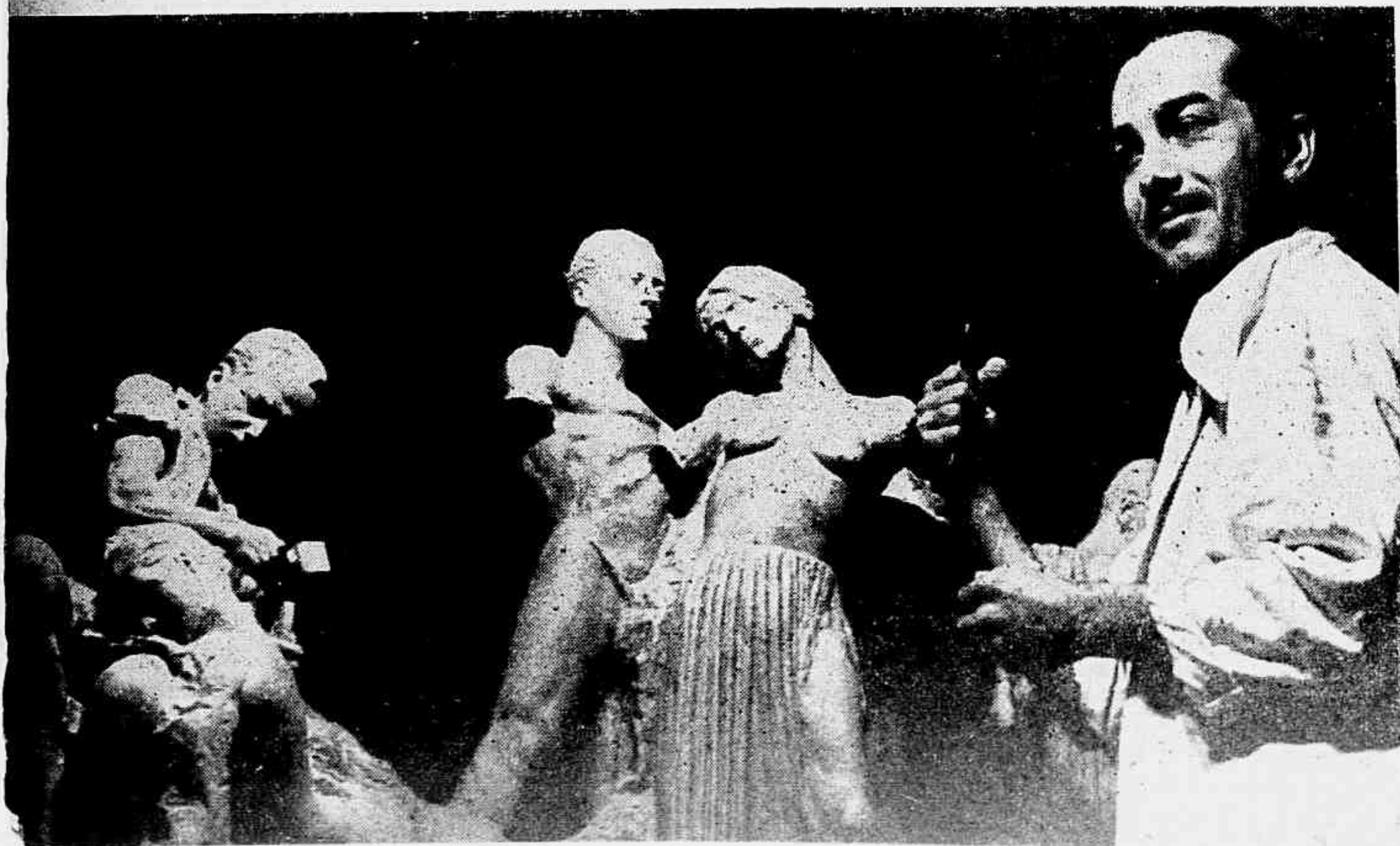
"As garatujas atualmente vendem-se por quantias elevadas; a pintura boa dificilmente se encontra. Em todo caso as exceções merecem o nosso aprêço.

"Muitos dos artistas reclamam do diretor a modificação do regulamento, como se fôsem prejudicados, quando a sua intenção reproduz a melhor das intenções. Certo pintor, dignificado pelo "hors-concours", invetivava numa roda. Talvez não tivesse razão de proclamar direitos. A inscrição já terminara, e o seu quadro todavia permanecia em casa.

Todos esses transe são comuns na véspera dum acontecimento, onde se joga o individualismo. Palestravam, depois das cinco horas, vários concorrentes, e um deles, que se julga inefável, deixando entrever a vaidade da ascensão da medalha de ouro e outros prêmios, falava a um singelo pintor, sincero nas atitudes:

— Você compreende, meu caro. Oitocentos trabalhos não cabem na Pinacoteca. De-

O escultor das bailarinas, Flory Gama, sorri satisfeito. Depois de trabalhar em "Inveja" durante meses e meses, está terminando a sua obra. Dentro do atelier fechado, aos poucos, retoca o mármore com a obsessão dum maniaco. Esta composição, elogiada pelos maiores artistas e intelectuais, revelará um dos mais fortes concorrentes ao "Prêmio de Viagem".



vemos restringi-los, retalhando a metade, senão o local não comportará tamanha concorrência.

A resposta foi a seguinte, provocada pela reação honesta e sem maldade:

— Todos têm o seu lugar ao sol. Se o Museu não dispõe de paredes, estas precisam ser inventadas, porquanto o direito universal não pode ser diminuído em favor dum homem só. Vivemos numa época de redenção, e o orgulho íntimo ventilará o sentimento superior?

Auscultando o ambiente, prevalecia a animosidade em muitos pontos de vista. Duma feita um personagem edificava a sua amargura. Possuidor da "Menção Honrosa", distilava frases que penetravam como gumes:

— Vendi mais de duzentos cruzeiros na minha última exposição. Estou certo da minha mentalidade impressionista, e quase sempre me renegam. O júri é desleal, contaminado pela política. Ainda direi pelos jornais o que penso, nem que tenha de despendar matéria paga. Quebrarei a minha palheta para sempre ou me mato.

Um conquistador de lauréis, inclusive "Prêmio de Viagem", nos explicou, dando de ombros:

— Exponho um "interior" que me custou trinta dias de sacrifício e uma tela, feita em horas, cujo tema são simplesmente "flôres". O "interior" ficará em meu atelier e as "rosas" serão vendidas logo.

Estas divergentes considerações, pronunciadas com ênfase, deixaram-nos isolados, praticamente, no domínio da apreciação pura.

Esperemos que os refletores, esparsos sobre as alas da Pinacoteca, possam discriminar o juízo da seleção.

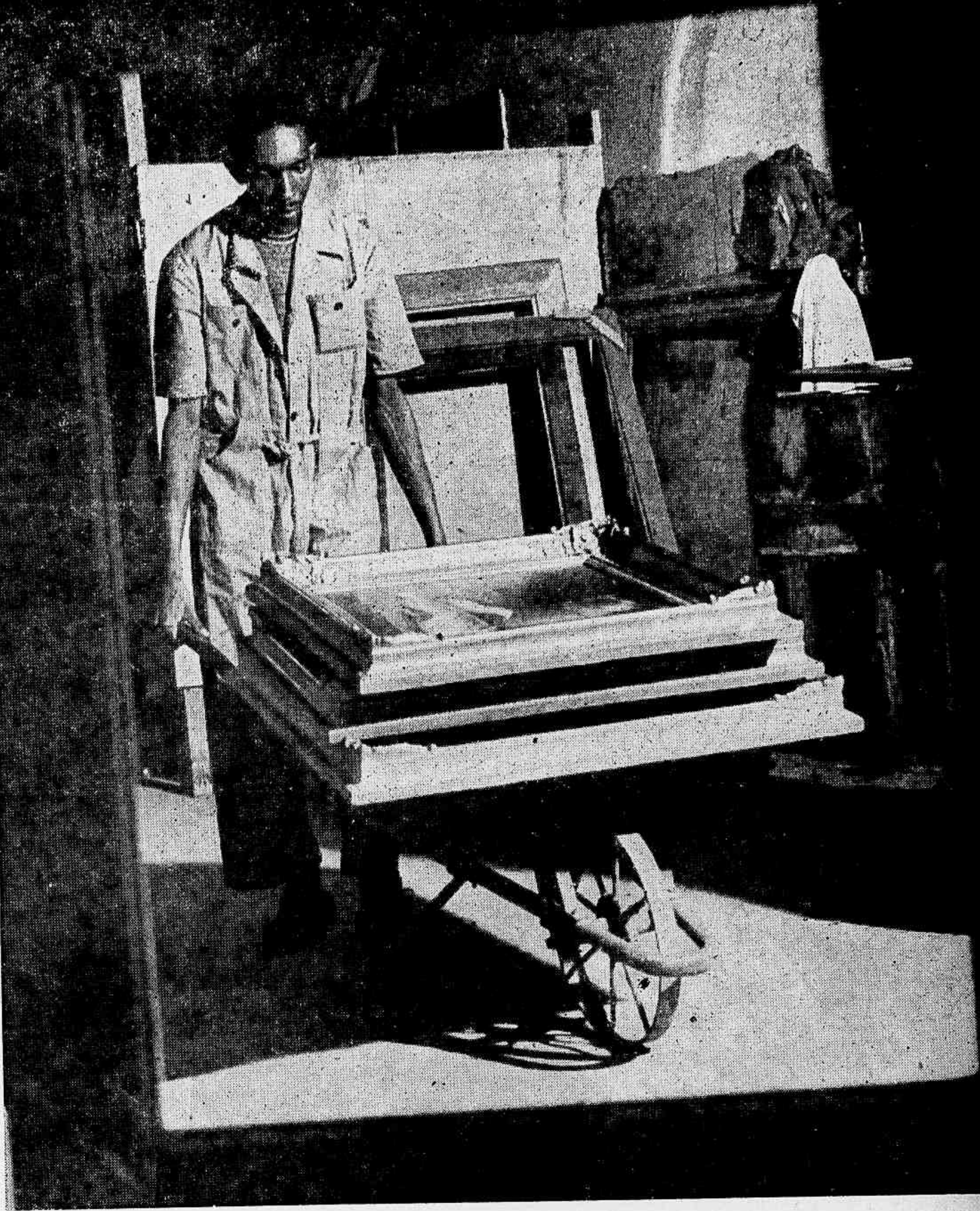
No ano findo a vitória máxima coube a um "moderno", quando se comemorava o cinquentenário do Salão Oficial, cujo primeiro prêmio foi doado ao excelente paisagista Batista da Costa.

A montagem do Salão Oficial é feita assim, e a respeito de arte vale-nos a mensagem consoladora de Edouard Schuré:

"O sentimento do Belo é a evocação dum paraíso perdido e a tristeza dum céu a conquistar."

Sob as ordens do Otávio, retirados dos caixotes, os quadros seguem para os retângulos do Museu, até de carrinhos: são as esperanças dum prêmio, a morte talvez duma ilusão. Depois a comissão organizadora dos "cortes" decidirá a alegria de um e a tristeza de outro que ficou pensando na glória, pintando durante o ano inteiro...

A expressão do pintor Katembach demonstra a aflição do momento imperioso do fechamento da inscrição. Embora ele seja um "hors-concours", o seu quadro precisa da moldura encomendada fora, e é telefonando que esse distinto pintor, cotado para membro do júri, reclama contra a demora. A montagem dum "Salão Oficial" é muito mais difícil do que se pensa: escorre o suor coletivo de muitas frentes para se conseguir depois o brilho da inauguração.



C I N E M A

A volta do filme francês

Os que estiverem acompanhando a série de exhibições do cinema francês que se realizam agora no Palácio da Educação, terão observado esta suprema verdade: o filme da França não cessou de ser produzido, mesmo durante a guerra. Nem sequer essas atividades foram cessadas no período de maior sofrimento, os quatro anos de ocupação alemã. Muito habilidosamente, os produtores enveredaram pelos motivos históricos, aqueles que de modo algum iriam chocar-se com os nazistas, assim mesmo falando da bravura e do idealismo do povo francês. Procuraram-se episódios contemporâneos de Napoleão, ou simples e bisonhos argumentos de comédia, cuja ação tanto poderia transcorrer em Paris como em qualquer outra capital do mundo, sem aspecto político ou histórico. O essencial era não estacionar, e os produtores de filmes franceses não estacionaram. Todos sabemos que também ali se fizeram filmes de propaganda germânica, por imposição das autoridades invasoras, mas os diretores, os artistas e os produtores evitavam, à medida do possível, interferir nessas realizações, mais entregues a elementos cola-

boracionistas. Acima do propósito de ganhar dinheiro, prevalecia por parte dos realizadores a intenção muito nobre de manter o fogo sagrado, o amor pela pátria, sem cruzar os braços, mas aguardando melhores dias que finalmente chegaram. Hoje a França pode reencetar suas atividades livremente, no cinema, contando-nos melhor o que sofreu sob o domínio da bota hitlerista, e muito terá que contar.

Mesmo essa temporada de cinema francês que a Embaixada nos está dando, não possui objetivos de indústria, mas puramente o de repor a França e as suas artes em circulação, mostrando-nos que ali não houve esmorecimento enquanto os soldados de De Gaulle se incumbiam da vitória.

Mas vamos encarar agora o aspecto comercial do cinema francês, pôsto que a sua feição artística está, como sempre, acima de qualquer discussão: quando terá o público ensejo de assistir a êsses vinte e quatro filmes e aos outros? Não há ainda negociações estabelecidas com os exibidores brasileiros nem intermediários para êsse excelente negócio. Uma advertência, porém, deve ser feita aos franceses cinematografis-



Raimu, que durante a guerra foi dado como morto, um dos grandes elementos do cinema francês.

tas, interessados em nos devolver o seu cinema: devem os estúdios da França evitar de todo jeito a venda avulsa de seus

(Continua na pág. 49)

Foi durante o intervalo do terceiro para o quarto ato da "Traviata" que um velho assinante da Temporada Lírica disse:

- Temporada fraca.
- Houve bons espetáculos, objetei.
- Mas houve maus espetáculos também. Quase que uma série ininterrupta de fracassos...
- Enfim...
- E o que eu não consigo compreen-

Jennie Tourel, na Adalgisa de "Norma", que este ano ouvimos no Municipal.



der é o caso dos artistas nacionais. Quando eles protestaram contra a organização da Temporada, a direção do Municipal resolveu o problema da maneira mais simples e mais cômoda: persuadiu a companhia contratada a convidar alguns brasileiros que, mais tarde, ingressaram no elenco como "guest-artists". Isto quer dizer que a situação era mais ou menos esta: os brasileiros, que estavam em sua casa no Municipal, receberam a notícia de que iriam ser despejados, sumariamente, para dar alojamento a um grupo de estrangeiros. Diante do protesto geral, porém, ficou estabelecido que ser-lhes-ia generosamente concedida permissão para ocuparem o quarto de hóspedes... de sua própria casa. Aliás, a medida não foi geral: nem Alice Ribeiro nem Violenta Coelho Neto de Freitas compareceram. E pelo menos um dos convidados ficou de fora: Reis e Silva. Mais felizes foram Maria Augusta Costa e Maria Helena Martins. Maria Augusta, por sinal, mostrou-se superior a qualquer vaidade profissional, aceitando dois papéis que podem ser considerados secundários. Apesar de tudo isso quem protestou? Os artistas estrangeiros, com raras exceções, não estiveram à altura da sua fama. Entretanto, a decisão do maestro Piergilli parece ter agradado a todos...

★

Não estou autorizado a revelar o nome do cantor que tão ardentemente defendeu

Carlos Gomes na animada discussão que se travou nos corredores do Teatro Municipal, durante um dos intervalos de "O Escravo".

Quando uma senhora lançou o epíteto fulminante de "compositor banalíssimo", o advogado X (chamemo-lo assim) protestou:

— A senhora não veio ouvir o "D. Pasquale"?

— Vim.

— E protestou contra a "banalidade" de Donizetti?

— Mas...

— Além disso, uma pergunta: a senhora é americana, não é verdade? E qual é o compositor de óperas americano que é ouvido no mundo inteiro como Carlos Gomes?

O "Tônico de Campinas" pode descansar tranquilo, porque enquanto for defendido dessa maneira nada tem a receiar.

★

Ainda sobre a temporada lírica.

Maria Starr foi uma das importações infelizes deste ano. Conta um colega que, após a vaia — aliás bem discreta — com que o público se manifestou, ela perguntou, nos bastidores:

— Quem é que eles estavam vaiando?

E' que os cantores, num corajoso gesto de solidariedade, tinham comparecido uni-

(Continua na pág. 49)

Aconteceu Durante a Temporada...

M U S I C A



Enlace Elfrida Person Machado Bastos-João Abranches Gonçalves Mattoso

Com excepcional brilhantismo, realizou-se no dia 19 deste mês o enlace matrimonial da senhorita Elfrida Person Machado Bastos, filha do falecido negociante Bernardo Pinto Machado Bastos e d. Maria Elfrida Person Machado Bastos, com o sr. João Abranches Gonçalves Mattoso, filho do sr. João Gonçalves Mattoso e sra. Euphemia G. Mattoso.

O ato civil foi realizado na residência da noiva, à rua Mariz e Barros 1058, às 16 horas, servindo de padrinhos os srs. Raul Guimarães e senhora, por parte da noiva, e Walter Kanitz e senhora, por parte do noivo.

Às 17 horas teve lugar na igreja da Candelária a cerimônia religiosa, sendo oficiante D. Jaime de Barros Camara, arcebispo do Rio de Janeiro.

No religioso foram padrinhos da noiva o sr. João Gonçalves Mattoso e senhora, e do noivo o dr. Luster de Castro e senhora.

Em seguida as famílias do jovem e distinto casal ofereceram, no luxuoso palacete da rua Mariz e Barros, uma elegante recepção às pessoas do vasto e seletto círculo de suas relações sociais.

Nesta página estampamos dois flagrantes das cerimônias nupciais.



O REGRESSO DO 3. ESCALÃO



Foi um impressionante espetáculo de civismo e brasilidade a recepção feita pelo povo da Capital ao Terceiro Escalão da Força Expedicionária Brasileira, chegado a bordo do "General Meighs", "Sweepstake" e "Duque de Caxias".

Os valorosos pracinhas, desembarcando no Cais do Pôrto, desfilaram garbosamente pela praça Mauá, avenidas Rio Branco e Presidente Vargas, tomando por fim, na estação D. Pedro II, condução ferroviária para a Vila Militar.

A grande massa de povo, formada ao longo dos cordões de isolamento que se estendiam por essas vias públicas, aplaudiu entusiasticamente os bravos heróis de Montese, Monte Castelo e Castelnuovo que, após duros combates e grandes sacrifícios, regressaram no dia 17 do corrente à terra do Brasil.

Durante quase uma hora desfilaram as unidades combatentes do Terceiro Escalão, compostas de corpos de infantaria e artilharia. Sob os vibrantes aplausos da grande

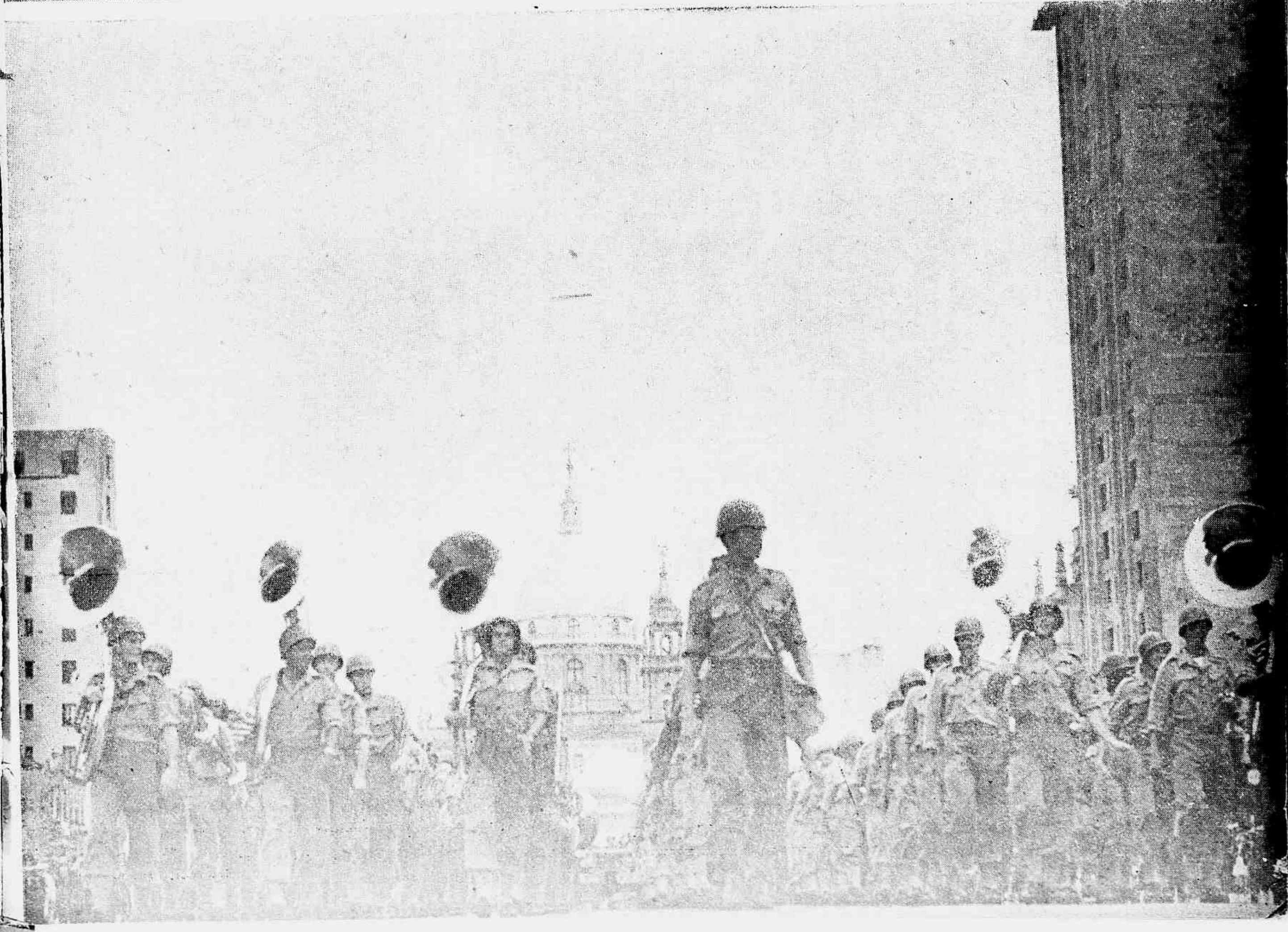
massa popular, passaram os pracinhas em passo marcial, as fisionomias sorridentes de quem cumpriu o seu dever honroso.

Muitos, entretanto, não regressaram. Lá ficaram no cemitério de Pistola, sepultados em túmulos singelos, muitos heróis do Brasil. Mas os seus irmãos que regressaram trazem para sempre no espírito a lembrança de seu heroísmo e a recordação de sua bravura.

O povo do Brasil demonstrou, na recepção feita aos bravos combatentes do Terceiro Escalão, que sabe cultivar os seus mortos e honrar os seus heróis.

Nestas páginas reproduzimos alguns aspectos fotográficos da chegada do Terceiro Escalão da FEB, apanhados na avenida Presidente Vargas quando os valorosos pracinhas desfilavam por aquela via pública. Nesta página, em baixo, aparece uma companhia do 11.º Regimento de Infantaria. Em cima, soldados da Infantaria Expedicionária marchando em passo ordinário. Na página a seguir, a Bandeira Nacional regressando gloriosa e invicta da Itália. E, finalmente, a banda de música que abriu o desfile.





25 obras de AFRÂNIO PEIXOTO numa primorosa COLEÇÃO JACKSON



Esta coleção de 25 Obras Literárias de Afrânio Peixoto

ESFINGE - Romance	RAMO DE LOURO - Ensaios
MARIA BONITA - Romance	AUTOS E LOAS - Teatro e poesia
FRUTA DO MATO - Romance	MIÇANGA - Folclore e história
BUGRINHA - Romance	VIAGEM SENTIMENTAL - Viagens
AS RAZÕES DO CORAÇÃO - Romance	HUMOUR - Humorismo
UMA MULHER COMO AS OUTRAS - Romance	ENSAIOS CAMONIANOS - Ensaios
SINHAZINHA - Romance	EUNICE OU A EDUCAÇÃO DA MULHER - Estudo
AMOR SAGRADO E AMOR PROFANO - Contos	VIAGENS NA MINHA TERRA - Viagens
TRISTÃO E IZEU - Romance	MAIAS E ESTEVAS - Ensaios
FOEIRA DA ESTRADA - Ensaios	PEPITAS - Ensaios
TROVAS BRASILEIRAS - Poesia (folclore)	INDES - Ensaios
PARABOLAS - Filosofia	E - Dicionário Afrânio
CASTRO ALVES: O POETA E O POEMA - Crítica	

Obras Seleccionadas e Revistas pelo Autor

Todas as obras de Afrânio Peixoto mereceram, quando do seu lançamento, as mais entusiásticas referências dos críticos literários, contando-se, entre estes, nomes famosos, como os de Coelho Netto, Humberto de Campos, Medeiros e Albuquerque, Ronald de Carvalho e outros. Apesar disso, a presente coleção somente compreende as obras de maior repercussão, seleccionadas e revistas pelo próprio autor. Pode-se, por esse fato, ajuizar o valor e interesse da "Coleção de Obras Literárias de Afrânio Peixoto".

ROMANCE - ESTUDOS - CRÍTICA - ENSAIOS - POESIA - VIAGENS

Produções escolhidas, em edição definitiva revista pelo autor. A mais perfeita observação dos fatos, a mais brilhante dança de idéias

TALVEZ nenhum outro escritor da língua portuguesa tenha abordado tão variados e sugestivos temas como Afrânio Peixoto. Este notável médico e higienista, e como tal conhecido e admirado no mundo inteiro, deu largas à sua vasta inteligência e cultura humanística, transpondo para suas obras literárias o profundo sentido de observação de que é dotado, e a facilidade e engenho com que maneja as mais diversas idéias e conceitos. Seu espírito brilhante, sua imaginação fecunda, seu perfeito conhecimento da linguagem,

tornaram possível a Afrânio Peixoto levar ao mundo de língua portuguesa uma vasta bagagem literária, que inclui romances de fina urdidura, crônicas brejeiras, crítica brilhante e aguda, ensaios e estudos variados e profundos. As já famosas "COLEÇÕES JACKSON" tiveram o prazer de publicar as obras literárias de Afrânio Peixoto, escolhidas e revistas pelo autor, em edição definitiva. E são estas magníficas obras que as "COLEÇÕES JACKSON" oferecem ao público, numa coleção de 25 volumes primorosos.

Uma apresentação caprichosa

Como se verifica em todas as COLEÇÕES JACKSON, a apresentação da "Coleção de Obras Literárias de Afrânio Peixoto" é feita caprichosamente, em 25 volumes encadernados em percalina grenat, de aparência agradável e muito resistente. Para os bibliófilos, temos destinado formosas coleções de luxo, de edição limitada, impressas em superior papel de linho e encadernadas em 3/4 de Marroquim, com arabescos e letras da capa em ouro legítimo, sendo cada volume autografado pelo autor.

Facilidade de pagamento - Pronta Entrega

Mediante o pagamento de pequena quota inicial, entregaremos prontamente a qualquer pessoa idônea, os 25 volumes desta coleção. O restante será pago em módicas prestações mensais, não sendo necessário fiador. Nestas mesmas condições, remeteremos a obra aos interessados do interior, providenciando para que os volumes sejam devidamente acondicionados.

UMA ENTRADA MÓDICA E ALGUMAS SUAVES PRESTAÇÕES MENSAIS

PEÇA INFORMAÇÕES ENVIANDO HOJE MESMO O CUPOM ABAIXO

GRATIS

Receberá, livre de qualquer despesa, um folheto descritivo da "Coleção de Obras Literárias de Afrânio Peixoto".

W. M. JACKSON INC. EDITORES

SÃO PAULO
Rua São Bento, 250
(loja)
Caixa Postal, 2.913
Tel.: 2-2348

RIO DE JANEIRO
Rua do Ouvidor, 140
(loja)
Caixa Postal, 360
Tel.: 42-0671

PORTO ALEGRE
R. dos Andradas, 991
(loja)
Caixa Postal, 475
Tel.: 5.736

W. M. Jackson, Inc. Caixa Postal, 360 — Rio de Janeiro
Queiram enviar-me "GRATIS", e sem compromisso algum, o folheto relativo à "Coleção de Obras Literárias de Afrânio Peixoto"

Nome
Profissão
Endereço
Localidade
Estado



"INTERMEZZO" MÍSTICO — Carmen Molina, em seu apartamento de Copacabana, entre um ensaio e um espetáculo, deixa-se estar assentada entre dois candelabros, pensativa, com expressão mística no olhar. Foi assim que conseguiu fotografá-la a objetiva de Arnaldo Vieira, num flagrante expressivo e magnífico.

A "ESTRELA" QUE DANÇOU COM ZÉ CARIÓCA

DANÇOU e era linda... Frágil, pequenina, dentro do matagal de cactus agrestes, coloridos e fantasmagóricos que vinham crescendo do fundo da tela para o primeiro plano, a figura da bailarina rodava em ritmo harmonioso, serena e bela, esquiava e fugidia... O Pato Donald, como um palhaço grotesco que corre em piruetas bufas atrás da moça do cavalo, pulava de um lado para outro do "écran", perseguindo a bailarina morena, que fugia sempre, dentro da floresta de cactus multicoloridos. E a vegetação áspera ganhava vida e movimento, e bailava também, ao som da música bárbara e suave, agressiva e nostálgica, que se evolava do fundo do movietone como saída de um sonho azteca.

Dançou e era linda... Em seus passos estava prêsa toda a poesia mística das savanas nuas, toda a beleza selvagem e rude das ruínas aztecas. Na tela o technicolor reproduzia agora uma sucessão de cores vertiginosa e impressionista, que punha ainda mais tonto o pobre Pato Donald. E tudo dançava: cactus, cores, paisagens. As próprias notas musicais pareciam também dançar, dentro da obscuri-

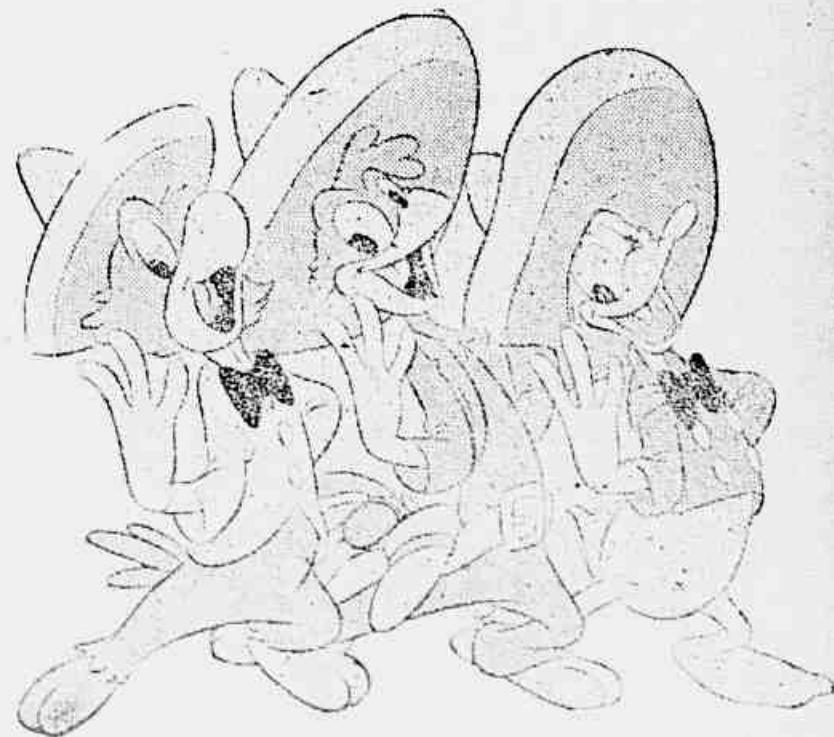
dade da sala de projeção. Dançava também, transportada para o México, a imaginação dos espectadores. E os "tres caballeros, três mosqueteros" dançavam também, pulavam desencontradamente, enquanto a morena rodava ao ritmo da música nostálgica e simples, que vinha de muitos séculos atrás, emigrada das aldeias aztecas, dos acampamentos dos guerreiros nativos. Era a música do México que entrava no coração pan-americano de Donald, Zé Carioca e Panchito. E eles por um momento, esquecida a solidariedade continental, tentavam um "round" de box a três, como os velhos cavaleiros medievais, que nos torneios sangrentos disputavam o coração de uma dama.

A bailarina sumiu-se no fundo da cena, deixando os três cavalleiros a ver navios. E quando as luzes se acenderam na sala de projeção, ainda pairou muito tempo no ar aquela música alegre e triste, heróica e amorosa, que era a própria alma do México transportada para as cinco linhas da pauta.

E' assim quando dança Carmen Molina: o México invade o ambiente, a música do México enche os corações, a sensibilidade do es-

pectador se volta para o México. Vem nos chegando à imaginação, trazidas pelo ritmo dos passos e pelos acordes da orquestra, as serenatas românticas tocadas em bandolins apaixonados sob as "ventanas" floridas. To-

TRÊS BAMBAS — Estes são os amigos pan-americanos, inseparáveis e queridos. Mas por causa de Carmen Molina quase se atacam.





ma-nos de assalto a alma a nostalgia do marinheiro saudoso, que entre os rolos de cordoame, na cobertura do cargueiro, canta sentidamente "La Paloma". Enche-nos o coração a beleza tropical dos pagos serenos dormindo ao luar, pontilhados aqui e ali pelos "ranchos" brancos que alvejam dentro da planície extensa.

E a imaginação trabalha. Enquanto Carmen Molina dança passam pelo palco romances e revoluções, porque a história do México se fez com as palavras dos namorados e o sangue dos heróis. Quando dança a pequena e bela mexicana, deixamos as cadeiras dos cinemas e vamos, transportados no tapete mágico dos sonhos, à terra velha e heróica dos aztecas. Atrás dos passos da bailarina e da música da orquestra estão se desenrolando os combates sangrentos da colonização. Os nativos bravios tombam sobre as planícies

subjetivo, lançou dentro do seu pequeno eden num genesis magnífico de aquarela e celulóide.

UMA "ESTRELA" DO MÉXICO BRILHA NO BRASIL

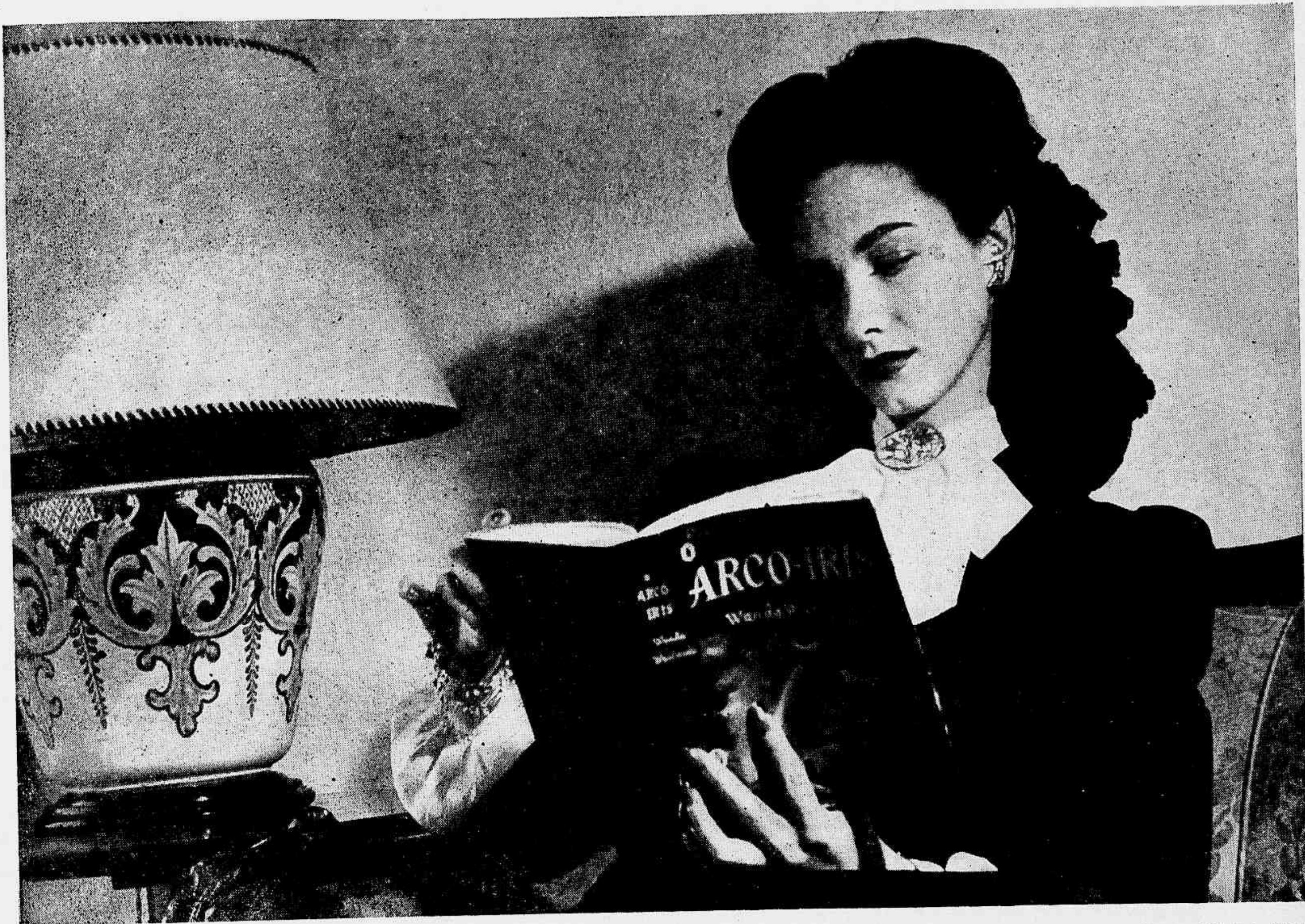
Estamos agora, porém, diante de outra Carmen Molina. Num apartamento de Copacabana, poucos metros acima do nível instável das águas do Atlântico, conversamos com uma mocinha bonita, alegre e comunicativa, que nos conta coisas do México e de Hollywood. Para chegar até a sua residência não necessitamos depositar cartões de visitas em salvas de prata. Não vimos diante de nós erguer-se a barreira de "gorilas" e agentes de publicidade que cerca em geral as "estrelas" cinematográficas, tornando-as inacessíveis à curiosidade dos "fans" e mesmo às perguntas dos jornalistas. Ao contrário, fomos en-

A história da estréia de Carmen Molina no cinema, na primeira sequência em superposição de traços e fotografias, é uma história pitoresca e interessante que merece ser citada:

WALT DISNEY, OS INOCENTES, ETC.

Como temos o nosso Primeiro de Abril, o México tem também o seu dia das mentiras, que é comemorado justamente na data consagrada aos Santos Inocentes. É uma comemoração popular que a ninguém passa despercebida na terras dos aztecas. Todos querem "tapear" o próximo nesse dia; cada habitante do México tem sempre uma peça a pregar ao amigo, nessa grande data.

E tudo aconteceu num "dia de los inocentes". Carmen Molina, a bailarina, havia sido vista por Walt Disney durante o giro que



"O ARCO-IRIS" — Moça culta e inteligente, Carmen Molina tem na leitura o seu melhor passatempo. Ai está ela lendo um dos maiores romances modernos: "O Arco-Iris", de Wanda Wasilewska. A história que se desenvolve no romance é como a história do México, cheia do sofrimento dos heróis e da maldade dos tiranos. Os personagens de "O Arco-Iris" são como aqueles bravos que lutaram ao lado de Juarez e de Madero. Carmen Molina vê no romance uma reminiscência de sua terra.

pátrias, com as aljavas inúteis prêsas à cinta, pequenos e vencidos diante dos arcabuzes bárbaros do invasor. Em nossa frente surgem agora os heróis de Juarez e de Madero, atirando-se contra príncipe e ditadores. Pancho Villa aparece, embaixo do sombrero enorme de bom bandido, seguido pelos guerrilheiros que marcham em fila, ao som de "La Cucaracha". E dança a figurinha pequena e frágil entre a melodia das canções de amor e o estampido das revoluções.

Assim foi quando ela apareceu na tela, ao lado dos três heróis americanos que o gênio creador de Disney, Jeová do nosso mundo

contrar uma moça simples, quase uma menina, igual a todas as moças, se fossem todas as moças bonitas, graciosas e simpáticas.

Carmen Molina chegou ao Brasil, vinda do México, a bordo de um avião da linha continental, em companhia de seus dois irmãos, que com ela contradançam em muitos de seus números. Chegou e venceu. A sua arte inimitável de dançarina regional, que já empolgara Walt Disney quando a viu dançar na cidade do México, conquistou em poucos dias a admiração de todos os cariocas. Ela chegou, porém, trazendo consigo a glória de uma grande realização cinematográfica e a consagração da fama mundial. Como foi, porém, que esta "estrela" mexicana, que agora brilha entre a constelação do Brasil, alcançou essa popularidade e essa glória? A custa dos recursos de publicidade tão em moda na terra do cinema? Podemos afirmar que não.

o pai do Camondongo Mickey fez pela América. Mas nunca supusera que o seu bailado tivesse impressionado a tal ponto o creador de "Dunga", que ele a viesse convidar para tomar parte em uma produção sua.

Tudo, porém, pode acontecer. Podem até acontecer coisas verdadeiras num "dia dos inocentes". E nessa data, estando a bailarina em casa, recebe um telegrama, assinado pelo grande desenhista, convidando-a a integrar o elenco de "Você já foi à Bahia?". O leitor acreditou? Nem ela. Riu muito, achou muito engraçada aquela "inocentada" e apreciou bastante o espírito do autor do telegrama apócrifo.

Quem não achou graça nenhuma na falta de resposta foi Walt Disney, autor verdadeiro da mensagem, que pouco depois telegrafava de novo à bailarina, pedindo-lhe pelo menos uma recusa.

ASSIM É O MÉXICO — Quatro instantâneos de Carmen Molina, envergando um traje típico de mexicana. Podemos ver assim, no Rio de Janeiro, um pedaço do próprio México poético e lindo. Preparando-se para o espetáculo, Carmen faz o seu "maquillage" com um moderno "báton" americano. O México tem progredido muito, mas ainda conserva a sua graça primitiva na dança de seus "paizanos" e no próprio sorriso de suas mulheres.

Em vez da recusa quem apareceu em seus estúdios foi a própria Carmen que, pulando de contente, voou a Los Angeles, não querendo de maneira alguma perder aquela bela oportunidade que se lhe oferecia de aparecer na tela.

E foi então que se fez companheira do Pato Donald, Zé Carioca e Panchito. Mal ela dançou, porém, começaram os três a brigar, três galãs disputando uma linda morena. O sangue americano dos valentes, efervescente e aquecido, levou-os quase às vias de fato.

Donald era o mais arrojado da trinca e foi logo tentando se aproximar da linda mexicana. O galo porém, que conhecia o ambiente, tentou fazê-lo desistir da idéia. Mas o Pato insistiu. A esse tempo o malandro do Louro já havia caído na dança e batia os pés em compasso abraçado ao seu guarda-chuva.

Terminou o baile. O tapete mágico em que viajavam os três pan-americanos levantou vôo. Donald, encantado com a bailarina, não queria se arredar de maneira nenhuma. Foi necessária a intervenção do guarda-chuva do Zé Carioca para guindá-lo à "aeronave". No tapete ainda houve uma ameaça de troca de murros entre os três amigos, por causa da morena mexicana. E foi assim que a solidariedade continental e a boa vizinhança quase fora mestragadas pela dança de Carmen Molina.

A BOA MENINA

No palco Carmen é uma grande bailarina. Como todas as grandes artistas de seu gênero, não desconhece os maiores segredos da dança clássica. Mas prefere entretanto o bailado mexicano, a dança regional e rústica cheia de ritmos espanhóis e indígenas, a dança que nasce da própria alma do povo do México e

faz vibrar todos os corações mexicanos. E Carmen Molina conseguiu o que queria — levou a todo o mundo, dentro das latas onde se guardavam as cópias de "Você já foi à Bahia?" a dança popular do México, que hoje é admirada em todos os países graças à sua arte inimitável.

Mas em casa Carmen é apenas uma moça trabalhadora, entretida sempre com a leitura ou com os arranjos domésticos. Apesar de ainda não ter muito tempo de Brasil, já sabe perfeitamente a dificuldade de encontrar uma empregada no Rio de Janeiro. Após procurar inutilmente uma doméstica para o serviço de seu apartamento, resolveu o problema que parecia insolúvel, comprando um avental. Foi com essa indumentária que a fomos encontrar, entregue ao trabalho de encerrar o seu apartamento.

Conversando com a bailarina, íamos ao mesmo tempo observando o que tínhamos em redor. Sobre um móvel colonial enfileiravam-se vários "bibelots", entre os quais um velho ídolo japonês, bárbaro e pangudo, que se agachava ao pé de uma figura branca de Confúcio. A curiosidade nos leva a perguntar a Carmen a significação das pequenas estátuas. E ela nos responde acariciando o velho Confúcio:

— Este é meu "porte-bonheur". Acompanha-me há muito tempo e a ele atribuo todos os meus sucessos.

— E aquele outro, senhorita? — perguntamos apontando a figura japonesa.

— Este tenho-o aqui como alvo de injúrias. Quando passo por ele tenho que fazer obrigatoriamente uma figa. Para evitar quebrantos, o senhor compreende...

Carmen Molina pouco falou de si mesma. Contou-nos coisas do México, conversou

(Continua na pág. 58)

TEMPOS BICUDOS — No Rio de Janeiro é muito difícil uma empregada. E Carmen Molina sabe disto. Por isso resolve ela mesma os seus problemas domésticos, trabalhando de avental e boa vontade. Ei-la dando lustro ao assoalho.

UM TAPETE TÍPICO — Carmen e seus dois irmãos examinam os bordados de um velho tapete tipicamente indígena. Esse tapete, que tem um nome esquisito, é um ornamento que aparece repetidamente nas paredes de seu apartamento. Os três irmãos estão confabulando sobre o local em que deverá figurar o novo exemplar da coleção. Mas isso será tapete mesmo ou cobertor?

UM ÍDOLO CHINÊS — Verdadeira filha do velho, heróico e libertário México, Carmen Molina tem verdadeira idiosincrasia pelos bárbaros e pangudos ídolos japoneses, ao passo que conserva em sua casa, com todo amor, esse velho "bibelot" chinês, que reproduz a figura de Confúcio, o positivo. Enquanto ela "conversava" com o seu velho e filosófico amigo, colheu-se este flagrante.



QUEBRA-CABEÇA

Conto de
MARY TREEN



Antes de morrer ela olhou-os, satisfeita...

De repente as luzes se acenderam e alguém disse:

— Ela está morrendo, de verdade.

A mulher ainda teve tempo de lançar um olhar em torno, um olhar triunfante, antes de fechar os olhos para sempre.

★

— Eu acho, Mitch, que esse fim de semana está muito ca-cete.

— Você vem dizer isso a mim? Eu não sou a dona da casa. Sou, simplesmente, mais um convidado do sofredor.

— Afinal de contas, por que foi que aceitamos o convite?

Mas isso se passou antes, muito antes dela morrer, antes daquele último olhar vitorioso. Aconteceu muito antes; porém sem conhecer este incidente não se pode compreender o crime.

Os convidados estavam entediados. Afinal de contas, miss Halloween dissera que teria divertimento especial durante aquele fim de semana, e somente por causa daquela promessa haviam vindo. Mas, na verdade, nada estava preparado e não havia nenhum programa de diversões. Depois das refeições eles vagavam, de sala em sala, à procura de alguma coisa para fazer. Não se conheciam intimamente, e no entanto aquela casa enorme os unira. Conversavam.

Mitch Burrows olhou para Dan Dury e disse:

— Vamos tomar conta da festa?

— Como?

— Já que ela não preparou nada para nós, vamos tratar de preparar tudo nós mesmos. Chame o criado. Quem sabe se não

há alguma excursão interessante aqui por perto?

Tocada a campainha apareceu o mordomo, empertigado:

— O senhor chamou?

— Escute... Como é seu nome mesmo?

— Stevens, senhor.

— Pois escute, Stevens: há aqui por perto algum lugar aonde possamos ir? Algum passeio interessante?

— Temo que nas vizinhanças não haja nada.

Mitch suspirou:

— Mas espere: é costume serem convidadas pessoas para passar o fim de semana aqui?

— Sim, senhor. Miss Halloween sempre convida amigos para cá.

— E todos os fins de semana são assim vãos, sem divertimentos?

— Oh, não, senhor.

— Por que isso, então?

— Não sei não, senhor. As pessoas que vêm aqui são em geral muito satisfeitas. Há serões alegres. Jogos, divertimentos...

— Jogos? Bridge?

— E "quebra-cabeças". Esse é um dos preferidos de miss Halloween.

— Quebra-cabeça? Você quer dizer um quebra-cabeça comum?

— Não, senhor. Esse jogo é uma invenção de miss Halloween. É até muito incomum. É uma combinação do velho jogo de homicídio com o velho jogo de quebra-cabeças comum. Foi miss Halloween quem descobriu a semelhança e pensou em combinar os dois jogos...

— Como é feito o jogo?

Mais tarde lembrar-se-iam amargamente em casa de um dos detalhes da explicação de Stevens.

Depois do jantar miss Halloween pediu desculpas, disse que tinha uma forte dor de cabeça, e retirou-se.

— Estejam à vontade — disse antes de sair.

Imediatamente Mitch propôs o jogo.

— Vamos jogar alguma coisa?

— Que há de ser — perguntou uma das senhoras presentes.

— Um jogo que a nossa anfitriã aprecia muito — disse Mitch.

★

Depois de estar tudo combinado, ele pensou que talvez devesse ter avisado miss Halloween que iam jogar aquele jogo. Mas não havia mais tempo. Era preciso pôr em prática o plano traçado para o jogo.

Stevens explicara bem claramente:

— Um deve ser assassinado.

— Assassinado?

— Bem — dissera o mordomo com um sorriso. — Fingir que é assassinado.

— Como?

— Não conhece o jogo de homicídio? Um dos convidados é escolhido para vítima. Apagam-se as luzes, e aquele que quiser matar a pessoa chega perto dela e bate-lhe no ombro. Acendidas as luzes faz-se um interrogatório, por meio do qual deve-se descobrir o criminoso. É então nomeado um detective oficial.

— É um jogo conhecidíssimo.

— Porém o modo pelo qual miss Halloween o joga não é tão famoso.

— Explique.

— Ela combina que o assassino deverá deixar uma série de provas bem difíceis, porém através das quais será possível descobri-lo.

— Como é isso?

— O assassino deverá deixar provas, de modo que seja difícil mas não impossível descobri-lo. Este é o quebra-cabeça. E quando os outros confessam que não descobrem a maneira pela qual pode ter sido assassinada a vítima nem quem a assassinou, o detective dá um sinal e o assassino se revela e é obrigado a demonstrar como matou; e mais ainda: há uma condição imprescindível.

— Qual?

— É preciso que ele mostre que era possível descobri-lo, dadas as provas que tinha deixado. Nesse caso ele ganha o jogo e seu crime é considerado perfeito.

★

Todos aplaudiram a idéia do jogo.

— Crime?

— Eu adoro romances policiais — disse uma moça.

— Vamos.

Todos aceitaram com gratidão a sugestão de um divertimento interessante.

— Mas como vamos planejar?

— Não é preciso planos — disse Mitch. — É essa a graça do jogo.

— Mas, e se não houver crime?

— Como?

Os outros convidados pararam e contemplaram aquele que tinha protestado.

(Continua na pág. 44)



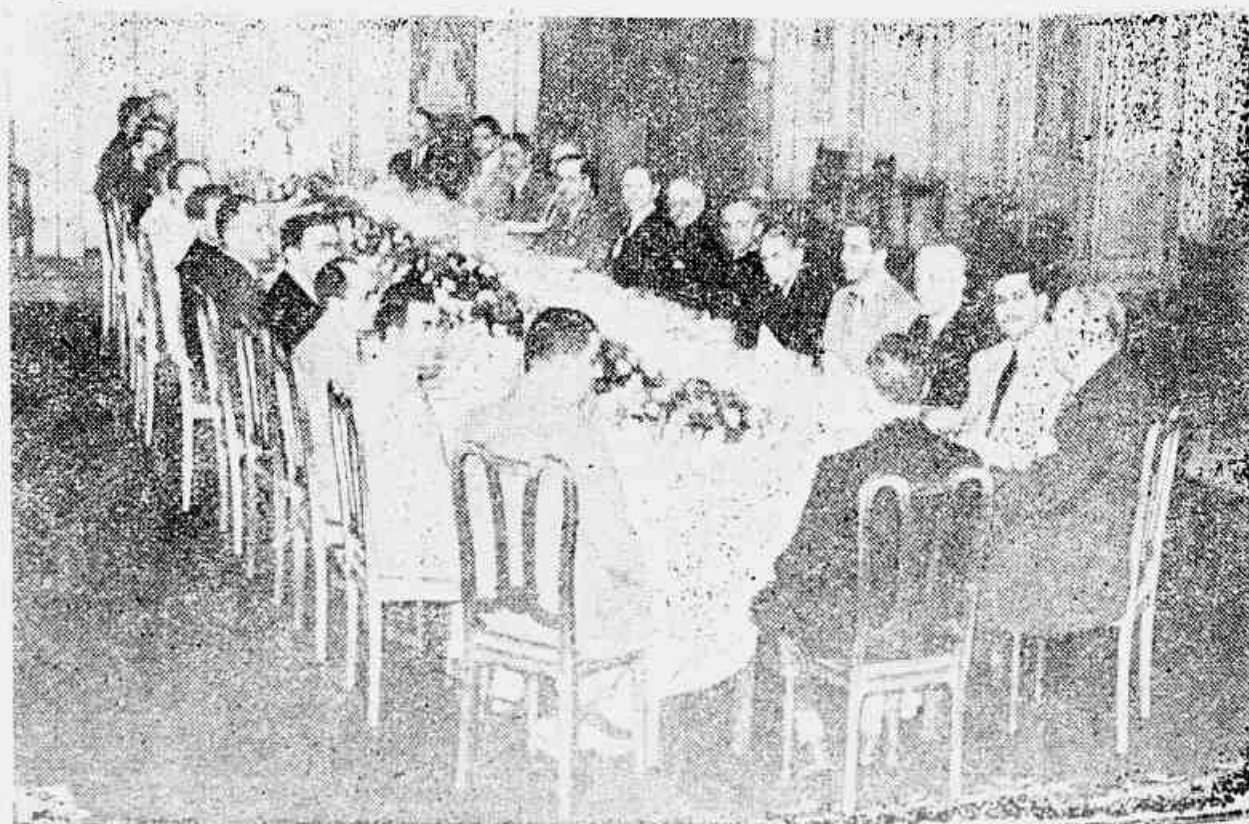
ECOS DA 1.ª EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE CARANGOLÁ — Nas fotografias acima estampamos três fases da cerimônia de encerramento do referido certame, quando o secretário da Agricultura de Minas Gerais fazia a entrega dos prêmios aos vencedores. Na da esquerda, o sr. João Pedro Magalhães Lourenço é cumprimentado pelo sr. Lucas Lopes pela vitória do magnífico "Zagal", campeão da raça Holandesa preta e branca. Na do centro, o sr. Pedro de Oliveira, prefeito de Espera Feliz, recebe daquele titular o bronze que lhe coube pelo triunfo da vaca "Esponja" no Concurso Leiteiro. E na gravura à direita é entregue ao sr. Sebastião Rocha, prefeito de Tombos, também pelo sr. Lucas Lopes, uma rica taça como prêmio pelo campeonato da raça Holandesa vermelho e branco, alcançado pela vaca "Gratiana".

Na igreja São José realizou-se no dia 8 de corrente o enlace nupcial da sta. Romilda Fraga da Silva com o sr. José Gomes. A gravura mostra-nos um flagrante dessa solenidade, batido quando a noiva apunha a sua assinatura ao ato, findo o qual foi oferecido aos convivas um lauta mesa de doces na residência da família Fraga da Silva.

ROSS SISTERS — Deve chegar ao Rio dentro de alguns dias o famoso trio Ross Sisters, que atuou com grande sucesso no filme "Viva a Folia" e que vem de ser contratado para uma temporada no Casino Atlântico, onde apresentará interessantes números de contorsionismo. A gravura mostra-nos os componentes desse afamado trio, — aliás três bonitas figuras femininas.



No Automóvel Clube do Brasil realizou-se a 26 de agosto último o almoço de homenagem dos estatísticos e geógrafos brasileiros ao professor William Rex Crawford, oferecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O homenageado, que exerceu as funções de adido cultural à Embaixada dos Estados Unidos em nosso país, vê-se no flagrante ao lado do embaixador José Carlos de Macedo Soares, presidente do I. B. G. E.



FIGURAS E FATOS



Nádia Náira Gloria, filhinha do casal Heloisa Helena-Paulo de Magalhães, no dia do seu quarto aniversário natalício, quando a aniversariante reuniu um grupo de amiguinhos em sua residência, a quem ofereceu uma interessante festinha. Nádia recebeu muitos mimos e felicitações por motivo da sua grande data.



O casal dr. Epitácio Pessoa Cavalcanti recepcionou em seu palacete, na Gávea, a sociedade carioca, oferecendo-lhe um "cock-tail" festivo, com o comparecimento de ilustres figuras do mundo político, científico, intelectual e financeiro. A recepção, que se realizou no último dia de agosto, deu ensejo a que se apreciasse o gosto e arranjo artístico da mansão da Gávea, instalada num parque de águas correntes, estátuas de mármore, profusa iluminação e canteiros floridos. A festa decorreu encantadora, sendo de salientar a maneira distinta com que a sra. Ana Clara, esposa do sr. Epitácio Pessoa, recebeu os convidados, a todos proporcionando atenções e cuidados de grande dama. A brilhante reunião compareceram os mais destacados elementos das nossas classes sociais.



A menina Sonia Teresinha, dileta filha do sr. Benjamin de Melo Filho e de sua esposa d. Leonie Ramos de Melo.



Senhorita Maria Helena Lacerda, eleita "Miss Princesa" pela Comissão de Honraragem, Assistência e Recuperação A FEB de Curitiba, numa bela e agradável reunião em favor da Casa do Expediente, com a presença de convidados do Recife, Guanabara, Petrópolis, São Carlos e outras localidades do Rio de Janeiro e do Estado do Rio de Janeiro.

ESCRAGNOLLE DORIA VOLTAS DA FORTUNA

A mitologia greco-romana caracterizou bem as incertezas da vida. Personificou-as na deusa Fortuna, sentando-a sobre uma roda, e rodas pedem voltas contínuas. No destino dos homens delas oferece a Fortuna constantes exemplos. Tomemos alguns

1792 e 1823

Entre os réus da Inconfidência Mineira figuraram José de Rezende Costa Pai e José de Rezende da Costa Filho. Trazidos a prisão no Rio de Janeiro, a 19 de abril de 1792 achavam-se reunidos pai e filho, e outros companheiros de infortúnio, para ouvirem todos longa sentença lida pelo desembargador Alves da Rocha.

A sentença declarou os Rezende Costa passíveis de pena capital, em breve comutada para degredo na África e por dez anos. A atenuação da pena seria agravada pela circunstância de separarem-se pai e filho no cumprimento da punição, menos punitiva se conjuntamente suportada.

Rezende Costa Pai cumpriria degredo em Bissáu, na Guiné portuguesa; Rezende Filho em Cabo Verde, no vulcânico arquipélago com expressiva ilha de Fogo.

Pai e filho seguiram para a África em condições diferentes, na provação, um envelhecido, de forças subtraídas pela idade associada aos sofrimentos de alma e de cárcere; o outro tendo ainda por si o futuro, a juventude, e esses atentos aos vinte e sete anos ajuntando os do amor.

Poeta mineiro, Amedeo Perrel — em versos de um seu poemeto "A Tragédia dos Onze", localizando figuras e sucessos da Inconfidência, diz Rezende Costa Moço apaixonado por Maria Eligência, a filha de Alvarenga Peixoto e Barbara Heliodora, a autonomia da Princesa do Brasil custou caro a Maria Eligência.

Rezende Costa Pai finar-se-ia no degredo; o filho dele triunfando, a ponto do governador de Cabo Verde confiar-lhe distintos empregos, como os teria da África passado a Lisboa, para no Rio de Janeiro, onde fôra livrado da força, exercerse altos cargos da fazenda. Aposentava-se

Luiz Napoleão Bonaparte, em 1851 Presidente da Segunda República Francesa.



Rezende Costa no Primeiro Reinado, em 1827, com a mercê do título de Conselheiro de Sua Majestade o Imperador.

Ainda mais: Minas colocou o Conselheiro Rezende Costa entre os seus representantes na Constituinte de 1823 e na primeira legislatura ordinária de 1826.

Para mostrar a singularidade da presença do constituinte e do deputado geral no seio de duas assembleias, não é possível deixar de lado um julgo de Joaquim Manoel da Macedo, o seguinte:

"José de Rezende Costa, com o caráter de deputado à Constituinte do Brasil independente e livre, sentou-se ufano na sala da assembleia augusta no mesmo edifício onde, abraçado com seu pai, velara uma noite de agonia no oratório."

Dado por nascido em 1765, Rezende Costa morreu em 1841.

1837 e 1851

Nascido em 1808, sobrinho carnal de Napoleão, o príncipe Luiz Napoleão, filho de Luiz Bonaparte e Hortência de Beauharnais, adoleceu quando o tio, o homem do sol de Austerlitz, conhecia o cativo de Santa Helena em longos dias e tristes noites.

Juvenesceu Luiz Napoleão entre recordações constantes da epopéia napoleônica. Ensinou-lhe a mãe, aproveitando disposições do filho, a ter fé na sua estrela, possível de rebrilhar num Terceiro Império, o Segundo eclipsado com aquele rei de Roma reduzido pela Áustria a duque de Reichstadt.

Aos vinte e seis anos de idade, capitão de artilharia no exército suíço, lembrado do quanto aquela arma pesara no destino militar do tio, Luiz Napoleão esperava hora do ressurgir de império napoleônico confiado à sua pessoa.

Em 1834, escrevendo a amigo, dizia o príncipe: "Desde alguns dias começo a subscrever-me Napoleão. Na verdade este nome é um tanto, mas saberei trazê-lo, seja qual for a condição na qual me coloque a sorte".

Em obediência à sorte, o novo Napoleão começou a agir aproveitando a influência do bonapartismo ainda em fervor na França. Sobre esta reinava Luiz Felipe, não sem desconhecer riscos de vida por tentativas de regicídio, sempre de emboscada a soberanos.

Jogando com a sorte para destronar Luiz Felipe, Napoleão valeu-se do elemento militar, no qual figurava tanto bonapartista fanatizado pelas glórias de armas do Primeiro Império.

A 30 de outubro de 1837, tentou Napoleão sublevar a guarnição de Strasburgo. Salu-se mal, e preso foi pôto em liberdade sem julgamento.

Contentou-se Luiz Felipe em mandá-lo para os Estados Unidos, dando-lhe passagem a bordo de navio de guerra, a fragata "Andromeda", condecorada com o nome de quem, mitologicamente, se expusesse a tras de Netuno por disputar prêmio de beleza às nereidas.

Luiz Napoleão passava pelo Rio de Janeiro nos dias da regência Araújo Lima. Pensando talvez sob nublados céus na fracassada tentativa de Strasburgo e na possibilidade de outra tentativa, o viajante não seguiu desarmado. O turista constrangido pertencia a terrível raça humana que a Fortuna gosta de ajudar, a raça dos persistentes fleumáticos.

Por isto, em 1851, um ministro brasileiro em Paris, José Marques Lisboa, entrava com cerimonial no palácio dos Eliseus para apresentar credenciais ao governo da Segunda República Francesa, a cuja frente, em vésperas de impador, estava o passageiro da "Andromeda" em 1837.

1847 e 1873

A 13 de março de 1847, na capital da província das Alagoas, dois réus entravam em julgamento, no júri.

Presidia-lhe sessões o juiz de direito dr. José Candido Pontes Visgueiro, ao lado de promotor, o dr. Candido José de Moura, de escrivão, José Faustino de Amorim.

Visgueiro era magistrado de carreira, no hábito de julgar pelo alegado e provado, embora duas vezes legislador, deputado definitivamente tornado à toa.

O promotor Moura, formado em Olinda em 1842, ensinava prática forense, e o dr. Antonio Ribeiro de Moura Junior, outro diplomado pelo Curso Jurídico de Olinda, defendia dois réus acusados de crime de envenenamento, e crime das alcôegas.

Sentaram-se por ele os culpados no banco sem encôsto, corrido, no qual o desconforto físico se ajunta ao moral. E a sessão começou monótona durante a leitura do processo no silêncio da sala, os jurados devendo ouvir com maior atenção para bem decidir em sua consciência.

Depois cada uma das três principais figuras do ato desempenhou seu papel, o juiz presidindo, cumprindo formalidades, o promotor fazendo maior ou menor carga aos réus como órgão de justiça pública, o defensor procurando inocentar os réus ou invocando atenuantes.

A 10 de março de 1847, após as costumeiras centas das sessões do júri, os jurados recolheram-se à sala secreta para julgamento condenatório ou absolutório.

A volta de um conselho de jurados da sala secreta é sempre de ânsia para os réus. Condenados? Absolvidos? Terríveis se momentâneas interrogações, das quais o auditório participa, interessado ou curioso.

Conhecida decisão do tribunal popular a 10 de março de 1847, dele o juiz presidente tinha de proferir sentença. Lavrou-a de morte, na força, conformando-se com a decisão do conselho de jurados e na mão de um magistrado a pena deve tremer um tanto ao lavrar sentença que suprima vida ou vidas.

Corridos tempos, anos sucedendo ao somar de dias, o juiz da comarca das Alagoas em 1847 continuou carreira nela elevado a desembargador com exercício no Maranhão.

Aí, assaltado de paixão doentia por uma decada, crime sentil arrasta o infeliz magistrado a bárbaro e incabro homicídio, por ele era o juiz de 1847 conduzido a barra do Supremo Tribunal de Justiça, a julgamento especial. Curvados à lei, os ministros do tribunal condenou o réu a prisão perpétua. Pena cumprida por pouco tempo, logo a morte indultando da vida um desditoso, em nome da misericórdia divina.

1859 e 1865

Na manhã de 28 de setembro de 1859 realizava-se festa grande nos estaleiros da Companhia da Ponta da Areia, em Niterói.

A chamado do presidente da Companhia, o barão de Mauá, entrava nos estaleiros niteroienses um seleto grupo de convidados.

Vinham presenciar a experiência do vapor encomendado pela Companhia de Navegação do Alto Paraguai, destinando-o a viagem entre Montevideu e Corumbá.

Mauá e o engenheiro construtor Alfredo Mendel receberam os convidados de honra, também presente aquele que nas festas públicas se apresenta por convite próprio: o povo.

"Marquês de Olinda" tal o nome do vapor a inaugurar e pôr em marcha. Assistia à festa quem em 1837 era comente Pedro de Araújo Lima. Na manhã de 1859 o marquês ex-regente do Império via-se alvo de homenagem prestada pela Companhia de Navegação do Alto Paraguai até em figura de preta em o novo navio.

Merceu aplauso geral o vapor de garbo no seu novo enfolha. Acomodava com folga quarenta passageiros, folgadamente vencida onze milhas horárias. Vence-las-las sem custo em navegação pacífica até 1864.

No fim deste ano o "Marquês de Olinda" teve a bordo pessoas de muita qualidade, figurando na lista dos passageiros, como Frederico Carneiro de Campos, coronel do exército e presidente nomeado de Mato Grosso.

O viajante fôra deputado geral, presidira à Paraíba do Norte, e em 1864 designado para reger nova e longínqua província.

Outro destino, o de D. matisculo, aguarda Carneiro de Campos. Em rota habitual, o "Marquês de Olinda" deixava oceano, entrava em águas fluviais rumo de Assunção, onde Solano Lopez rumiava ataque ao Brasil.

O navio escolou na capital paraguaita, sem óbices seguidos para Corumbá. Entrementes Lopez ainda hesitava, afinal vencendo dúvidas ordenou a detenção do "Marquês de Olinda", trazido a Assunção pelo vapor paraguaita "Igurel".

Dos embarcados no vapor brasileiro só três lograram liberdade: um inglês, maquinista do navio, um italiano e um negociante em Mato Grosso, Leite Pereira, que, vindo ao Rio de Janeiro, deu a este a primeira notícia do atestado de Lopez.

A 11 de junho de 1865, em Riachuelo, incorporado à esquadra paraguaita de Meza, o "Marquês de Olinda" combatidos.

Voltas da Fortuna



A adolescência não é apenas uma época de risos onde você colhe a flor das alegrias fictícias. A adolescência é também a sua esplêndida oportunidade. Agora é que você precisa ir aprendendo e assimilando o bom exemplo que lhe dão os adultos; ir aprendendo as lições que a vida lhe vai apresentando ao voltar a página dos dias, diante dos seus olhos curiosos. Procure colher ensinamentos, colher conhecimentos, e assim, com esse talismã entre as mãos, você entrará para a vida com a certeza de seu triunfo, marchando para a perfeição! Não faça da sua adolescência uma jornada inútil; procure no meio dos prazeres que lhe são peculiares evitar tudo aquilo que possa perturbar o seu progresso físico ou moral. Para isto é necessário que você evite as más companhias, fuja as más leituras, aos divertimentos perniciosos e esteja sempre atenta aos conselhos de seus pais, e não esqueça nunca que depois de Deus seus pais são os maiores inte-

LUBOV ROUDENKO (Columbia)

NOS BASTIDORES FEMININOS

ressados na grandeza do seu futuro; são os maiores interessados em que você se torne uma partícula de brilho intenso no grande conjunto que formará um dia a coroa triunfal da humanidade. O mundo caminha para a Glória, e você deve preparar-se para tomar parte no grande desfile. A humanidade caminha para um destino sublime, e você deve, desde já, iniciar os preparativos que a tornarão digna de pertencer a essa humanidade cujo triunfo se aproxima! Vamos, adolescente! Levante a sua cabeça juvenil e contemple o horizonte onde tremulam os primeiros sinais de fraternidade absoluta, e pense no dever que lhe compete. Você precisa estar à altura do futuro que lhe vão depositar entre os braços; você precisa corresponder ao sacrifício com que lhe prepararam a nova era de Paz e Justiça, de Amor e Harmonia!

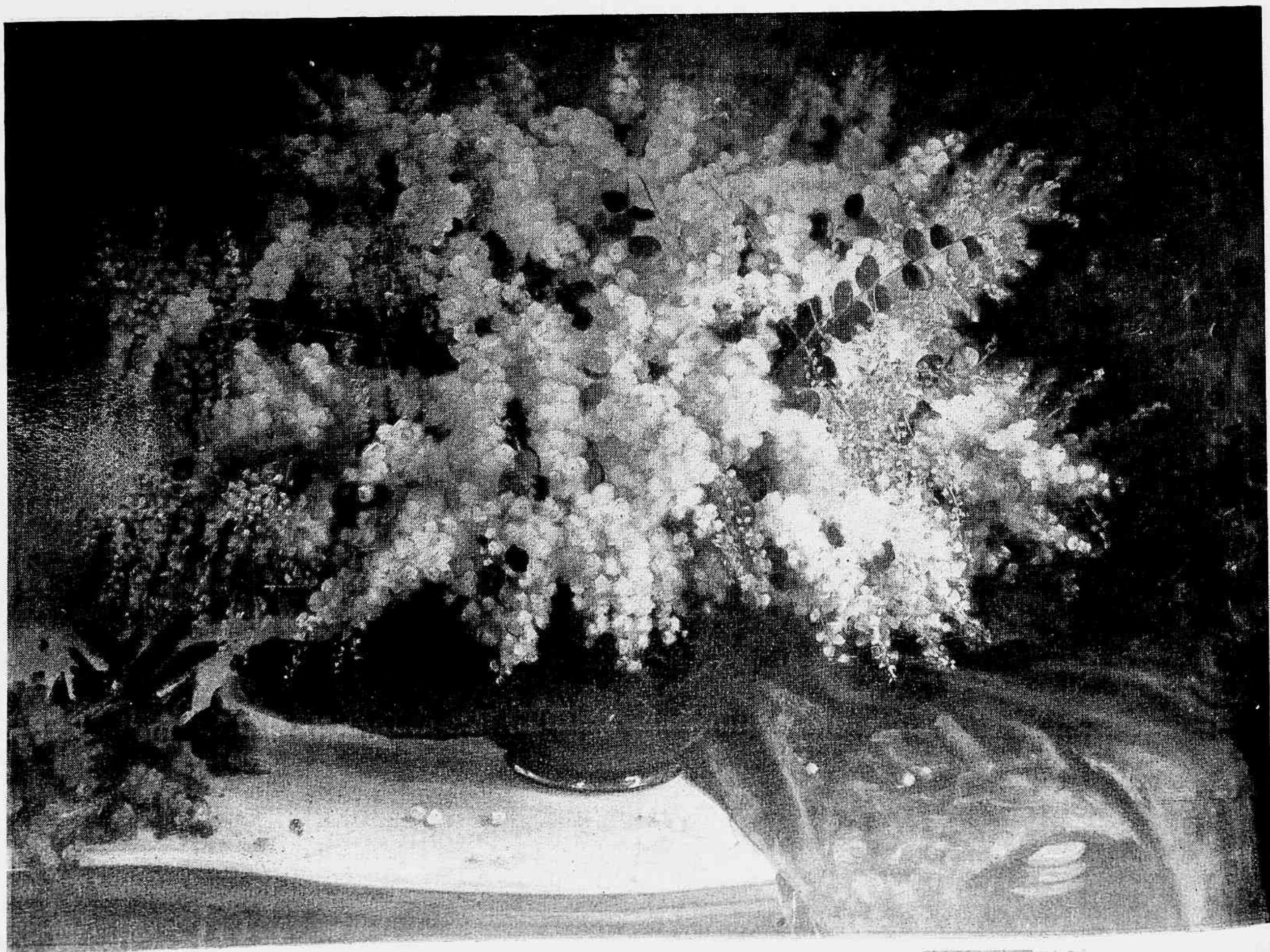
Jesy Barbosa

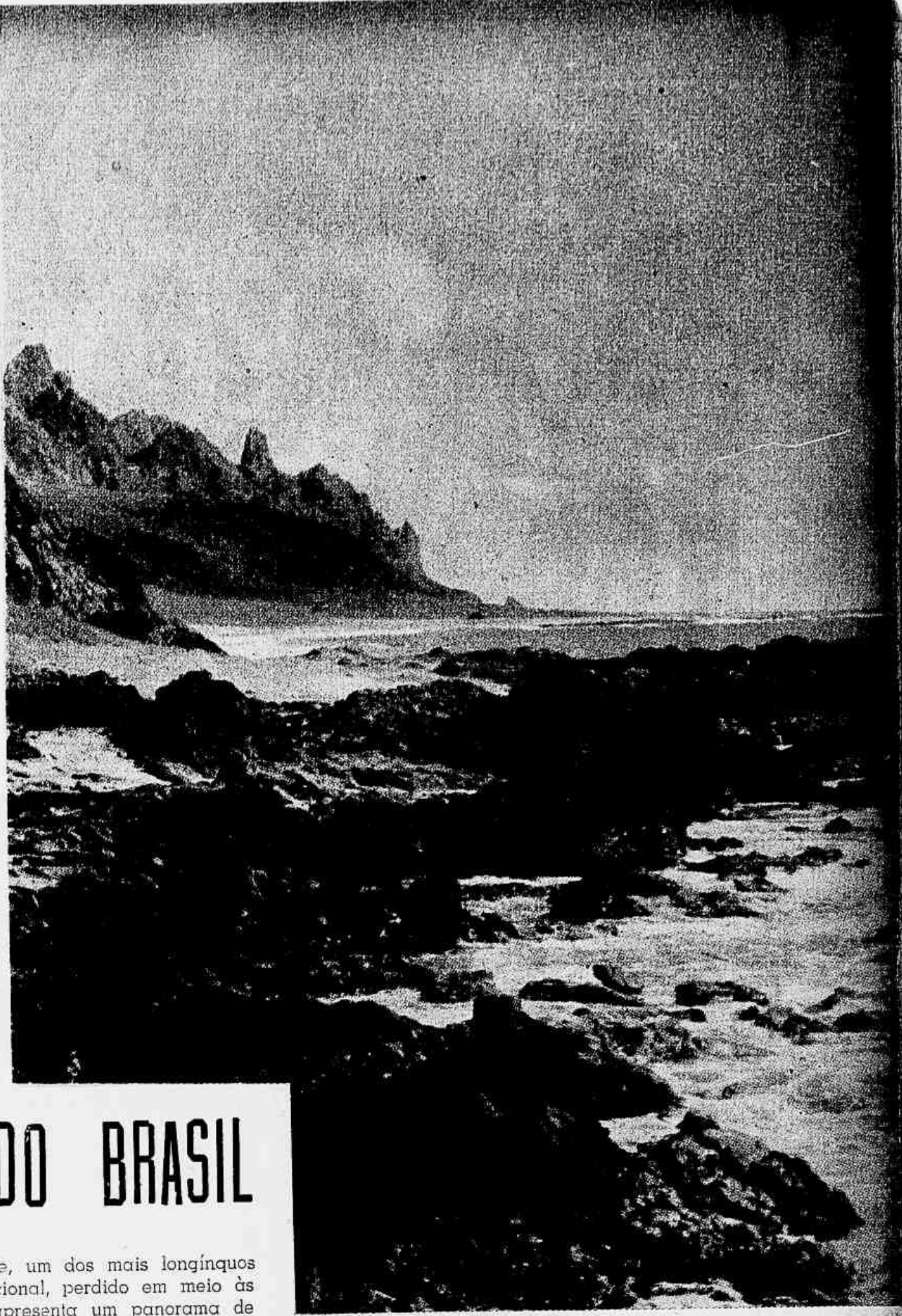
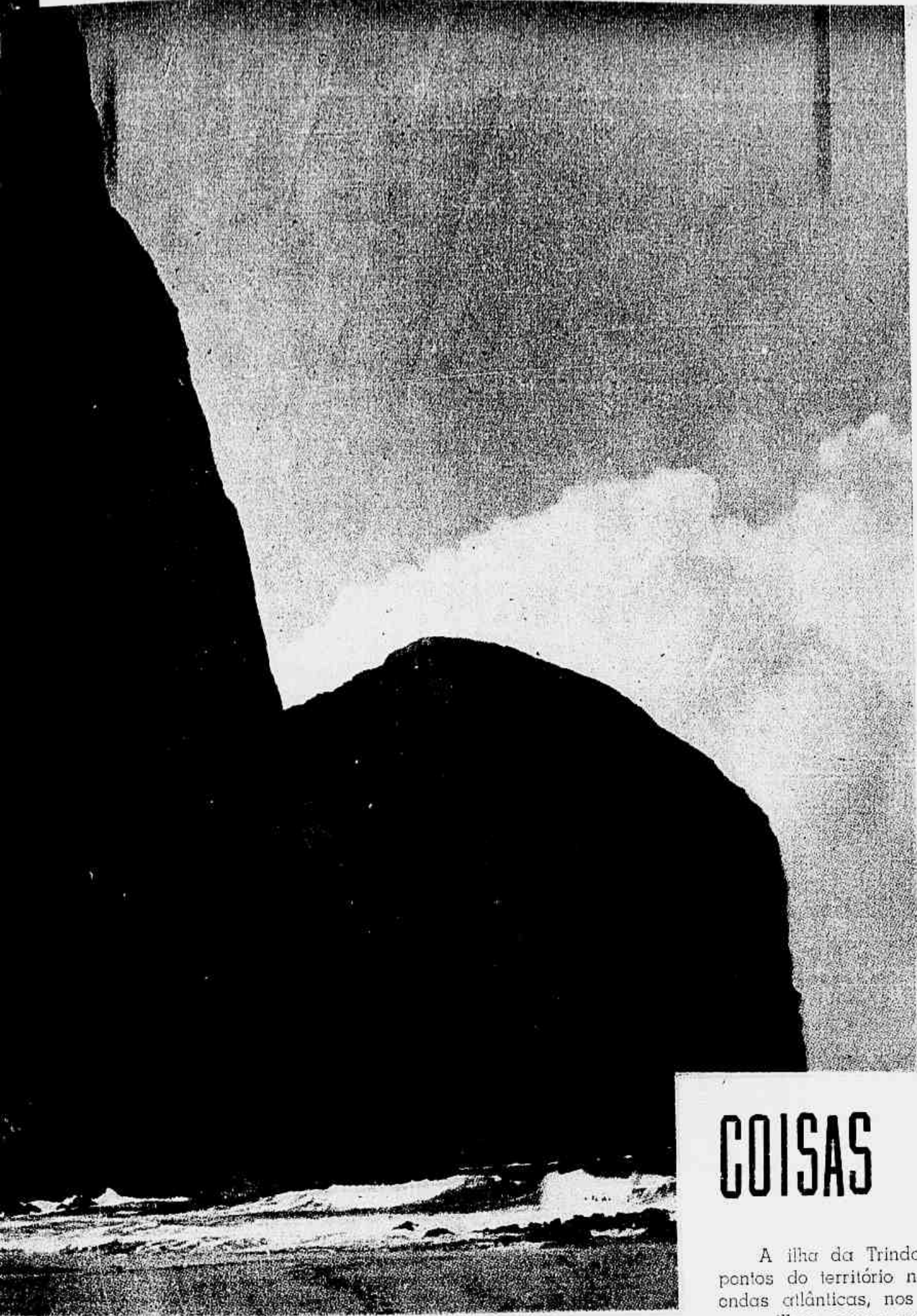


ARTES PLASTICAS

Esteve aberta ao público, durante os últimos dias deste mês, a exposição de óleos da pintora patrieta Lucilia Fraga, no salão de honra do Palace Hotel. A quantos puderam visitar a sua montra a artista brasileira ofereceu uma magnífica demonstração de sua consagrada arte, apresentando, a par de algumas figuras, maravilhosas pinturas de flôres. Dona de uma inspiração invejável e possuidora de uma técnica exemplar, Lucilia Fraga consagrou-se já como a maior pintora de flôres do Brasil, reproduzindo com vida e sentimento as belezas inigualáveis de nossa flora ornamental. As suas flôres, notáveis, nada têm de semelhante com as flôres arranjadinhas e cheias de minúcias que quase sempre nos apresentam os pintores de sua escola. Vivem pela própria forma de sua delicada estrutura; pelo colorido natural e suave, pela graciosidade do arranjo. Uma orquídea pintada por Lucilia Fraga é uma orquídea, uma flôr selvagem das matas brasileiras, cheia de colorido vivo e de beleza agreste. Chegamos a surpreendermo-nos, diante das flôres de Lucilia Fraga, que os seus quadros não exalem os perfumes das rosas e dos lilases.

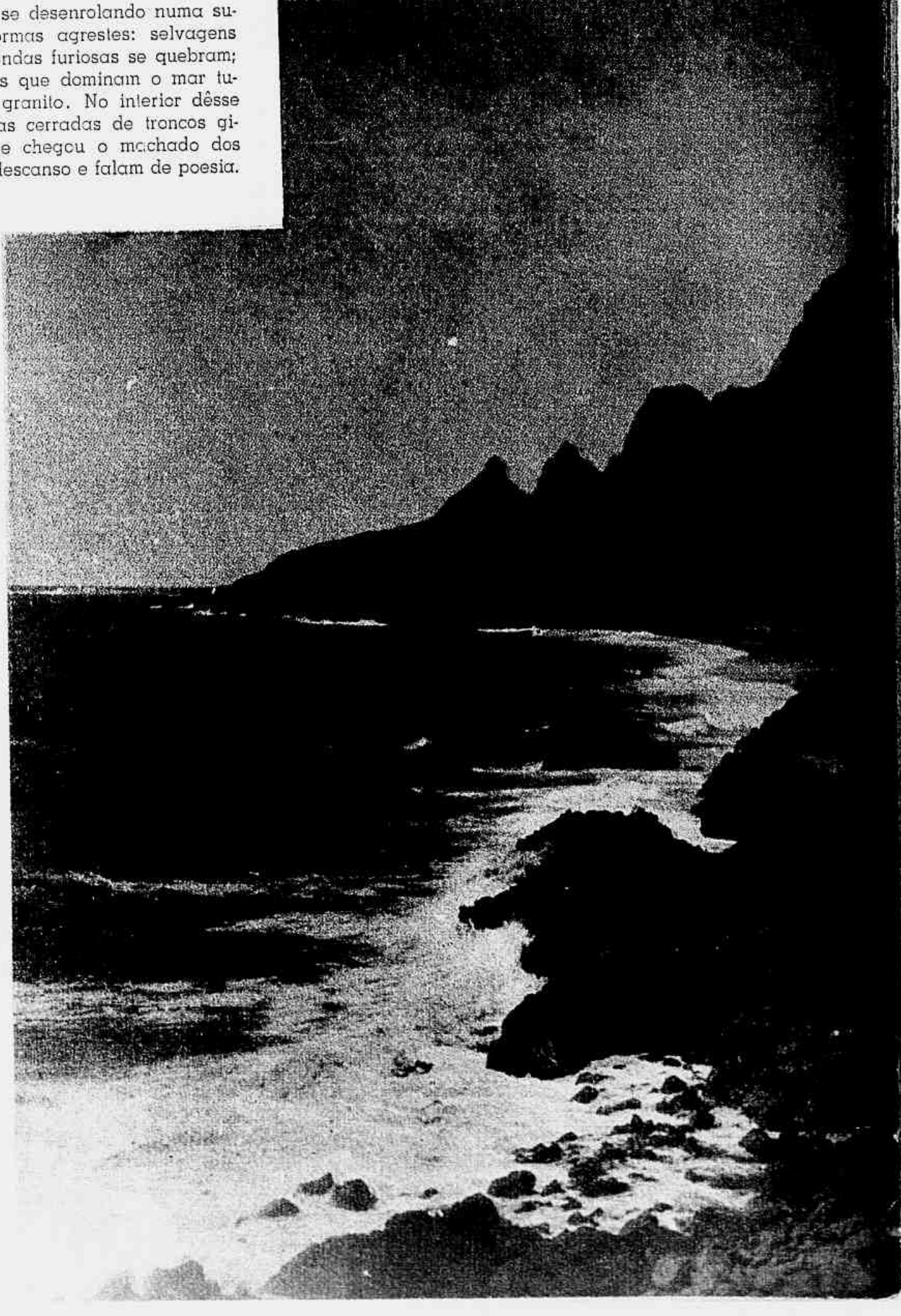
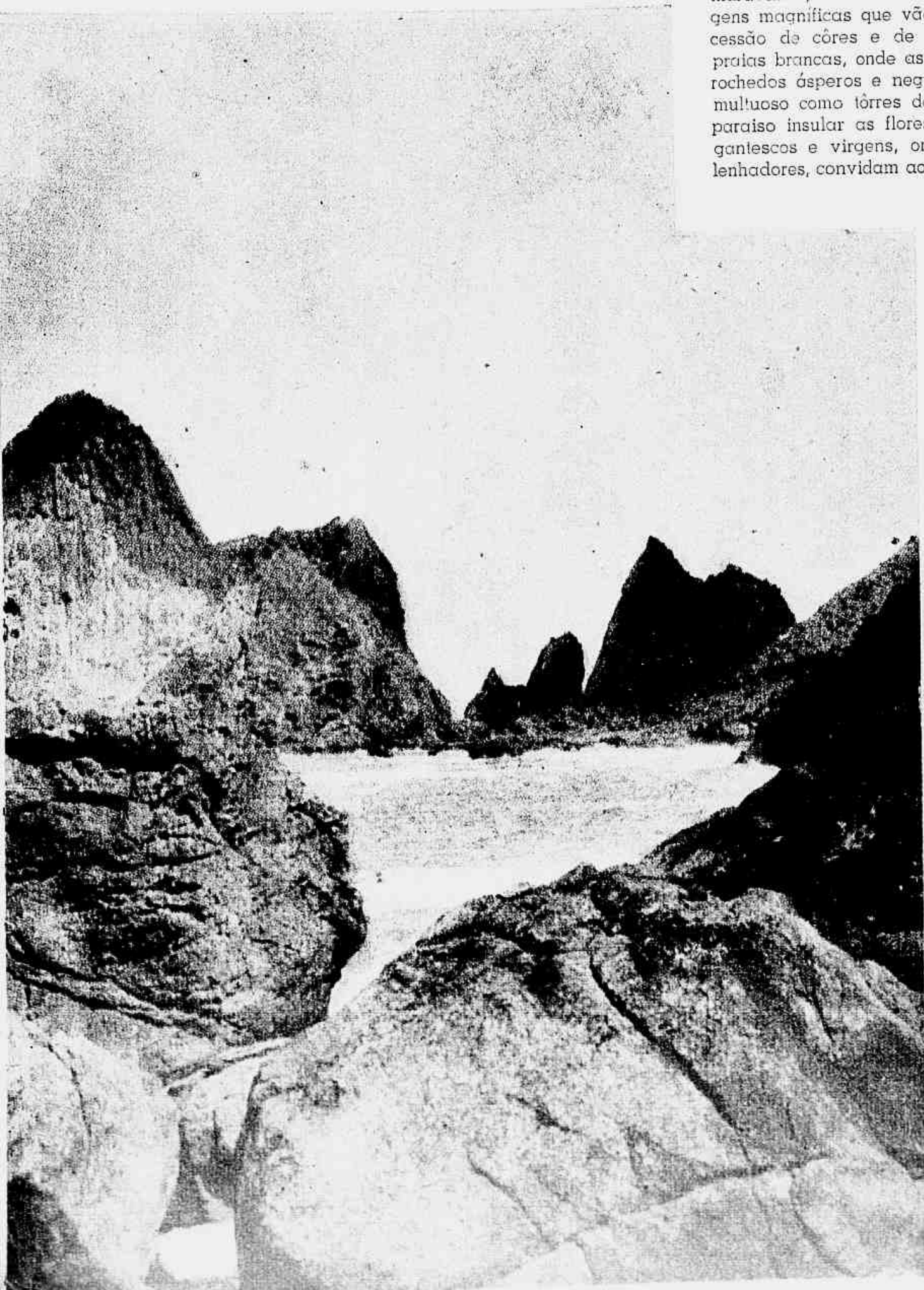
Nesta página: à esquerda, "Rosas e Cristal"; em baixo, "Mimosas e Damasco Antigo"; ao alto, um grupo feito por ocasião da inauguração da exposição, vendo-se a artista ao centro.





COISAS DO BRASIL

A ilha da Trindade, um dos mais longínquos pontos do território nacional, perdido em meio às ondas atlânticas, nos apresenta um panorama de maravilhas, numa variação esplêndida de paisagens magníficas que vão se desenrolando numa sucessão de cores e de formas agrestes: selvagens praias brancas, onde as ondas furiosas se quebram; rochedos ásperos e negros que dominam o mar tumultuoso como torres de granito. No interior desse paraíso insular as florestas cerradas de troncos gigantes e virgens, onde chegou o machado dos lenhadores, convidam ao descanso e falam de poesia.



A CIMITARRA

DURANTE dois meses tive como amigo a um japonês que viera a Budapest estudar o movimento popular na região do Danúbio e do Tisza. Usava o magnífico nome Advodaka Higasi, o que significa "a montanha verde do Oriente".

Mas só o nome era verde em Higasi: Quanto a ele, em seus característicos, tinha cores muito diferentes. A sua cutis era amarelo-tártara; seus movimentos flegmáticos, azul-ínglês; sua tendência para a meditação, pardo-alemão; e o vinho que costumava beber, vermelho-húngaro.

Gostava muito de discorrer a respeito dos problemas espirituais, embora me seja impossível dizer qual era, em verdade sua concepção filosófica. Seu sistema, no entanto, poderia encerrar-se dentro deste paradoxo: era um pessimista que achava tudo bom.

Longas discussões mantivemos acerca de mil questões de história, de metafísica e de etnografia. Costumava terminar todas as suas

Conto de
Vitor Icholnóki

Ilustração de
Armando Moura

Há a cidade de Kiussim, no Japão, um bairro inteiro cujos habitantes, desconjuntados pelos exercícios de acrobacia e ilusionismo, são portentos de destreza e coragem.

Os pelotiqueiros de Kiussim percorrem toda a terra e são sempre os preferidos nos music-halls e nos circos de ambos os mundos, porque, a falar verdade, o que eles realizam são verdadeiras façanhas ginásticas.

Pois bem; Takaissivo e sua mulher, Minamoto, eram ambos de Kiussim. Passeavam eles por todos os países sua destreza e agilidade, com o que ganhavam muito dinheiro. Seu número dos mais, sensacionais, consistia nisto: Minamoto, vestida de uma simples roupa de malha, postava-se de pé, com os braços em cruz, ante um largo taboleiro de madeira. Takaissivo se colocava diante dela, a uns dez passos. Junto dele, um cesto que continha quarenta e seis punhais afiadíssimos, do comprimento de uma mão, de excelente aço, com cabo de madeira.

Minamoto se inclinava sorrindo para o público — o senhor bem sabe que ninguém sorri mais graciosamente que uma japonesa — e colava-se ao taboleiro, com os braços estendidos.

Takaissivo segurava um punhal em cada mão e, fiando-os um no outro, mostrava-os ao público. Depois os arremessava em direção da mulher. O punhal fendia o ar com um silvo trite, e cravava-se muito perto do corpo de Minamoto. Os punhais se sucediam com

incrível rapidez e, com um enxame de abelhas a zumbir, voavam para o formoso alvo vivo, acompanhando-lhe o perfil do corpo e plantando-se rente à carne.

Após ter lançado os quarenta e seis punhais, vinha o último, uma grande cimitarra do comprimento de um braço, de lâmina recurvada, cujo cabo era guarnecido de couro e cobra preso com cravos prateados.

Cada vez que Takaissivo apanhava do cesto aquela terrível arma, não deixava de gritar: "Ah! Ah!"

A enorme cimitarra assobiava no ar e ia cravar-se no taboleiro, com uma precisão inalterável, junto ao seio esquerdo de Minamoto, o mais próximo possível do coração.

Então, sorridente, Minamoto cruzava os braços ao peito, afastava-se do taboleiro, e o público se certificava com certa voluptuosa angústia que a forma do corpo dela com todos os graciosos contornos ficava desenhado pelos punhais.

Tal era o número de Takaissivo. Pode o senhor imaginar como ganhavam dinheiro com semelhante exibição; mas em parte alguma alcançaram tanto êxito como em São Francisco.

Os habitantes do Far West, habituados a excitações nervosas diárias, demonstraram sua preferência por este excitante raro.

Takaissivo ganhava, pois, muitos dólares em São Francisco.

O dinheiro tem duas maneiras de ser bom, porém uma única de ser mau. Quando é escasso, torna-se um estímulo para o trabalho e para a sobriedade. Em grande quantidade,

desenvolve os sentimentos caritativos e incita a fazer o bem. Quando é regular sua abundância, leva ora à avareza, ora à dissipação.

Takaissivo se fez pródigo.

Mas... em que poderia delapidar seu dinheiro? Era-lhe proibido beber, porque o álcool lhe arrebataria a segurança da vista e do pulso. Pela mesma razão, não lhe era permitido saborear as delícias do ópio; demais, nós os japoneses, continuamos sóbrios mesmo na opulência.

Não podia, portanto, fazer nada disso; mas em São Francisco as geishas são muito belas, e foi a elas que Takaissivo ofereceu o champanha, as ostras e o ópio.

Após o espetáculo, passava suas noites nas casas de chá de São Francisco. Ali ouvia com ar indiferente a estúpida música dos histriões, admirava as bailarinas da casa e tocava prodigamente as cédulas de cinquenta dólares, só voltando à casa pelo amanhecer.

Um dia regressou no momento precioso em que Minamoto se despedia, na porta de casa, de um rico garimpeiro da Califórnia, com um cachoço de touro e cabelos injuriosamente loiros.

Para que agora o senhor compreenda bem o que então fez Takaissivo e para que possa penetrar um dos recessos da alma japonesa, dir-lhe-ei que a primeira vez que tomei um sorvete na Europa — pois entre nós é desconhecido esse manjar insensato — assopei-o; compreende-me o senhor?

Assim, soprou Takaissivo o gelo que lhe entrou no coração para que ficasse ainda mais gelado. Em vez de entrar no Minamoto imediatamente, voltou pelo caminho em que viera, indo dormir num hotel.

Na noite seguinte foi ao circo, impassível como uma pedra. Sua mulher ali estava. Chegou-lhe a vez, e ela apareceu sorridente ante o público. Foi acolhida por prolongados aplausos. Postou-se Minamoto diante do taboleiro de madeira. Takaissivo ocupava já seu lugar e o ajudante trouxe o cesto cheio de punhais.

O sorriso de Minamoto era imperceptível, pouco mais débil que de costume, e o olhar de Takaissivo apenas um tanto mais velado e mais sombrio; ambos sabiam o que ia acontecer.

Minamoto, contudo, não vacilou em tomar seu posto ante o taboleiro, porque a mulher japonesa sabe cumprir seu dever até à morte, e a mão de Takaissivo não tremia porque o japonês tanto sabe dar a morte como recebê-la.

Takaissivo pegou o primeiro punhal e arrojou-o com a calma habitual. De sua parte Minamoto se achava muito sossegada, sabendo que nada teria que temer dos primeiros arremessos. Quem seria capaz desde o começo da refeição, de estar a soprar o sorvete?

Silvaram vinte, trinta, quarenta punhais... Todos iam cravar-se nos seus lugares, com milagrosa precisão.

Dentro em pouco, sobravam apenas dois no cesto: um dos pequenos e o grande. Então Takaissivo se pôs a saborear a satisfação de escolher o golpe.

Podia, por exemplo, atirar-lhe o punhal a um dos olhos com tamanha força, que o crânio ficasse como que pregado ao taboleiro; mas também, se quisesse, podia arremessar o grande, o de fôlha curva, diretamente ao coração.

Qual escolher? Os dois? Takaissivo, com um movimento rápido, empunhou ambas as armas. Minamoto sabia o que ia suceder.

Já ouviu o senhor, porventura, o uivo que solta o velho javali quando decide arremeter para o caçador? Pois bem: assim uivou Takaissivo ao gritar, antes do arremesso final seu tradicional: "Ah! ah!" E, como um relâmpago, as lâminas lhe voaram das mãos. Parecia um único golpe, mas eram dois e ambos bem dirigidos.

Formidável e unânime aclamação estrugiu no circo, estremecendo as paredes. Jamais Takaissivo tentara tão audaz demonstração. As armas, atiradas a um tempo, alcançaram o alvo; e, entre este e elas, dirse-ia não haver mais que a espessura de um fio de cabelo.

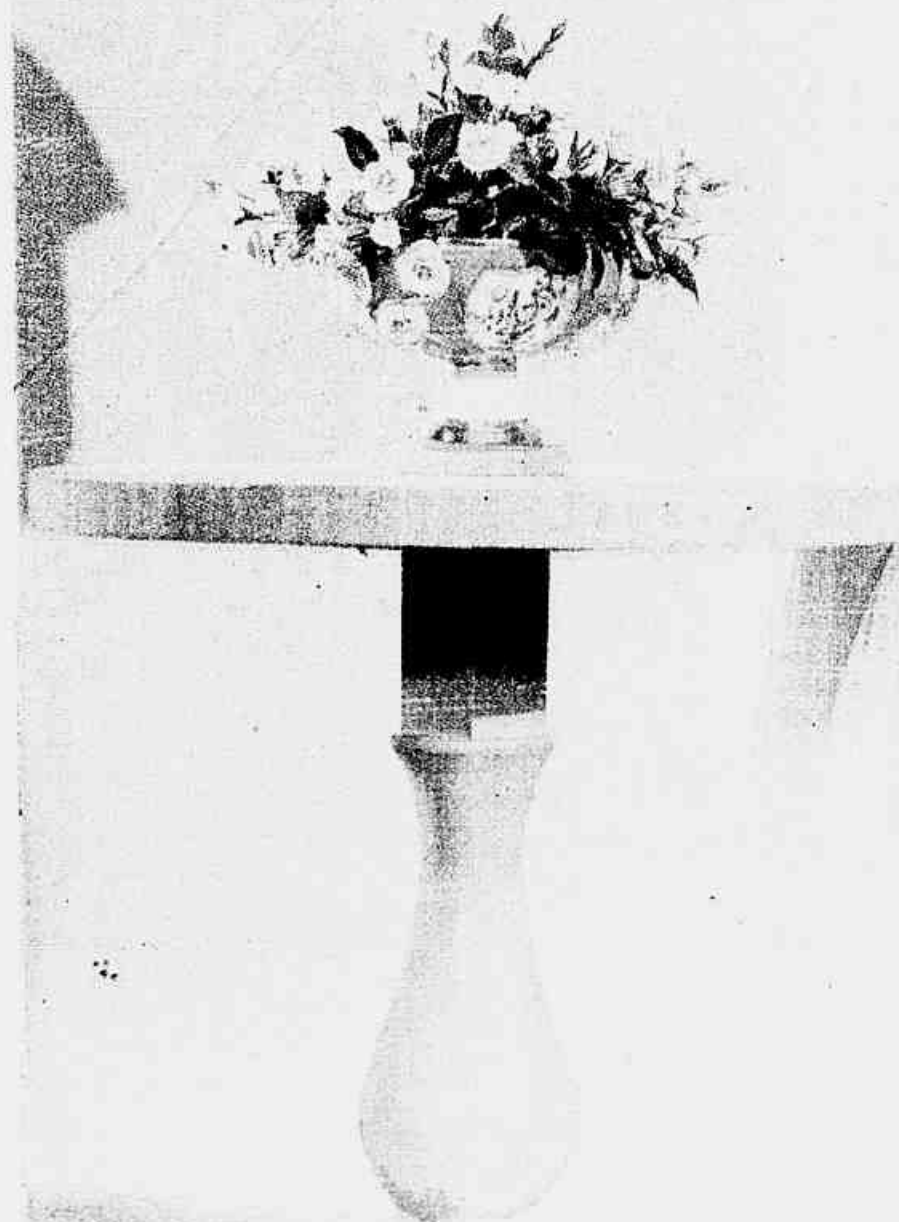
O pequeno punhal espetou o alvo ao olho direito da jovem, que nem sequer pestanejou, ao passo que a cimitarra se cravou a uma polegada do seio esquerdo, e tremia ainda pela violência do golpe. A seguir, Minamoto abandonou sua perigosa posição, as mãos cruzadas ao peito, e saudou o público, mostrando-lhe o mais radiante sorriso.

— Desculpe-me, mas creio dever dizer-lhe que não acredito uma só palavra de sua história — disse eu a Higasi, após longa pausa.

— Nem eu acreditaria nela — respondeu ele — se não fosse meu pai...

(CONTINUA NA PAG. 58)

A blusa em maizete bordada, a saia em filó, "bretelles" e laço da blusa em seda preta; eis aí o material de que se compõe o traje de "soirée" com que nos aparece Nanette Parkers nesta fotografia iluminada por seu sorriso sereno.



E aqui temos a "estrelinha" da Columbia em uma outra "toilette" de gala. A saia em filó de seda branca, a jaqueta em tafetá marchetado; gola redonda diminuindo na frente do grande decote completa a graciosidade dêste traje de baile.



Nanette Parkers, numa sugestão bastante prática, aparece-nos aqui com a mesma saia de filó branco da fotografia ao lado, vestindo porém uma outra jaqueta, em tafetá branco e preto, cujo feitio é bastante gracioso e original. Nestas duas fotos fica uma prática e econômica sugestão.



Quando três pilotos em férias encontram uma ruiva, a palavra de ordem é: cada um por si...

— Abacaxi! — disse, finalmente, Grock.

— Se você repetir isso, mando-lhe esta garrafa de champanha na cabeça, apesar do preço! — protestou um dos companheiros.

— Era preciso dizer alguma coisa. Não adianta nada ficar nesses silêncios tenebrosos a noite inteira.

— Então fale, pelo amor de Deus, mas veja se varia o repertório, sim?

Dito isso, Frank tornou a calar-se. Ficaram em silêncio durante alguns minutos mais.

De repente Grock avistou a ruiva. Não disse nada, porém o faro dos amigos era fino. Imediatamente notaram uma mudança na atitude de Grock, e

quando viram o rapaz levar a mão à gravata voltaram-se resolutamente. Devia ser bonita...

De fato. Ela passou, indiferente e linda, atravessou o salão acompanhada de um senhor de idade e foi sentar-se do outro lado.

— Quer fazer o favor de me dar um beliscão? — pediu Morton.

Gary riu:

— Não está sonhando, não. Aquela pequena é real e — céus! — que realidade!

Os quatro pilotos ajeitaram-se na cadeira, consertaram o uniforme, olharam um para o outro, aprontaram-se. Depois houve um momento de expectativa.

— Como é? — disse Grock.

— Vamos abordá-la — disse Morton.

— Você esqueceu o velho? — perguntou Gary.

Frank, que nada dissera, espantou os outros com uma declaração sensacional:

— Eu conheço aquele velho!

— Velho sem vergonha!

— Na idade dele! Tomando as pequenas dos rapazes moços... Bonitos, como nós, isto é como eu.

— Por que será que os monstros sempre se acreditam atraentes?

Mas a discussão não prosseguiu. Não era o momento de começar a disputa.

— Primeiro uma apresentação — estipulou Grock — De-

pois cada um por si... e o uniforme por todos.

Frank novamente interrompeu:

— Vocês estão contando comigo para apresentá-los?

— Naturalmente.

— Lógico.

— Não há dúvida.

Frank sorriu:

— Pois não pode ser.

Imediatamente os três companheiros viraram-se para ele:

— Como?

— O que?

— Não pode ser?

Frank repetiu lentamente as palavras:

— Não pode ser.

Novamente os três protestaram:

— Você quer se valer do conhecimento para deixar-nos na mão?...

— Você quer que nós deixemos campo livre para você?...

— Bandido! Então pensa que não sei o que você está planejando?

Frank, placidamente, repetiu:

— Não pode ser.

E, antes que alguém protestasse, explicou:

— Vou dar os motivos.

Os três não se aquietaram:

— Que motivos?

— Um pretêxo, com certeza...

— Que é que ele vai inventar?

— Não é nada inventado, meus amigos: é o caso mais doloroso da minha vida.

Havia um tom de sinceridade na voz dele. Os outros notaram isso imediatamente e suspeitaram algum caso amoroso, talvez...

— Conte.

— Vamos a ver a história.

— Diga o que há.

— Pois foi assim. No meu primeiro ano na Universidade o professor de física, aquele cavalheiro que está acompanhando a moça que vocês querem conhecer, fez um discurso à classe, no dia da abertura das aulas. Disse, em primeiro lugar, que queria ficar conhecendo todos os alunos, um por um. Por isso ia perguntar o nome de cada um. Passou por todas as carteiras, perguntando o nome e conversando alguns segundos com todos nós. Depois gastou meia hora para explicar tudo o que teríamos de fazer durante o ano — a matéria, as aulas, laboratório, exames — tanta coisa que nós quase desistimos naquele mesmo instante de estudar a matéria.

Quando ele acabou de fazer o discurso voltou-se para turma e disse:

— Eu sei que vocês acham impossível dar conta de tudo isso

(CONTINUA NA PAG. 55)

PRETEXTO

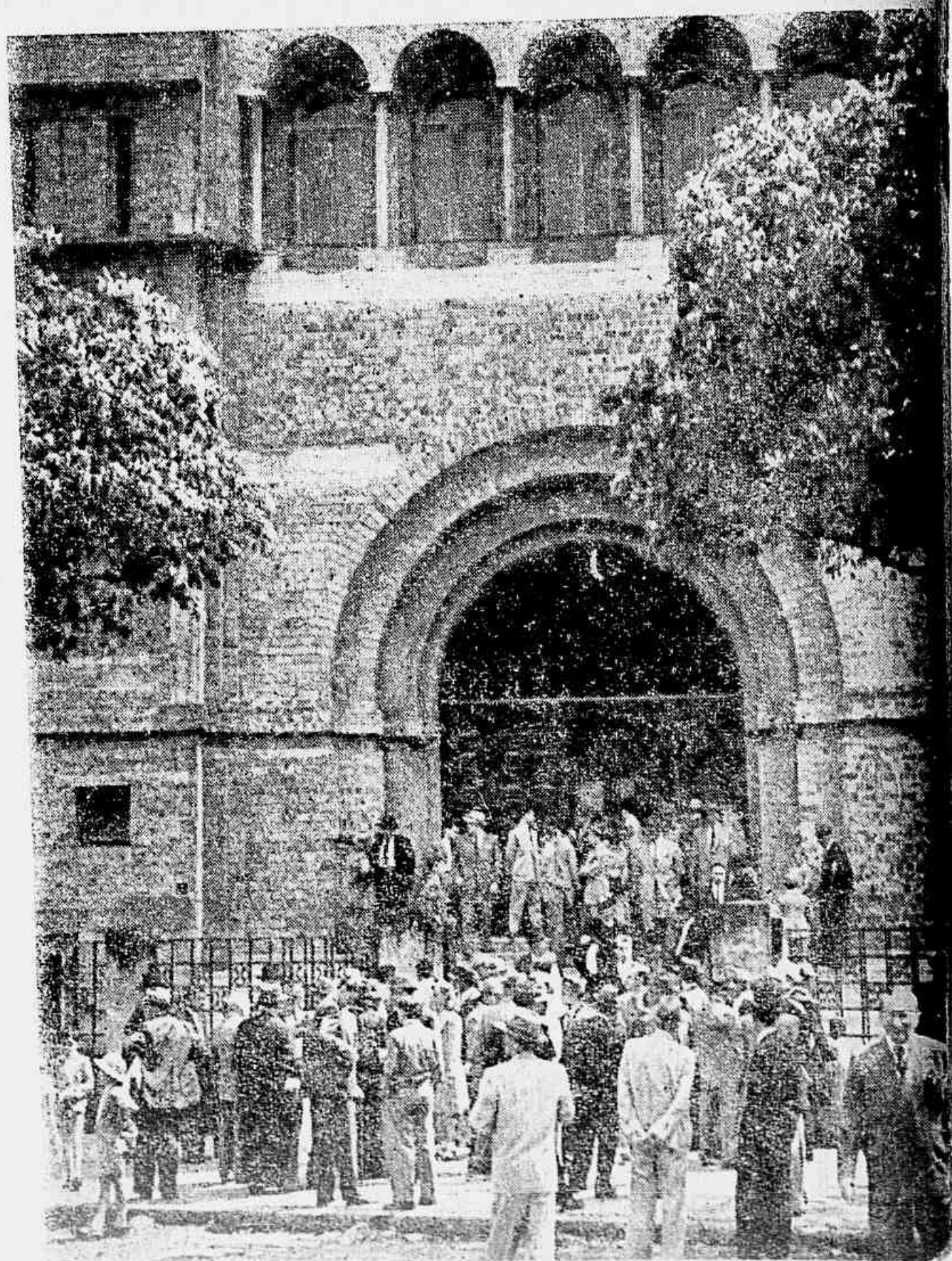
Conto de

S. L. GOMBERG



ACONTECEU NO RIO

Nos dias 8 e 9 do corrente, sábado e domingo, teve lugar, na sinagoga da rua Conselheiro Possolo, a festa do Ano Novo judaico, comemorada por todos os israelitas do Rio de Janeiro com magníficos cultos. Os rituais celebrados em hebraico pelos "chazens" tiveram uma assistência numerosa e respeitável, notando-se, no recinto onde se pronunciaram as orações e as prédicas, a presença das mais representativas figuras da colônia semita da nossa Capital. Agora que o fascismo foi de uma vez para sempre banido da face da terra e que as doutrinas bárbaras, propagadoras dos ódios raciais estão extintas, mais significação teve a festa para todos os membros da comunidade judia, que viram a entrada de um novo ano cheio de esperanças e promessas. Libertos os ghettos de Varsóvia e Praga, abertos os campos de concentração da Alemanha nazista, os judeus voltaram à vida comum, celebrando os seus cultos e cultuando os seus maiores, como todos os mortais. No Rio de Janeiro, garantidos por uma das quatro liberdades inalienáveis, comemoraram eles brilhantemente a entrada do 5.706.º ano de seu calendário. E agora, no novo ano que surge para os israelitas, eles continuarão trabalhando e vivendo como todos os povos livres que compraram a liberdade nos campos de batalha e nos campos de concentração ao preço do sacrifício de seus heróis e do sangue de seus mártires. Foi uma demonstração viva e nítida da liberdade de culto a festa da sinagoga. Foi também uma prova de quanto é verdadeiro o velho "slogan": "Somos todos irmãos". Nesta página reproduzimos duas fotos da festa israelita: ao alto, os judeus orando no interior do templo; em baixo, à entrada da sinagoga, os semitas aglomerados esperando que se vá um lugar no interior. Dois aspectos da liberdade de culto, dois flagrantes da liberdade de pensamento. Aconteceu no Rio. Aconteceu no Brasil.



DESCOBRIR O

Inimigo Invisível

ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS?

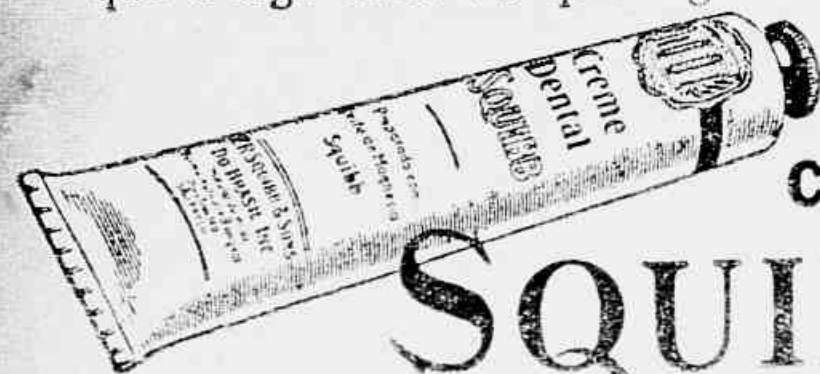
Muita gente só vem a conhecer o
"Inimigo Invisível"...
depois dos dentes estarem afetados

Esse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Não é possível vê-lo: no entanto, pode estar dentro de sua boca — atacando o esmalte e produzindo cáries.

Para combater a acidez de origem bacteriana, é preciso limpar os dentes com regularidade. Mas faça questão de usar o dentífrico certo — o Creme Dental Squibb — que é algo mais do que

uma simples pasta dental. Com o Creme Dental Squibb é fácil lembrar-se de escovar os dentes duas vezes por dia. Tem tão bom paladar! Não é possível esquecer o seu sabor refrescante, delicioso!

E o Creme Dental Squibb contém também Leite de Magnésia Squibb, cujo contato é tão eficiente para neutralizar os ácidos de origem bacteriana.



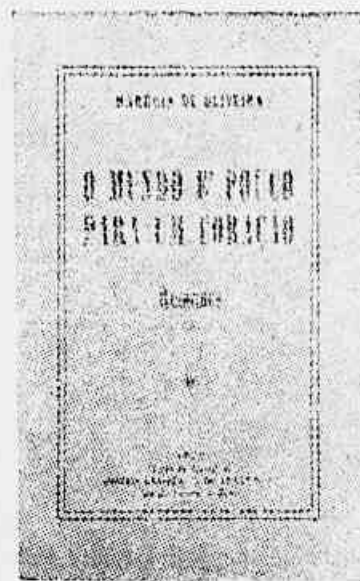
CREME DENTAL

SQUIBB

L906

Livros

O MUNDO É POUCO PARA UM CORAÇÃO, romance de Marúcia de Oliveira — Empresa Gráfica "O Cruzeiro", editora — Rio de Janeiro, 1945.



A Sra. Marúcia de Oliveira estreou-se nas letras com o êxito mais animador. Tais e tantos foram, nesse primeiro encontro com o público e a crítica, os louros conquistados, que bem ela podia deitar-se a dormir, conforme a velha máxima acerca da fama, e não fazer mais nada. De seu livro *Fragmentos da Vida* disse, no *O Jornal*, o Sr. Tristão de Alamyde... "Tudo veio a propósito das inequívocas qualidades de penetração psicológica, de percepção aguda, de compreensão profunda das coisas e de grande capacidade de sugerir-las que revela essa estreante em dois ou três dos seus contos. A Sra. Marúcia de Oliveira tem, como a Sra. Maria Eugênia Celso, o segredo duma simplicidade sugestiva e quente, que sabe traduzir as impressões fugazes da realidade sem cair na vulgaridade". Como a Sra. Maria Eugênia, *escusez du peu!* Já antes, em carta particular, mas redigida de maneira a poder e dever tornar-se pública, Medeiros e Albuquerque exaltava os dotes e recursos da principiante desde logo vitoriosa. E também, modestamente embora, esta secção de notícias literárias da REVISTA DA SEMANA registrou a publicação dos *Fragmentos*, louvando os dotes de observação e as qualidades de estilo que no livro se patenteavam.

Tratava-se então de contos; agora nos oferece a Sra. Marúcia de Oliveira um romance. Não que este gênero seja mais difícil do que aquele; parece-nos, porém, que a escritora não lucrou em abandonar o primeiro pelo segundo. As concisões da narrativa, os processos de ação movimentada, rápida, convinham talvez melhor ao seu temperamento artístico, à sua "maneira" pessoal. Em *O mundo é pouco para um coração* acontecem poucas coisas ou a romancista não tratou a valer de lhes dar a necessária intensidade expressiva, bastante para der comunicativo e cativante para um livro de duzentas páginas. Reduzido o caso de Maria Helena, viúva e mãe com os seus desenganos ou decepções em outros amores, à décima parte do texto, isto é: às proporções ainda razoáveis dum conto, sairia porventura obra mais interessante e em todos os sentidos mais valiosa. Mas talvez conjecturemos erradamente e seja a Sra. Marúcia de Oliveira quem tem razão. Esperemos o terceiro livro, novo romance ou novos contos, que já a escritora nos anuncia.

AS ALEGRES MARIPOZAS, contos de Isa Américo dos Reis — Zélio Valverde, editor — Rio de Janeiro, 1945.

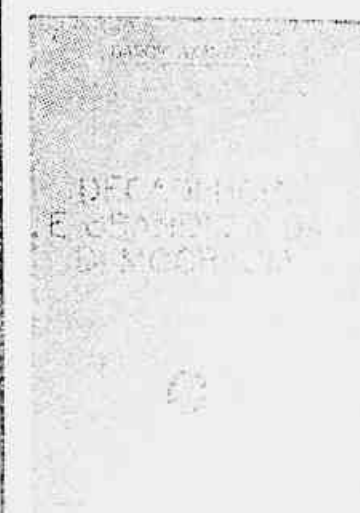


Este título, que parece frívolo ou piegas, demove primeiro conto cujo assunto é trágico e cruel. *Une tranche de vie*, como diriam os autores implacáveis do Grand-Gignol. Ao cordão carnavalesco *As alegres mariposas* pertence de corpo e de alma a heróica da história. Maria Benta trabalha de cozinheira, desde manhã cedo até altas horas, num botiquim barato. Tem um filho, criança ainda, de que mal se pode ocupar. O tempo que rouba ao sono, ela o consagra irresistivelmente aos ensaios do elzeviro. Além de cantadora e requiebradora insigne, faz parte da "comissão de festas". Com efeito, é sagrado, aquilo. Mas o menino adoece de repente; Maria tem que abandonar o botiquim para lhe acudir; vem o médico que se limita a falar com irritação de abandono, relaxamento... O doentinho está perdido. E é Sábado Gordo, e já anoiteceu. Maria Benta, ajoelhada junto à cama, chora continuamente. Nisto, ouve a canção das "Mariposas", que se aproxima, vem crescendo de veemência estridula, de empolgante, arrastadora eloquência. Ainda tenta resistir, mas no momento decisivo, não pode. Enverga num instante a fantasia de baiana — uma beleza! — e, levando ao colo o filho moribundo, entra no cordão.

É inexpressível? Não, porém, impossível. Não há imaginação a que não vença, em aberrações e assombros, a realidade da vida. E a do Carnaval, então?

Outros contos fortes, violentos nos oferece a Sra. Isa Américo dos Reis, como a *Aventura sentimental*, em que uma esposa dedicada ao extremo se suicida, simulando a infidelidade, para que o marido, romancista mediocre, possa, inspirado pela dor, realizar em prosa o poema do conceito goethiano. Mas também no volume se encontram páginas suaves, enternecedoras, como as intituladas *O Porto* e nas quais uma empregadinha de escritório, fascinada pelas manobras do patrão hipocritamente generoso, abre os olhos a tempo e, com eles, o coração que fechava à súplica humilde mas perseverante dum companheiro de bonde... Todos estes temas são tratados engenhosamente, com audácia às vezes, outras vezes com doce e até um tanto ingênua sensibilidade. Em todo caso, se este livro constitui, como tudo parece indicar, uma estréia, podemos saudar nela uma escritora realmente bem dotada e já, dalgum modo, vitoriosa.

DECADÊNCIA E GRANDEZA DA DEMOCRACIA, estudo político-social de Darcy Azambuja — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



Além doutras virtudes que comporta, prima este livro pela oportunidade. Muita gente fala com ostentação, com ênfase, de democracia; e talvez os que mais a louvam hoje ou mais a condenavam ontem sejam, ainda agora, os que menos a conhecem. Há palavras ou frases que, em certa época, se tornam fórmulas de uso geral. Tanto as empregam os mais autorizados quanto os mais bisbilhos na matéria. Os princípios democráticos, as conquistas democráticas, a vitória ou a falência da democracia pertencem a essa ordem de lugares comuns que dominam mais ou menos longo espaço de tempo, em documentos internacionais, discursos parlamentares, manifestos de partido, relatórios de clubes, simples conversas de ocasião. Toda a gente enche a boca de democracia. Qual a percentagem de homens capazes de dizer o que verdadeiramente ela é?

O Sr. Darcy Azambuja estudou-a conscienciosamente e a fundo, no presente como no passado. Ficou-lhe sabendo bem a história à qual esta guerra deve ter acrescentado um capítulo definitivo. Por isso mesmo revirou os títulos *Grandeza e decadência dos romanos*, de Montesquieu, *Grandeza e decadência de Roma*, de Guglielmo Ferrero, para dar à obra presente o batismo mais adequado. A democracia, permanente aspiração dos homens, sofreu devassas, e até dar

Novos

a impressão da ruína irreparável, nos vinte ou trinta anos que precederam o grande conflito. O fascismo de Mussolini e o nazismo de Hitler, sem falar do despotismo "divino" representado por Hirohito, contra ela desferiram golpes profundos e perturbadores a ponto de parecerem fatais. Dir-se-ia que já o ideal democrático tombara e agonizava. As razões por que praticamente alguns Estados e teoricamente grande parte do mundo chegaram a esse estado são pelo Sr. Darcy Azambuja expostas com exemplar, intuitiva clareza. Ninguém deixará de compreender os motivos temporários, ocasionais por que Mussolini se gabava de haver "matado a democracia" e Hitler, com imensa arrogância, afirmava ter "inaugurado uma era de mil anos sem liberdade. Cada vez se vão tornando mais nítidos, por estas páginas além, fatos e idéias, aspectos e argumentos tendentes e demonstrar que só a democracia, no mundo moderno, tem razão de ser, de perdurar. E, enfim, graças ao livro do Sr. Darcy Azambuja toda a gente poderá ficar sabendo, mas de verdade, o que é democracia.



Após a Tormenta, romance de Alvaro Henriques — Pongetti, editora — Rio de Janeiro, 1945.



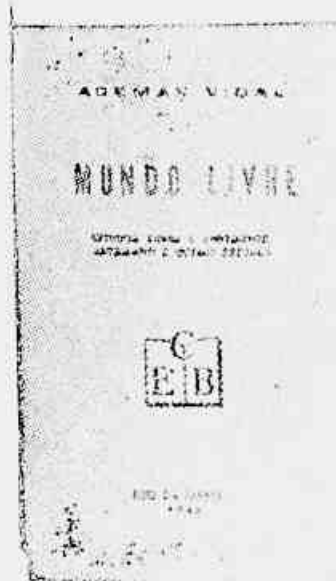
Há, com efeito, neste livro, uma história. Uma história de amor. E, a bem dizer, duas.

O médico recém-formado Alberto Vinet esposou, por afeto puro e pura ilusão, uma criaturinha, filha de milionário, a qual, habituada desde sempre a ver satisfeitos todos os seus caprichos, só pensa em futilidades ou coisas piores. Esse casamento não podia dar certo. O marido era sério de mais e a esposa frívola de mais também para se entenderem por muito tempo. Moravam em São Paulo. Veio a fatal separação e Vinet mudou-se para o Rio. No exercício esforçado e altruístico da medicina procurou esquecer aquele revés sentimental. Só pensava em trabalhar. Mas o coração voltou a reclamar imperiosamente a companhia que lhe faltava. Trata-se agora duma verdadeira moça: sensível, compreensiva, casta. E' o segundo caso do romance Vinet e Gracinda amam-se deveras, apesar da circunstância de se não poderem unir dignamente. Está então correndo o ano de 1960. O Sr. Alvaro Henriques imaginou um entrancho futurista, não como gênero literário mas como situação cronológica. E admitiu que, daqui a quinze anos, ainda não haja o divórcio legal e ainda existam moças que, apesar de apaixonadas, façam questão absoluta de casar também no religioso. Assim Gracinda e Vinet concordam em modificar o sentimento comum, tornando-se um para o outro como irmã e irmão. Está claro, porém — embora o autor não acentue este ponto — que nem ele nem ela se resignam de todo a tal metamorfose. Fazem o possível por parecer felizes assim: mas qu'ler de nós adivinha, a tragédia das duas almas e para tal situação prevê o intuitivo sumário desenlace. O romanceista, porém, arranja outro, se não tão indicado, em compensação mais airoso. A primeira esposa e um marido de ocasião morrem em Nice, numa corrida de automóveis. E agora Vinet e Gracinda podem ligar integralmente os seus destinos perante a igreja e até talvez com a bênção do papa.

Este enredo caberia em muito menos linhas sem prejuízo do interesse fundamental. Não é na intensidade ou no movimento dos episódios que está o valor da obra. E o amor constitui aqui elemento que merece, quando muito, a qualificação de secundário. Mas pelo livro fora se apresentam questões de progresso social e de filantropia, casos políticos e econômicos, instituições de educação e de caridade — e sempre alguém discorre sobre esses problemas ou se travam debates para a sua melhor solução. Essas digressões, sem excessos paradoxais nem grandes pretensões a ineditismo, se desenvolvem um tanto prolixas às vezes mas sempre com clareza, em forma geralmente correta. E eis o principal merecimento da obra.



Mundo Livre, estudos sobre o continente americano e outros estudos de Ademar Vidal — Edição da Casa do Estudante do Brasil — Rio de Janeiro, 1945.



Destinados, em diversas épocas, a jornais ou revistas, nem por isso os trabalhos reunidos neste livro deixam de observar um espírito uniforme ou coerente, que lhes atesta a geral sinceridade. O Sr. Ademar Vidal é um idealista e um batalhador. Extremado às vezes, como em certas páginas do livro *Terra de homens* — que a gente guarda de veras na memória e na sensibilidade — mas sempre independente, espontâneo nas idéias como desenvolvimento no estilo, mostra uma convicção que, pela firmeza mesma e a plenitude, precisa de expandir, de se comunicar e, tanto quanto possível, de convencer os outros. Está visto que tal necessidade não bastaria para o seu bom êxito. Outras condições, porém, lhe valem e uma delas reside na simpatia que logo desperta. Desde que começamos a ler o que o Sr. Ademar Vidal escreveu, o nosso interesse está suscitado, excitado. Teremos que ir até ao fim. E quando mesmo, depois, não concordemos inteiramente com aquela orientação ou aquelas conclusões, alguma coisa fica em nós, re-presentando a vitória do escritor.

Nas páginas presentes se ocupa o Sr. Vidal do continente americano, da sua vida presente, do seu prestígio no futuro. Acompanha, aprovando-as ou discutindo-as, as teorias sobre o papel e a influência destes povos, estabelecidas por André Siegfried, André Maurois, Hermann Keyserling, Lord Bryce, sem falar doutros, mais antigos. Encara então as questões de perto, coloca-se verdadeiramente dentro delas e a sua maneira de pensar e de sentir assume, portanto, a feição direta, encontrando logo, na nitidez dos aspectos, o ponto vivo das questões. As imagens também o seu cuidado de exame e o seu empenho de ilação, em vez de visarem genericamente o interesse do mundo, se especializam a serviço da América e, mais particularmente, do Brasil. O capítulo, por exemplo, *Sobre a violência*, inscrito nas "Vivências extracientíficas dum advogado", principia com uma amplitude universal. Vem daí a estreita, efectuada pelo braço de Caím, "da vida criminal do mundo". Por longas páginas se desenvolve sobre os impulsos e as lutas do instinto ou do sentimento humano, depois, irresistivelmente se encaminha para o Brasil e se vai demorar no caminhar nordestino para, como em *Terra de homens*, o explicar e, até onde possível, o defender.

Está claro que esta convergência de raciocínios e demonstrações para o objecto brasileiro nada prejudica o valor da obra. Ao contrário: dá-lhe intensidade, vibração. E assim, por todos os motivos e mais um, esse mesmo, ela merece ser lida e meditada.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



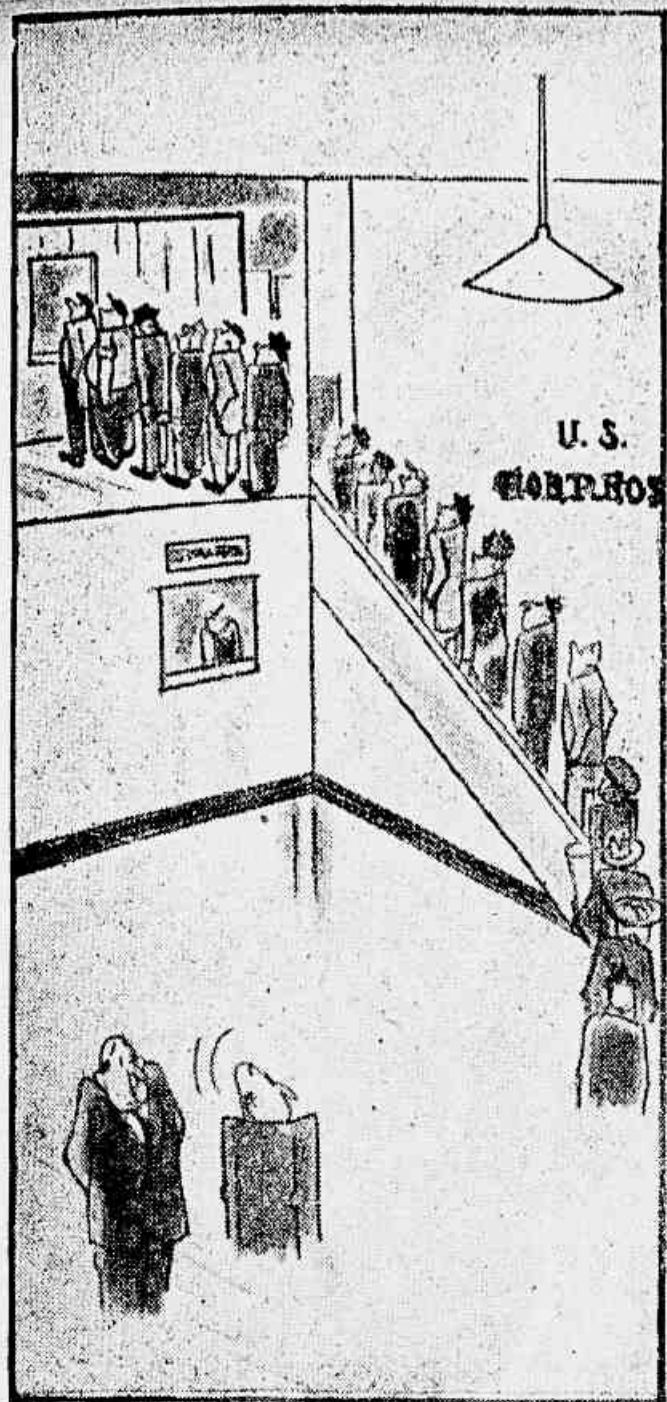
Brilho duradouro em poucos minutos!



Jockey Club Mundano

Agora que o frio se foi e o sol volta a brilhar no céu carioca, maior e mais elegante ainda se torna a frequência ao Hipódromo da Gávea, ponto de reunião obrigatório dos elementos da elite social do Rio de Janeiro durante as realizações dos magníficos "meetings" do Jockey Club. São da última reunião ali realizada os instantâneos que aqui reproduzimos.

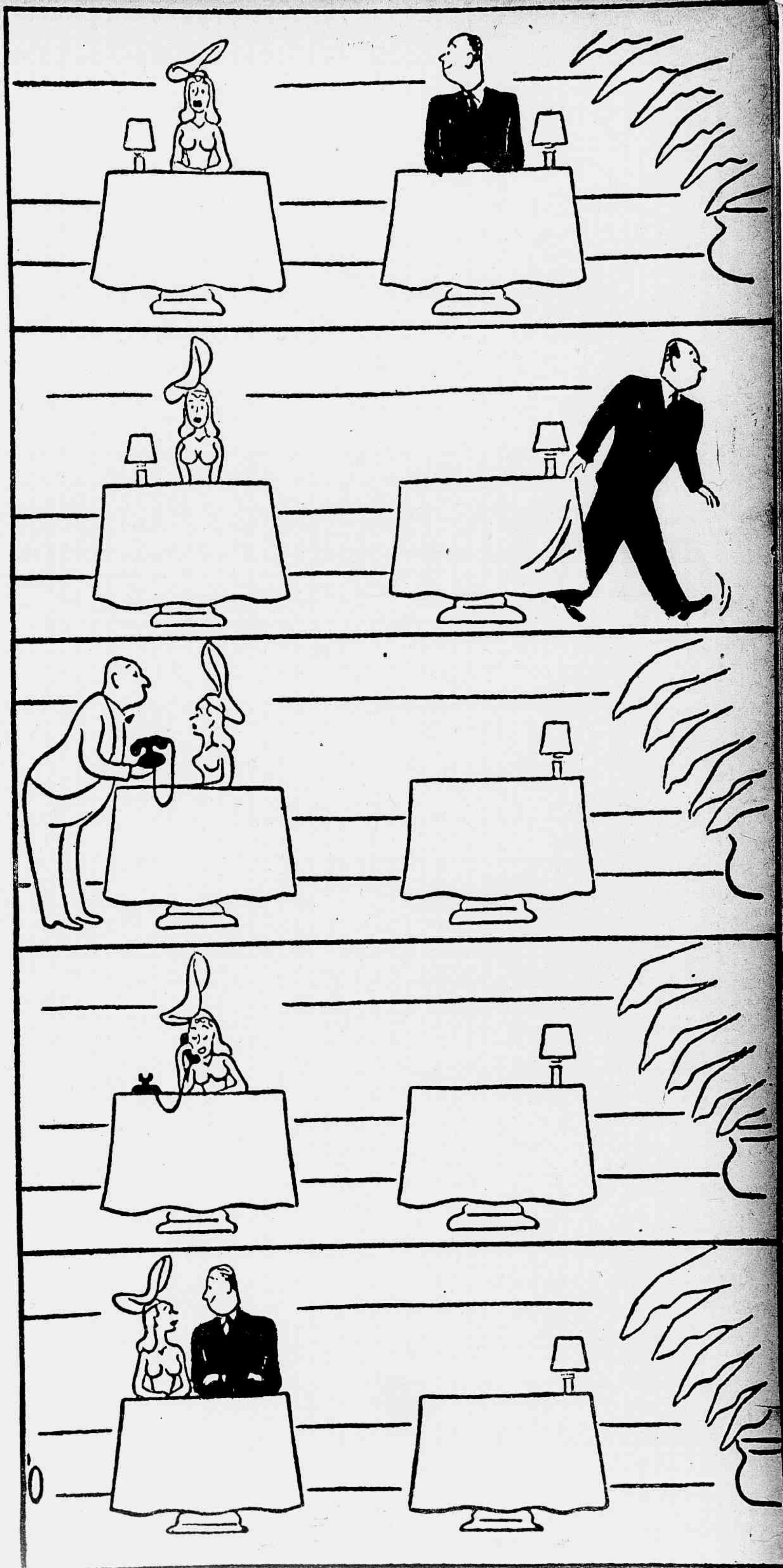
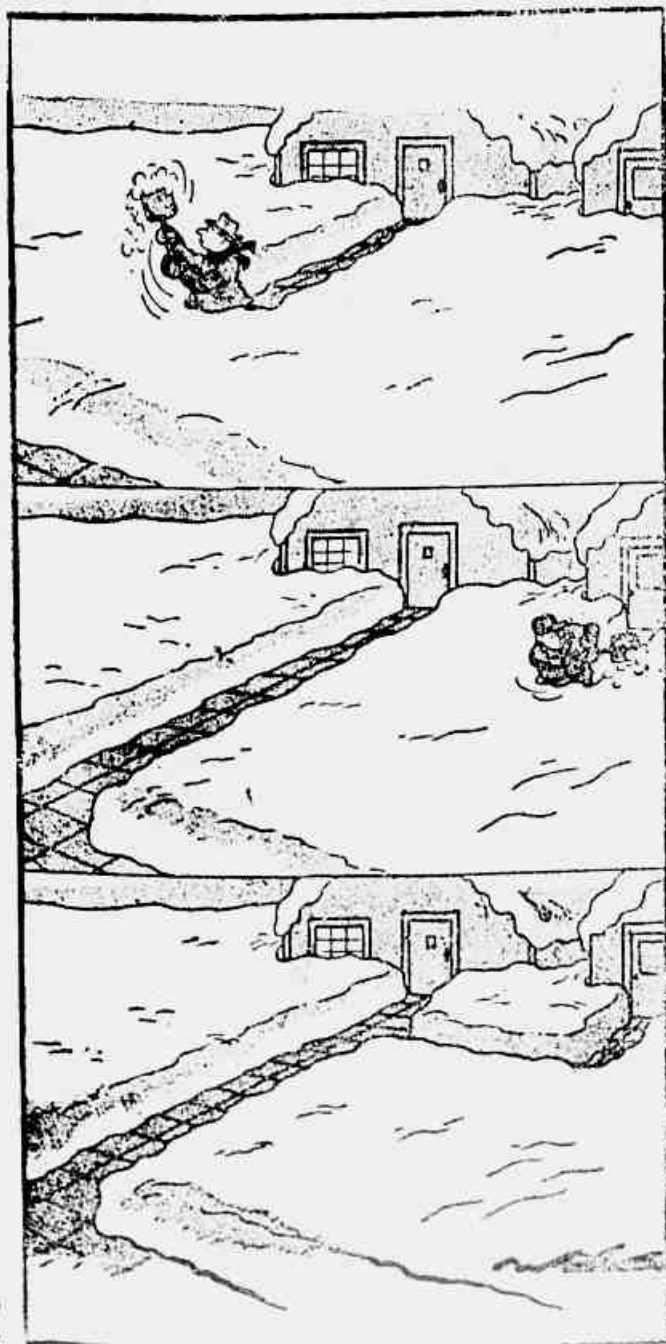




O MÍOPE — Muito realista esta pintura mural, sim senhor!

DE BOM HUMOR

Era uma vez um "trouxa" e um "sabido"...





Jimmy Uphaw em "Alucinação de Ébrio"
Liana Fuentes no bailado "Alucinação de Ébrio"



Eileen O'Brien no bailado "Alucinação de Ébrio."



NOITE ELEGANTE NA "BOITE DO POSTO SEIS"

★

Gloria del Rio





A esquerda — Mesa dos diretores da R.K.O. no Brasil. Sr. e senhora Felisberto Brant, sr. e senhora Clovis da Rocha Leão e sr. e senhora José Maria Henriques.
A direita — Mesa do embaixador do México.

Atlântico é sempre uma "boite" encantadora. Tanto que nos habituámos a chamá-la "querida". Querida como um cantinho nosso, o "chez-nous" da elegância carioca. Entretanto nas noites de estréia é muito difícil achar um adjetivo para o "night-club" do Pôsto Seis. Tudo o que o Rio tem de belo, de selet, de fino, de requintado enfeita as suas mesas floridas. E o círculo de perfis aristocráticos e de nomes ilustres na platéia é o complemento do prazer espiritual que dimana do palco iluminado. Na apresentação do último "show" houve uma superação desse superlativo. Talvez porque os artistas anunciados tivessem sido precedidos em nossa sensibilidade por uma aura de glória — dessa glória que o cinema confere aos seus "astros". Carmen Molina, integrando o "Trio Mixteco", é bem a flôr de cardo, leve como flôr de seda levada em redemoinho pelo áspero vento do deserto. Gloria del Rio, criatura exótica de lindos olhos e de voz nostálgica, encheu de velhas lembranças a noite romântica. Teresa e Luisillo dançaram com a paixão fremente da velha Espanha. E o quadro "Alucinação de Ébrio" encerrou a noite com suas canções e seus bailados originalíssimos. Uma grande noite. Ficou marcada nos anais da elegância carioca, como uma hora radiosa do alto mundanismo.

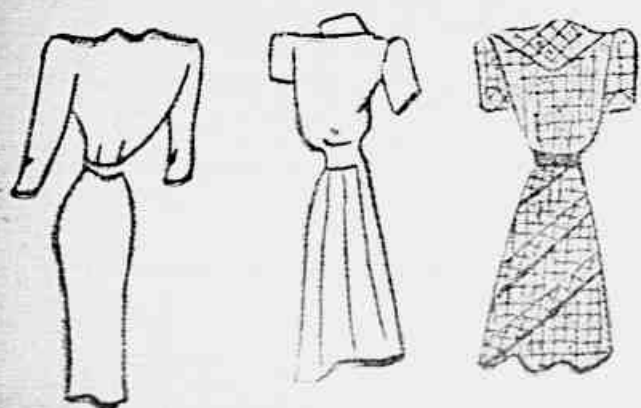
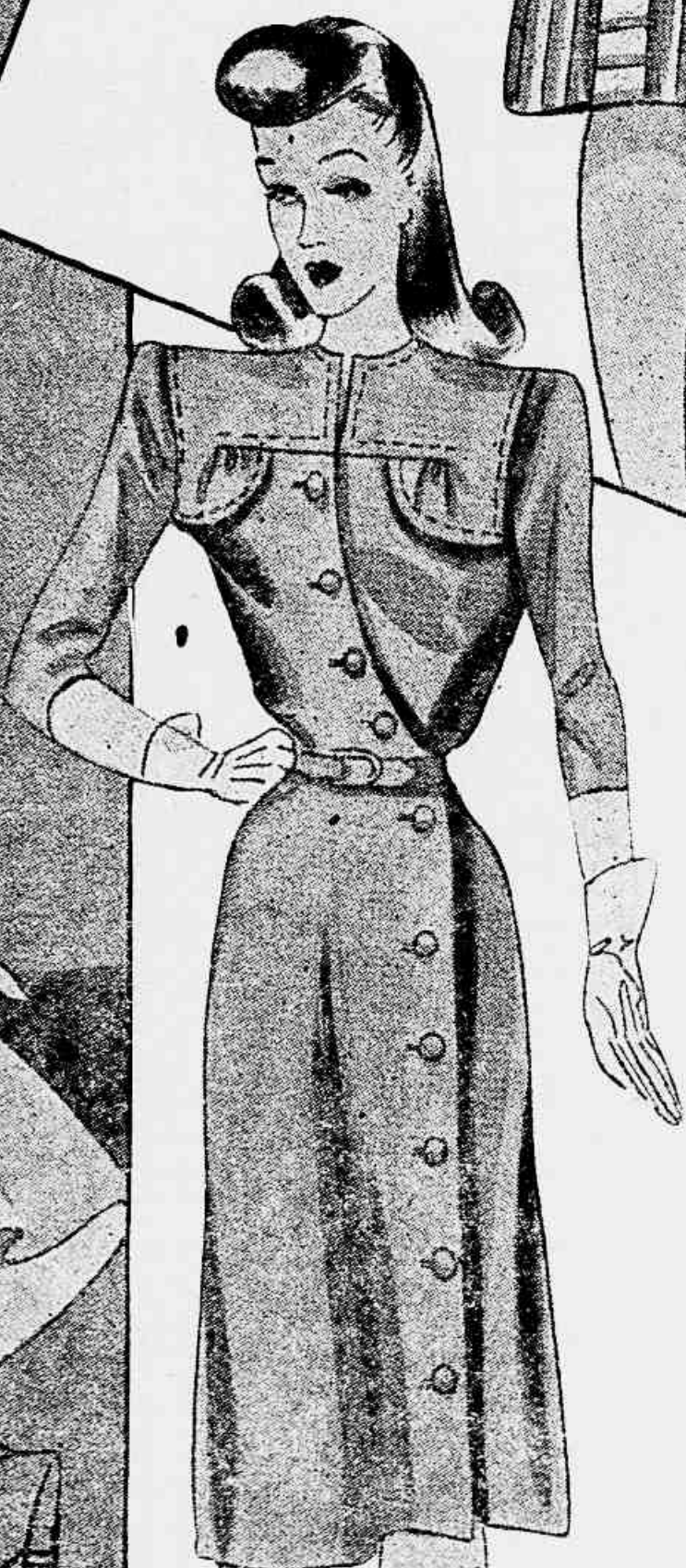
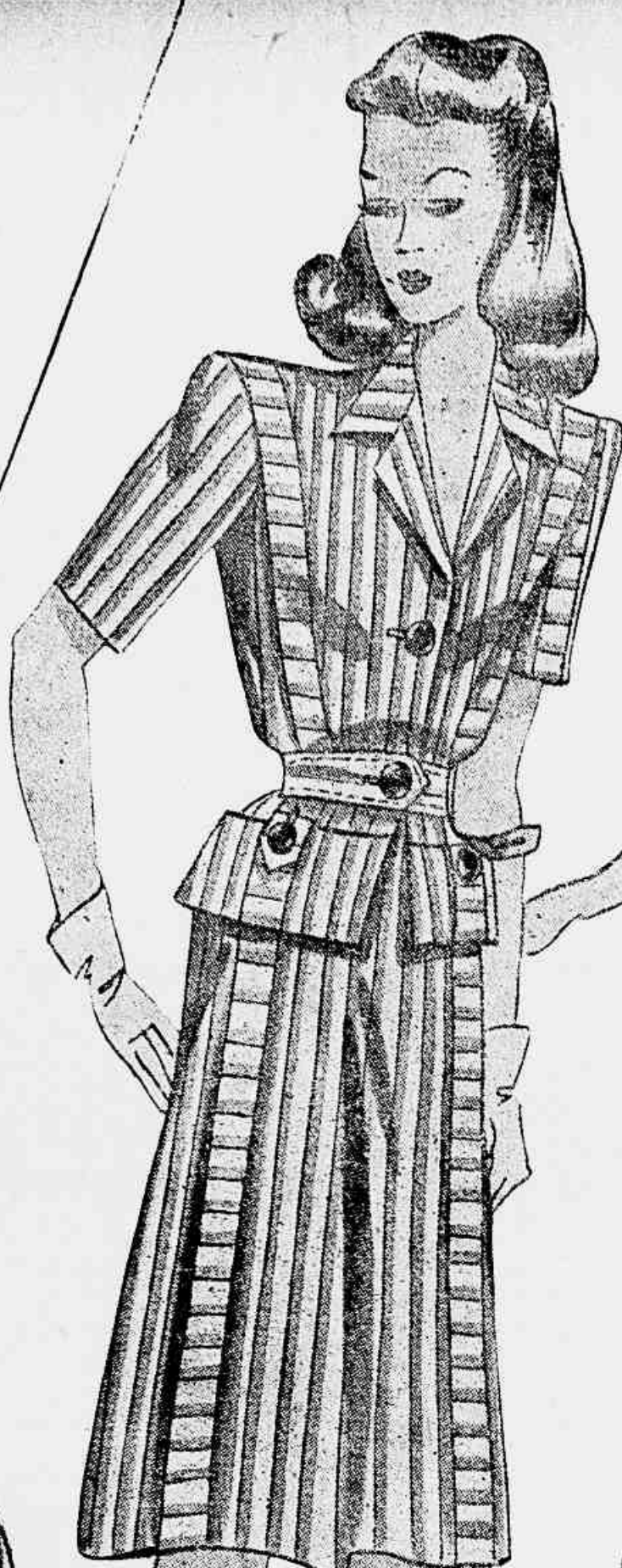


Teresa e Luisillo

Trio Mixteco

Jeune Filles

Aqui estão alguns modelos
diversos para as nossas
adolescentes. Chamamos a
atenção das nossas leitoras
para os dois interessantíssi-
mos modelos em listras, que
podem ser confeccionados
em azul e branco, vermelho
e branco ou em dois tons
de verde ou de azul.





A ESQUERDA:

Andry Totter, fascinante "girl" da Metro, oferece-nos um modelo bastante bizarro cujo adorno, simulando uma fita honorífica, lhe empresta um ar graciosamente marcial. A jaqueta termina em uma aba talhada em forma que acentua a graciosidade desta "toilette" deliciosamente original.

A DIREITA:

Num tecido Estrado em preto e prateado, Francis Rafferty apresenta-nos um conjunto gracioso para as tardes suaves da Primavera. Gola de rede branca, sapatos em camurça preta.

TRABALHADORES ILUSTRES

II

O TIMONEIRO DA CIDADE



Dr. Henrique Dodsworth, a personificação do trabalho e da justiça.

Se bem atentarmos ao desenvolvimento progressivo do Distrito Federal observamos que a grande maioria dos seus problemas encontrou finalmente solução satisfatória, merecendo os que ainda restam a atenção dos poderes competentes.

A engrenagem político-administrativa da Municipalidade carioca apresenta com efeito sutilezas que dificilmente podem ser apreendidas por quem não está atento ao trato contínuo das coisas públicas. Isto explica até certo ponto o marasmo em que jazeu por muito tempo a capital do país, cuja evolução ficara praticamente encerrada com o trabalho faticoso dos seus dois grandes gestores, Paulo de Frontin e Pereira Passos, glórias inconfundíveis da engenharia nacional.

O brilho que envolve o passado da metrópole brasileira, porém, devia reviver. Henrique Dodsworth o restabeleceu. Para as delicadas funções de governador da cidade trazia ele não só a fibra do seu ilustre ascendente, Paulo de Frontin, como os dotes da sua peregrina inteligência, aprimorada através da cátedra do Pedro II, cujos bancos frequentou na sua adolescência. O ensino, por conseguinte, teria nele um paladino incansável. O que tem feito nesse terreno é o bastante para consagrá-lo. Fixou diretrizes gerais para a formação intelectual, moral, social e física das crianças e dos jovens: fundou escolas em todos os bairros centrais

e subúrbios; levou a cabo a reforma do ensino primário, normal e profissional, de acordo com as atuais conquistas pedagógicas; tornou acessível a instrução aos pobres, proporcionando o funcionamento dos cursos noturnos; aumentou o salário do magistério municipal, obtendo, em resumo, os magníficos resultados que todos admiramos.

A política financeira do sr. Henrique Dodsworth foi sempre conduzida com o máximo escrúpulo, o que lhe permitiu as importantes realizações já concluídas e as em andamento. Valendo-se da sábia orientação com que arrecada e aplica os dinheiros públicos, ampliou os quadros do seu funcionalismo, aumentando-lhes os vencimentos e lançando o soberbo programa da remodelação urbanística, sem precedentes na história do Distrito Federal.

Sua ação abrange todos os setores, ressaltando, sobretudo, o da Assistência Social, em que se reflete a bondade e a nobreza de seu coração bem formado.

Agora que o país se prepara para iniciar novo ciclo político, cumpre que saibamos reconhecer o zelo de Henrique Dodsworth, demonstrado na solução das nossas coisas municipais.

Ele ainda tem muito a fazer.

(Ass.) Dr. Campos de Rezende (oculista)
Rua Buenos Aires, 212 — 1.º andar — Rio.

Quebra-cabeça

(Continuação da pág. 23)

— Se não houver crime?
— Mas se o jogo é de crime, tem que haver um crime — disse alguém.
— Claro.

Mitch entendeu o que ele queria dizer.

— O senhor quer dizer que se não combinarmos tudo direitinho, pode ninguém querer fazer o difícil papel do assassino.

— Sim.
— É verdade — disse outro.
— Como vamos sair dessa dificuldade?

Mitch disse:

— Farei uma sugestão.

TODAS AS INFORMAÇÕES SOBRE RÁDIO E PROPAGANDA RADIOFÔNICA

- Lista de todas as emissoras brasileiras, com endereço, potência, indicativo de chamada, frequência, horários, nome e endereço de representantes no Rio e São Paulo, "cast" e orquestras, informações técnicas.
- Estimativa do número de aparelhos de rádio, segundo as classes sócio-econômicas no Rio e em São Paulo.
- Coeficientes de rádios ligados durante um ano, no Rio e em São Paulo.
- Coeficientes médios anuais de rádios ligados em cada horário.
- Aparelhos somente de onda longa e aparelhos também de onda curta, nas duas cidades.
- A onda curta e a onda longa em face da audiência.

ESTUDOS, PESQUISAS E GRÁFICOS ILUSTRATIVOS

Tudo isso apresentará e

I ANUÁRIO DO RÁDIO

da Revista "PUBLICIDADE",
que sairá no fim de setembro.

Empresa Editora PUBLICIDADE, Ltda.

Av. Presidente Wilson, 198 — 3.º and. — Fone: 42-9264 — Rio
Rua Libero Badaró, 488 — 7.º and. — Fone: 3-4762 — S. Paulo

Feliz descoberta.

ANTISARDINA

creme miraculoso

LABORATÓRIO

ANTISARDINA

Caixa Postal, 80
CURITIBA - PARANÁ



Senhores:

Em signal de gratidão pelos benefícios que obtive com o uso de ANTISARDINA, — o creme miraculoso para o tratamento da pele, unico que produz os efeitos que anuncia; ofereço-vos uma fotografia em homenagem a ANTISARDINA que é a mais feliz descoberta para o embelezamento da cutis.

Respeitosos cumprimentos

(a.) Ivoete Jacyra Nascimento
(Firma reconhecida)

— Vejamos qual é.
Mitch estava agora no meio do salão. Proferiu as palavras de que haveria de arrepender-se mais tarde.

— Sortearemos um assassino. É lógico que cada qual tirará uma ficha de dentro de um saco sem deixar que os outros a vejam. O que tirar uma ficha vermelha — uma única ficha vermelha que haverá — será o assassino.

— Ótimo.
— Magnífico.
— Vamos sortear.

Acharam umas fichas da mesa de jogo. Contaram o número de pessoas.

— Vamos! Cada qual tire uma. E esconda bem ou estará deixando ver se é culpado.

Cada qual mergulhou a mão na cesta.

Mitch teve um pressentimento. Antes de abrir a mão disse.
— Nós não combinamos quem será a vítima.

— Mas já se sorteara o assassino!

— Como vamos fazer?

— Temos que descobrir alguém que não esteja no jogo.

— É. A vítima, de qualquer forma, não tem que tomar parte...

De repente uma voz — Mitch não pôde se lembrar mais tarde quem tinha sido — disse:

— Miss Halloween.

— Ótimo.

Todos concordaram com a idéia.

Outra voz, não identificada, disse:

— Eu queria ser o assassino. Depois desse fim de semana sem graça que tivemos...

— Ao jogo.

"ALLÂNIA

PRODUTOS DE ALTA CLASSE

Foi naquele momento que alguém acendeu as luzes do quarto, que estava às escuras.

— Quem era o assassino?

Quando o prenderam não se surpreendeu muito. Na verdade, já estava esperando por aquilo. Desde que encontrara miss Halloween morta descobrira que seu pressentimento era exato. Ele ia ser condenado por causa de um crime que não cometera. Não era verdade. Por causa de um crime que cometera. Mas não a morte de miss Halloween. Outro crime.

(Continua na pág. 47)



*Você não sabe
o que está perdendo...*

...não tomando às refeições

MALZBIER da BRAHMA



Exatamente! Uma perda! Em sabor e energias... Nem se fala, então, se sua mesa carece de algum alimento indispensável. Mais do que uma delícia, Malzbier da Brahma é nutritiva, dada sua riqueza em malte. Ligeiramente, doce é a cerveja do lar, devido a seu baixo teor alcoólico. Ela proporciona um valor e prazer lembrados às refeições.

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA



Deixa aí Menino!

... Aplique-lhe Mentholatum abundantemente, e as suas propriedades analgésicas e refrescantes aliviarão a dor. Ajuda a cicatrizar e a sarar as queimaduras e evita a formação de ampolas. O remédio de confiança mundial. Exija o legítimo

MENTHOLATUM



De cada 5 pessoas
- 4 estão ameaçadas

de PIORRÉIA

sem sequer suspeitá-lo

Inimiga da beleza
dos dentes e da saúde
das gengivas

Gengivas sensíveis e que sangram são geralmente o primeiro sinal da piorrêia.

Se não for combatida a tempo, a piorrêia provoca o amolecimento e a desfiguração das gengivas com o consequente afrouxamento e perda dos dentes.

Não se arri que com a piorrêia! Comece a proteger-se hoje mesmo com o dentífrico FORHAN'S para as gengivas! Forhan's é feito especialmente tanto para limpar os dentes como para massagem nas gengivas, sendo o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-irritante do Dr. Forhan.

Exames clínicos recentes demonstraram que 95% das pessoas ameaçadas de piorrêia apresentaram notável melhora no fim de apenas um mês de uso do dentífrico FORHAN'S.

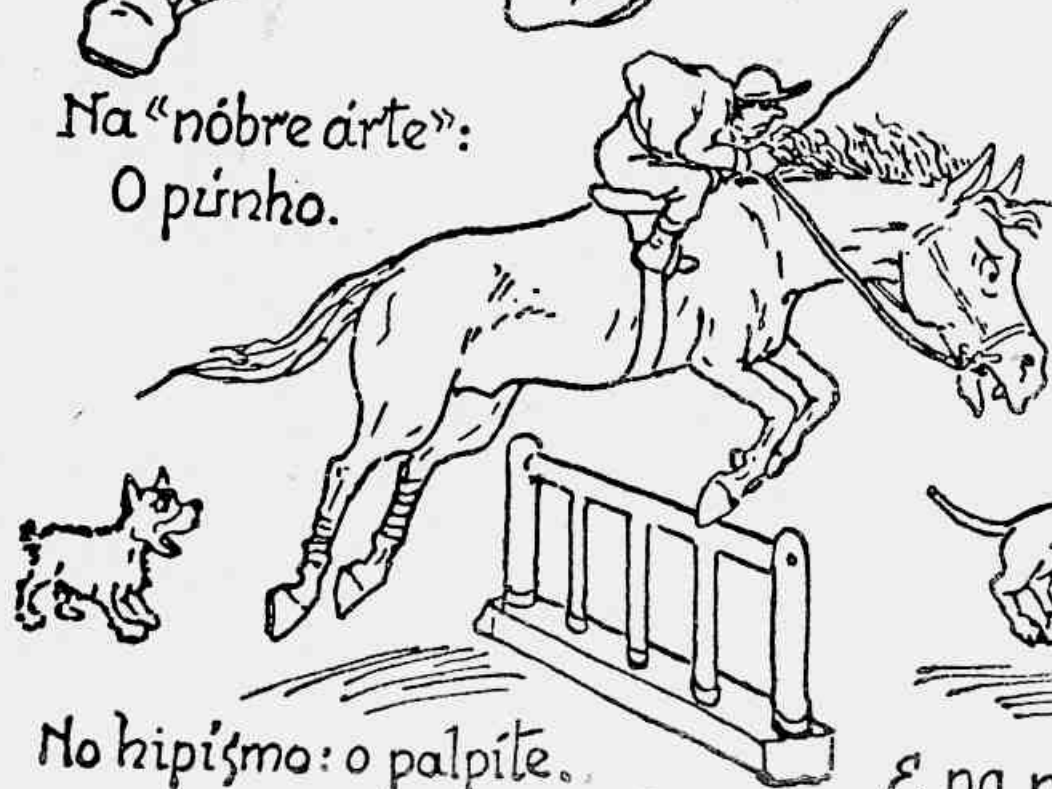
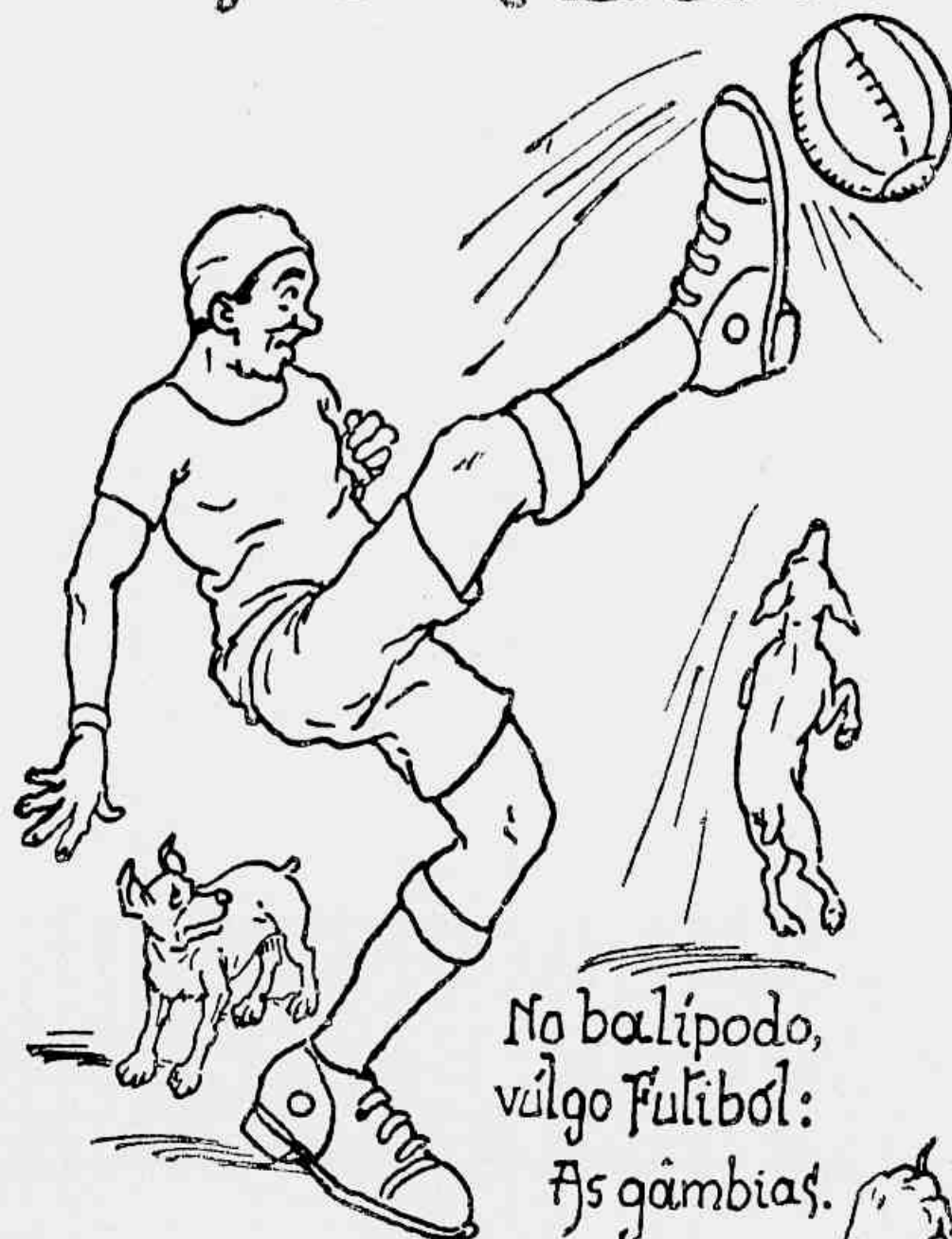
Comece a usar o dentífrico FORHAN'S hoje mesmo!

Escove os dentes com

Forhan's



DESTAQUE...



CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

Quebra-cabeça

(Continuação da pág. 45)

que ele e miss Halloween se odiavam. E isso, senhores jurados, o réu não negou.

Foi nesse momento que chegou a carta. Dizia:

"Mitch. Seu castigo já é suficiente. Você atormentou minha irmã durante várias semanas, até que ela foi forçada a abandoná-lo. Mas não matou. Não deixarei que morra condenado por um crime que não cometeu. Fui eu que arranjei tudo quando soube que minha irmã tinha se suicidado de desespero porque não podia viver sem você. Eu também não posso viver sem ela. Por isso, sabendo que vocês haveriam de jogar esse jogo, tomei minhas providências. A sugestão foi feita pelo mordomo por minha ordem. E o sorteio foi feito na presença de Stevens, que é um hábil prestidigitador. Ele conseguiu que você obtivesse a ficha vermelha. Ele é inocente. Pensava que se tratava de uma brincadeira. Mas era sério. Enquanto você prepa-

rava as provas para mostrar que não tinha matado de brincadeira, eu me suicidava realmente, deixando esta carta com Stevens para lhe ser entregue caso eu morresse. Ele não desconfiou. Pensou que se tratasse de algum caso relacionado com essa herança que eu num testamento recente deixei para você mas que em documento incluso lhe retiro — um testamento posterior. Era somente mais uma prova para que você fôsse levado a julgamento e tivesse tempo para sofrer um pouco, pelo menos um pouco pelo sofri-

mento que você não poupou à minha irmã. Está livre agora. Já teve seu castigo. Não torne a cometer um crime. Adeus. — Laura Halloween."

★

O comentário do promotor ao ler a carta foi:

— Essa mulher estava louca. Tinha dito a pura verdade, porque a mulher de Mitch era viva. Todo o resto, porém, era invenção.

E eles eram muito felizes. Fôra o cérebro descontrolado de



Laura que imaginara aquela tragédia. Mas o suicídio, de fato, acontecera. E com a carta ele foi libertado, dando graças por não ter mais sérias consequências a loucura da cunhada.

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se descoloca

A sua dentadura postíca cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. **FIXODENT** é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postícas. Conserva-as mais firmes na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não dá na boca nenhuma sensação pegajosa.

Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

90 B

O preço desta edição é de Cr\$ 1,50 em todo o Brasil, não podendo ser vendida por preço maior.

● Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

P. Ferraz

Os distúrbios sexuais na mulher e o seu tratamento moderno

Data de 1933 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher.

Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo as primeiras drágeas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral. "PANSEXOL" famílias encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésio
Remetemos pelo reembolso Postal
Café 25,00 e vidro

Produtor PANSEXOL - Rua de Niterói, 1
Cidade de JAMBUQUÊ

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Cabelos Brancos???
Esclarecedor Discreto

Informações:
Rua Fisch, 163-Blo. T. 23-240
OLEO - LOÇÃO



MODELOS

★

A esquerda — Modelo em tafetá negro combinado com tafetá rosa. A direita — Um esplêndido conjunto em veludo de seda amarelo e crepe negro.



PREFIRA
AGUA DE COLONIA LEGITIMA
MARCA
RION
UMA COLONIA CLÁSSICA



Rion



AGUA DE LAVANDA
RION

TIPO PERFEITO DE
OLD ENGLISH LAVANDER

De Musica

Aconteceu Durante a Temporada...

(Continuação da pág. 14)

dos diante do público, para que ela não recebesse sozinha aquela demonstração de desagrado.

★

Estranhou-se a demora de Zinka Milanov o ano passado. O soprano dramático do Metropolitan, que estava contratado, resolveu, porém, à última hora, mandar um telegrama e um atestado médico, invocando "surmenage" como pretexto para não comparecer. A falsidade era evidente; entretanto o caso só ficou explicado agora, com a carta que certo membro da companhia lírica recebeu.

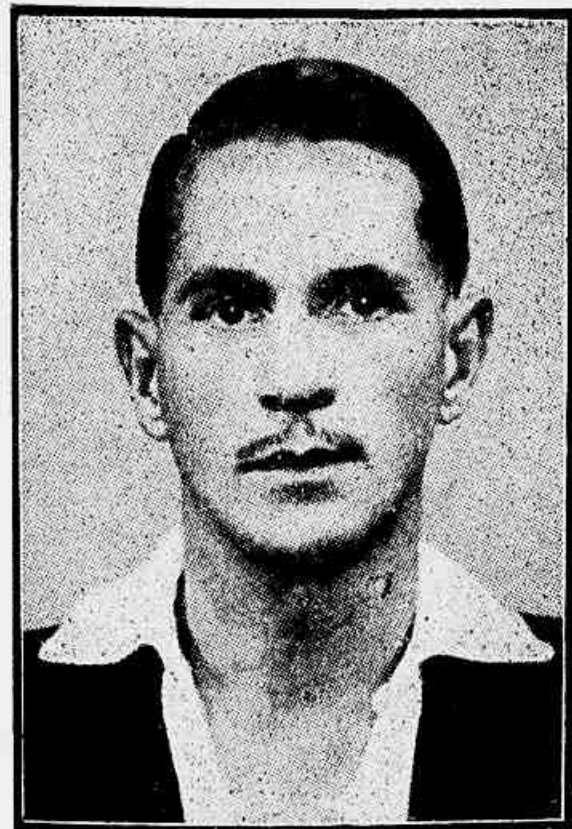
De Cinema

A volta do filme francês

(Continuação da pág. 14)

filmes, um hoje, outro daqui a meses, a esses intermediários que só se interessam com o "tiro", com o proveito imediato, e que não desejam assumir os encargos de uma distribuição permanente. Isso de ir à França arrematar meia dúzia de filmes mais baratos, por isso inferiores, trazendo-os para aproveitar a expectativa do nosso público, só poderá arruinar por muitos anos a cinematografia francesa e prejudicar maiores negócios, vindouros e estabilizados. Devem evitar os franceses o sucedido com o cinema argentino, que faz coisas boas, porém desmoralizado o seu cinema junto ao nosso público mercê das mediocridades que em outro tempo por aqui andaram. Evite-se os "livre-atradores", os compradores avulsos de um filme que dará dinheiro na certa, embora depois afugentando o público do bom cinema francês. E cuide-se, preferentemente, de instalar um aparelho próprio e exclusivo. — C.

Sincera gratidão ao cardiologista patricio Dr. Divo Orcioli



Padecendo, há tempos, de séria enfermidade do coração, o sr. Lourenço Petrillo Sobrinho, residente em Friburgo, à rua Arnaldo Bittencourt n.º 61 (Suspiro), seguindo conselhos de médicos e amigos, veio para esta capital, onde procurou o Dr. Divo Orcioli, com consultório à rua Buenos Aires, 250. Achando-se completamente restabelecido de tudo quanto sentia, deseja confessar pela imprensa, os seus agradecimentos a este notável cardiologista brasileiro.

"Imagine você" — estou citando um trecho — "que vi, ontem, Zinka Milanov, em Nova York, com o elegante professor de canto... Lembra-se que ela, em 1944, não cumpriu o contrato com o Teatro Municipal? Não queria sair de junto dele... Aqui há "coisa", meu bem..."

As razões de Zinka, portanto, não eram nem artísticas nem econômicas; seu mal não era "surmenage": ela estava sofrendo do coração...

★

Depois que Gerhard Pechner ganhou uma soma elevada no Casino da Urca, muitos cantores resolveram experimentar sua sorte na roleta.

Disse-me uma artista:

— Este ano não levarei nada do Rio. E se continuar desta forma acho que vou deixar muita coisa aqui...

★

Charles Kullman conquistou o público feminino. Já passou a época dos tenores

obesos. Hoje elas preferem que eles não cantem bem (não é o caso de Kullman), mas também que não se assustem ao passar perto de uma balança (Kullman não tem motivos para evitar a balança).

Um parêntesis: Bruna Castagna parece estar tomando a sério a campanha de emagrecimento dos cantores líricos. Recentemente figurou com orgulho numa daquelas famosas fotografias duplas: "Eu era assim... Hoje estou assim..."

Voltando ao assunto Charles Kullman.

Tive ocasião de ouvir uma curiosa conversa.

Miss Kullman, filha de Charles, 16 anos bem desenvolvidos, estava de pé, junto ao balcão de uma loja de discos. Uma empregada, vendo-a, murmurou para uma companheira:

— Olha a filha de Charles Kullman...

— Não pode ser! Uma mulher de seus trinta anos! E é tão mocinho...

O contrário é que estaria bem próximo da verdade.

Roberto Lyra Filho

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

Pilulas de Herva de Bicho
compostas imescard

LIC. 3.518
14-3-925-D.N.S.P.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use AURIS-SEDINA

QUE É BELEZA-DE-MÁSCARA?

É esta falsa aparência de beleza conseguida com os recursos de um "maquilage" excessivo, com o fim de ocultar ou disfarçar imperfeições da cutis. Além de artificial e efêmera, essa Beleza-de-Máscara constitui perigo para a vital respiração da pele.



EVITE! Livre seu rosto da

— Beleza de Máscara!

Não oculte, não disfarce!

CORRIJA AS IMPERFEIÇÕES COM LEITE DE COLÔNIA!

Ao consultar seu espelho hoje, faça isto — observe sua pele longamente, cuidadosamente... Sem temor, deixe que a realidade apareça... E se descobrir alguma imperfeição, cuidado com os perigos de uma Beleza-de-Máscara! Não asfixie a pele, pensando ocultar ou disfarçar rugas, espinhas, cravos, sardas e manchas... Mais prática, simples e fácil é esta solução — corrija as imperfeições, eliminando-as! Para tanto, basta usar o Leite de Colônia — que limpa, alveja e amacia a pele, removendo as imperfeições. É dessa forma que conseguirá dar à sua cutis uma beleza jovem e radiante — uma beleza real!

EIS O FÁCIL TRATAMENTO DIÁRIO PARA SUA PELE!

Use Leite de Colônia pela manhã e durante o dia como base para pó. À noite, para tirar o seu "maquilage" e limpar a pele. Use-o igualmente para proteger sua cutis contra os efeitos do sol, água e pó.



Leite de Colonia

W.T.

— LIMPA, ALVEJA E AMACIA A PELE!



MATERNIDADE Arnaldo de Moraes



PARTOS, GINECOLOGIA E
CIRURGIA DE SENHORAS
TELEFONE 27-0110

Casa de saúde especializada para partos, ginecologia e cirurgia de senhoras. Tratamento de tumores pelo Radium e Radioterapia profunda. Serviço de assistência ao parto com internação e assistência médica por Cr\$ 1.500,00 mediante inscrição e exame obrigatórios com um mês de antecedência e sinal de Cr\$ 500,00. Assistência prenatal sob a orientação do Professor Arnaldo de Moraes. Raios X diagnósticos permanentes. Anestesia pelos gases. Médico permanente para atender aos casos de urgência.

RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA

MODAS

1 — Vestido de crepe negro; aplicações de contas turquesas em volta do decote. 2 — Este modelo é em crepe marron, cuja pala, em feitiço de chale, é confeccionada em crepe verde. 3 — Pala de cetim rosa bordada com vidrilhos num vestido de "marocain" negro. 4 — O último em seda azul marinho com os bolsos adornados com três fileiras de galão multicôr.



NO CALOR...

Dê à sua cutis uma agradável sensação de frescor, com uma leve fricção de Água de Flórida. Perfumada, desodorante, antisséptica e estimulante da circulação sub-cutânea, Água de Flórida mantém a pele fresca e perfumada o dia todo... A venda em todas as farmácias e perfumarias.

ÁGUA DE FLÓRIDA



O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

REGINA — Luiz. Um dia eu lhe direi que espécie de temor até hoje me reteve; um dia eu lhe direi que conflito se debate em mim, e você então perdoará minha demora em lhe dizer quem sou. Ai então você compreenderá o que se passa em mim.

LUIZ — Eu já lhe disse tantas vezes que não receio nada, que eu a quero para mim, que me é indiferente o seu passado, que me é indiferente tudo o que não seja você mesma com esse espírito, com essa graça, com essa personalidade e com esse amor que brilha como uma **estrela misteriosa** no fundo de seus olhos verdes. Não se demore mais, Heloisa. Confie-me a sua vida, entregue-me o seu coração.

REGINA — Está bem, Luiz. Eu apressarei o momento decisivo. Vou providenciar amanhã mesmo, para que não se demore a pessoa cuja presença será uma espécie de consagração.

LUIZ — Ainda bem. Precisamos decidir a nossa vida. Eu preciso ir ao Rio. Devo quanto antes apresentar o meu invento ao governo. E não quero embarcar sem você ou, ao menos, com uma sua promessa definitiva. Eu estou cansado de esperar.

REGINA — Espere um pouco mais e tudo estará resolvido e bem melhor do que você possa imaginar.

(Intervalo)

(Pranto de mulher)

MÃE DE SUZETE — Mas o que se passa com você, minha filha? Por que está chorando assim? Você andava tão contente estes últimos tempos. Ah, você estava lendo este jornal. Alguma notícia má, Suzete?

SUZETE — Leia, leia, mamãe.

MÃE — Han... é o retrato do Levy. Mas Suzete: o Levy matou o Walter?

SUZETE — Pois é, mamãe. E a culpada fui eu. Eu fui fazer ciúmes ao Levy, e aí está o que aconteceu. Que remorso, meu Deus.

MÃE — Eu não lhe dizia, minha filha? A vingança é um punhal com duas pontas. Quem usa essa arma se fere também. O perdão, Suzete, é a melhor desforra que a gente pode tirar de quem nos faz sofrer. Depois que se perdoa há um bem-estar, um repouso tão grande dentro da gente. Você não ouve nunca os conselhos de sua mãe. Se você me ouvisse não estaria chorando agora essas lágrimas que você bem merece chorar.

SUZETE — Oh, mamãe. Não me castigue com esta censura. Eu já sei que fiz mal. E já estou pagando o que fiz com o meu remorso.

MÃE — Sua mãe lhe chama a atenção para que você aprenda. A vida é uma escola, Suzete. E quanto mais cedo a gente se diploma, melhor. Sua mãe aprendeu, mas aprendeu tarde de mais. Quando já não valia a pena saber. E por isso eu quero ao menos que você herde a minha experiência, já que outra coisa eu não lhe posso deixar. Seja sempre boa, Suzete. Mesmo que esta bondade lhe traga o sofrimento. O pranto que a gente chora sendo bondosa é uma espécie de água benta: acalma e faz bem. Ao passo que as lágrimas da inveja e do rancor só o que fazem é estragar o coração.

SUZETE — E a senhora ainda não sabe tudo. Eu fiz

uma coisa muito pior. Eu até nem tenho coragem de lhe confessar.

MÃE — Confesse, minha filha. Abra o seu coração à sua mãe. Sua mãe é a sua melhor amiga e está sempre disposta a lhe perdoar.

SUZETE — Escute, mamãe; não foi só ao Levy e ao Walter que eu castiguei. O castigo maior quem está sofrendo sou eu mesma. Porque só agora, depois de tudo o que fiz, e sinto que, apesar de tudo, eu ainda gosto muito do Levy.

MÃE — Qual. Por isso é que os homens dizem que a mulher é uma charada sem solução...

(Música)

(Batidas numa porta)

TIA ALZIRA (chamando) — Josefa...

JOSEFA — Ah, é a tia Alzira?

ALZIRA (fora) — Sim, Zefinha. Sou eu.

JOSEFA — Já vou abrir, tia Alzira.

(Porta abre e fecha)

ALZIRA — Boa tarde, Josefa. Recebi seu recado e vim correndo. Você precisa de alguma coisa? Você sabe que a tia Alzira está sempre às ordens de vocês.

JOSEFA — Obrigada, tia Alzira. Eu já sei. Então eu já não conheço a sua boa vontade? Olhe, tia Alzira, eu chamei a senhora por causa de uma carta da Heloisa. Ela me escreveu pedindo que lhe contasse umas coisas que a senhora até hoje ignora e que precisa saber. Sente-se e escute o que lhe vou contar.

(Transição musical)

JOSEFA — E é esta a história da Heloisa. Ela me escreveu outro dia pedindo que eu lhe contasse tudo. A senhora é quase uma pessoa da família e ela quis lhe fazer ciente de tudo, uma vez que muito breve as coisas tomarão o rumo que agora a senhora já sabe.

ALZIRA — Eu sabia que havia qualquer mistério na vida de dona Heloisa. Isto era uma coisa muito fácil da gente perceber. Mas nunca imaginei que ela fosse tão sofredora. Pobre moça. Tão corajosa. Que Deus lhe dê agora a recompensa que ela bem merece. Olhe, Josefa. Eu também tenho o que contar. Mas há uma diferença muito grande: a dona Heloisa, ou melhor, a dona Regina não tem, como eu, um remorso lhe roendo o coração.

JOSEFA — Um remorso, tia Alzira? Mas a senhora, tão boa, sempre tão disposta a perdoar os outros, pode ter algum remorso, tia Alzira?

ALZIRA — Tenho, Josefa. E o meu remorso é um remorso sem remédio, porque não me resta nem o consolo de pedir perdão. Eu não posso nem mesmo procurar diminuir a minha falta.

JOSEFA — Mas por que, tia Alzira?

ALZIRA — Porque a pessoa a quem eu fiz tanto mal morreu, e eu não pude me ajoelhar a seus pés. (Chora)

JOSEFA — Mas a senhora é tão boa que eu não posso compreender uma coisa dessas...

LUIZINHA — Pois a Josefa no princípio ficou tão entediada. Ela achava esquisito.

ALZIRA — Esquisito por que? Será possível que até para Deus Nosso Senhor a gente tenha de usar as hipocrisias aqui da terra? E você sabe que eu tenho um palpite, Luizinha?

LUIZINHA — Qual é, tia Alzira?

ALZIRA — Eu ainda vou assistir ao seu casamento aqui nesta capela.

LUIZINHA — A senhora está me desejando um mal, tia Alzira?

ALZIRA — Mal nenhum, minha filha. Eu estou lhe desejando a coisa melhor e mais justa deste mundo.

LUIZINHA — Então a senhora quer que eu seja vítima daquela maldade que a senhora comparou ainda há pouco aos espinhos da flôr do cactus?

ALZIRA — Por certo, minha filha. Você tem que viver, você deve e precisa viver.

LUIZINHA — Mas eu não estou vivendo, tia Alzira?

ALZIRA — Você acha que isto é vida, Luizinha? Viver é enfrentar as maldades, é abraçar os prazeres, é lutar e vencer. E uma mulher para viver — mas viver de verdade — deve ter um homem a seu lado.

JOSEFA (chamando longe) — Luizinha, o Zé Pedro já chegou. Ele trouxe uma carta para você.

LUIZINHA — Já vou, Josefa.

(Passos)

LUIZINHA — De quem é a carta?

JOSEFA — De sua mãe. Ela me escreveu também.

LUIZINHA — Deixe-me ver quais são as novidades.

(Rumor de papel)

LUIZINHA (pausa) — Oh, Zefinha! Que bom!... Veja o que ela diz aqui...

(Intervalo)

JOSEFA — Deve ser a mesma coisa que mandou me dizer.

LUIZINHA — Isto mesmo. Oh, meu Deus! Como eu vou ficar contente, Zefinha!

JOSEFA — Então? Eu não lhe pedi que tivesse paciência? A vida é assim mesmo. Ela gosta dos que não lhe dão muita confiança e entram em luta com ela. Por isso é que sua mãe está vencendo.

LUIZINHA — É. Mas quem diz isso é a tia Alzira. Você está repetindo as palavras dela.

JOSEFA — Que é que tem? A gente deve aprender o que é bom. E é verdade. Onde está ela? Onde está a tia Alzira? Você deixou a tia Alzira sozinha?

LUIZINHA — A tia Alzira ficou rezando na capela. Eu vou buscá-la. Com o alvoroço da carta eu a deixei sozinha.

JOSEFA — Vá, Luizinha. E reze uma prece para agradecer a Deus a boa notícia que recebeu.

(Música)

REGINA — Oh, Luiz. Eu estou tão satisfeita de lhe devolver estes papéis. Aqui estão. Agora você já não terá

embargos para entregar o seu invento ao governo. E a nossa pátria contará com mais um nome glorioso — o dr. Luiz Vilela. Naturalmente você receberá uma porção de homenagens, receberá um a cruz, uma condecoração, será glorificado. Como eu estou orgulhosa de você!...

LUIZ — Heloisa. Eu sinto uma grande alegria em poder contribuir com a minha ciência para o engrandecimento de meu país. E terei uma alegria enorme em receber tôdas as homenagens que você acaba de prever, mas... acima das condecorações e antes de qualquer cruz de ouro ou de brilhante, antes de todo esse triunfo, a cruz de seus braços, a condecoração de seu beijo, a glória do seu amor!

REGINA (risinha e carinhosa) — Você é incorrigível. Aproxime-se, Luiz. Assim... agora feche os olhos (pausa).

LUIZ (numa exaltação) — Heloisa... você é um anjo! Você é a maior de tôdas as mulheres. Obrigado. Eu não podia ter uma recompensa melhor do que este beijo. Oh, Heloisa! Meu amor! (Beijos)

HELOISA — Luiz. Sossegue! Chega. Pelo amor de Deus!

LUIZ — Desculpe, meu bem. Mas o seu beijo me enlouqueceu. E agora eu quero saber: você não acha que chegou a hora de resolvermos o nosso problema? Você já sabe o bem que lhe quero. Que eu não posso mais viver sem você. Eu preciso de você. E para isso tenho que lhe contar a minha vida. E' possível que depois de me ouvir você me repudie. Mas eu lhe juro que se isto acontecer eu renuncio a tudo. Queimo aqueles papéis e me aniquilo para sempre. Está em suas mãos o meu futuro e até mesmo o benefício que eu posso prestar à minha pátria. Se você me recusar o seu amor, você não me sacrificará apenas a mim. Você dará um grande prejuízo ao seu país.

REGINA — Um verdadeiro ultimatum, senhor cientista... E a sua sabedoria não se restringe apenas ao estudo da química, hein? O ilustre sábio tem uma grande tática para se apoderar dos corações de mulher.

LUIZ — Sim, Heloisa. E' bem possível que agora eu saiba prender um coração de mulher. Mas a minha experiência foi bem amarga, pode crer. Justamente por ignorar os segredos do sentimento feminino eu já destruí duas vidas. Uma delas foi a minha. Esta pobre vida que ressurgiu para você. Sim, Heloisa. E' como disse: sem você eu não quero a glória, eu não quero mais nada, eu serei o mais miserável de todos os homens, eu desprezarei tudo, trocarei tudo por você.

HELOISA — Mas então você seria capaz de desprezar a sua ciência, a sua glória, você trocaria tudo por mim?

LUIZ — Sim, Heloisa. Você está acima de tudo para mim.

REGINA — E' assim que você me ama, Luiz?

LUIZ — E' assim que eu a amo, com um amor abso-

luto e imortal. E agora, posso lhe contar o meu passado?

REGINA — Sim, Luiz. Eu o ouvirei. Sente-se ao meu lado. Dê-me a sua mão.

(Música)

LUIZ — E então, Heloisa? Você não me repudia depois do que lhe contei? Está disposta a enfrentar os preconceitos? Está disposta a caminhar comigo por esse caminho cheio de sombras, onde um fantasma ainda pode surgir?

ra é obrigação

a obrigação de ser bonita é feio quem quer. Isso Os crêmes protetores para a pele dão a dia. Os o crême de alface ultra-ue se caracteriza por sua ra embranquecer, afinar e lis.

Aplicar este crême, observe átis ganha um ar de natu-ntador à vista.

não respira resseca e tor-nente escura. O Crême de à pele respirar, ao mesmo ta os panos, as manchas e a tendência para pigmen

brilho de uma pele alvo a imperar com o uso dr ace "Brilhante"

EXTO

ON IN: AÇÃO DA PAG. 34)

uco tempo, mas, para e nem tudo o que pa-sível é de fato impos-dar-lhe uma pequena ção.

orriu e arrematou:

rovou.

os estavam curiosíssi-

foi?

fez-ê?

conseguiu?

omou novamente a pa-

mem recitou, um por nes que aprendera ha-minutos. Eram cento tudantes e ele não fez êrro. Fez o mesmo iti-o primeiro passeio, re-nome do ocupante de ira. Eu era o último. os já se preparavam uma salva de palmas, ar o possuidor de uma ão extraordinária. Ele para mim e... Subita-senti que ele esquece-me. Uma névem em-brilho de seus olhos.

Uma expressão de angústia pas-sou pelo seu rosto. Ele fez um esforço sôbre-humano e — se-nhores, foi a coisa mais surpre-endente que eu já vi na minha vida — ele se lembrou do meu nome todo. "Frank Mantone", disse, com voz triunfante. "Ra-paz, eu não esquecerei seu no-me enquanto viver"... E de fa-to nunca mais ele esqueceu meu nome.

O grupo estava desapontado.

— Terminou a história?

— E por que não pode falar com êle?

— Por que não nos pode apre-sentar?

Frank olhou para os compa-nheiros com expressão de tris-teza:

— Porque, desculpem-me: esqueci o nome dêle. Se fôsse so-mente para cumprimentá-lo, es-tava muito bem. Eu não preci-sava dizer o nome. Mas para apresentar vocês... Como é que eu vou fazer?

— Bem, não há de ser nada. Vá você sozinho. Nós ficamos daqui apreciando sua elegância...

— É, Frank, já que não pode ser. Ao menos vá você...

Frank agradeceu e levantou-se.

Êles viram-no aproximar-se



da mesa. Falar com o velho. Vi-ram o velho levantar-se e sair. Frank, por sua vez, saiu com a moça, conversando animada-mente. Poucos minutos depois o velho voltava. Evidentemente

Perfume
Rêve Rose
de
GALLY

Água de Colônia
Brilhantina
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Alvo

O sonho côr de rosa
dos perfumes!

A VENDA
EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



A semelhança das plantas, o absorve pela raiz as subs-que lhe dão vida, beleza ania. Tônico Oriental, sin-ente perfumado, nutre os ntos capilares, higieniza a , elimina a caspa, evita a e dá brilho, vigor e ma- os cabelos.

Tônico
ORIENTAL

Endereço Telegrafico:

"ALBINOSA"

TELEFONE 23-2709

CAIXA POSTAL, 224

ALBINO, CASTRO & CIA. LTDA.

ALFAIATARIA
CIVIL E
MILITAR

TECIDOS E
ARTIGOS
MILITARES
POR
ATACADO

Fabrica de Roupas
brancas
"CANDELARIA"

RUA TEÓFILO OTONI, 40
RIO DE JANEIRO



Bicalho Goulart
Ltda.

ENGENHEIROS CIVIS
CONSTRUÇÕES DE CONCRETO ARMADO
SANEAMENTO

RUA DO CHUMBO, 342
FONE 2-1912
BELO HORIZONTE

AV. RIO BRANCO, 108-18º and.
TELS. 42-8655 - 42-6898
RIO DE JANEIRO

estava procurando alguém, pois olhou em torno, espantado:

Os três rapazes aproximaram-se:

— Boa noite, professor. Está procurando sua filha? Ela saiu com um aviador...

— Aviador? Minha filha? Não sou professor, e quero saber onde aquele bandido me levou a pequena...

— O senhor não é pai dela?

— Qual pai qual nada! Eu...

Mas os três já estavam longe. Procuraram Frank e a moça por toda parte. Havia desaparecido.

No dia seguinte ele lhes contou, com ar cínico:

— Bem, quando o velho passou por nossa mesa vi o nome dele na cigarreira que tirou. Era a única coisa que sabia a seu respeito: o nome. Usei a velha desculpa do telefonema. Convinco a pequena em alguns segundos; ela não precisava de muita explicação para preferir a minha companhia, e saímos. Oh, rapazes, que pequena!

— Que aconteceu?

— Aonde foram?

— Que disse ela depois?

— Meus distintos amigos — disse o aviador, encerrando a questão — um cavalheiro não divulga nunca os segredos de uma dama. Passem bem.

ECOS DA VITÓRIA DE "ZAGAL" — Um dos maiores sucessos da 1.ª Exposição Agro-Pecuária de Carangola foi, incontestavelmente, a apresentação do magnífico touro "Zagal", da raça Holandesa preto e branco, laureado Campeão da sua categoria naquele certame. "Zagal" pertence ao plantel da Fazenda Sta. Teresinha, de propriedade do sr. João Pedro Magalhães Lourenço. Na foto acima vemos a cabeça do esplêndido animal, que, por um lapso, deixou de ser reproduzida na reportagem publicada sobre a referida Exposição, no nosso número de 22 do corrente.





A Tomada de Monte Castelo, apresentada com grande realismo e a cooperação de autêntico material de guerra, inclusive possantes fuzis-metralhadoras. Na gravura acima um flagrante da movimentada apoteose do primeiro ato. Em baixo os atores Manuel Rocha, Pedro Dias e Miguel Orrico, respectivamente em "General Dutra", "Presidente" e "Brigadeiro".

TEATRO A "CHARGE" E A FANTASIA EM "CANTA BRASIL"

Paulo Orlando, Geysa Boscoli e Luiz Peixoto são os autores da revista "Canta Brasil", que vem sendo apresentada no velho Recreio, onde, de longa data, se registram sucessos periódicos nesse gênero de teatro mais popular. Posta em cena com dispendiosa montagem e luxuoso guarda-roupa, a referida peça, que está registrando uma centena de representações, tem correspondido à expectativa e ainda mais porque ali o público encontra, habilidosamente conjugados, os números de fantasia, os de "charge" política e ainda justos e vibrantes quadros inspirados em motivos patrióticos, inclusive o que focaliza a bravura e o destemor dos "pracinhas" brasileiros na tomada de Monte Castelo. Os "sketchs" alusivos ao momento político são bem dosados de graça e originalidade, destacando-se o da Orquestra Ministerial. É, enfim, o espetáculo de Walter Pinto, no gênero revista, um legítimo sucesso da temporada.





A Orquestra Ministerial é um dos mais divertidos números da revista. Aqui está o conjunto do Presidente, onde se apresentam todos os membros do Ministério atual. São "girls" do Recreio, cujos rostos se escondem por detrás das máscaras; estas, por sua vez, reproduzindo, além dos ministros, alguns próceres estaduais. Em baixo a apoteose do segundo ato, dedicada a São Jorge, com bastante jogos de maquinária e também muito aplaudida pelo público. "Canta Brasil" tem música dos maestros Nicolino Milano, Ari Barroso, Martinez Grau e Ercole Vareto.





Ao alto um detalhe do quadro "Você já foi à Bahia?", inspirado no filme de igual título, com bonito efeito cenográfico. Em baixo, à esquerda, um momento feliz de Pedro Dias na pele do "Presidente"; à direita o quadro de apresentação dos artistas argentinos Margarita Dell e Roberto Garcia Ramos, cantores e bailarinos. Deve-se a êsse simpático casal uma brilhante cooperação para o êxito da revista que tem, assim, desenvolvidas partes musical e coreográfica. Há também, em "Canta Brasil", a participação, como sempre dominante, de Dercy Gonçalves, e números cômicos de real efeito.



A "ESTRELA" QUE DANÇOU COM ZÉ CARIOCA

(Continuação da pág. 22) ...

sobre cinema e literatura. Tinha visto "O Arco-Iris" na tela, e tanto lhe agradara o filme, que lera depois de um só fôlego toda a novela de Wanda Wasilewska. Foi o primeiro livro que leu em língua portuguesa.

— E' muito fácil falar o português — diz-nos ela. — Ler é um pouco mais difícil. Com algum esforço, já consigo entender tudo o que me dizem.

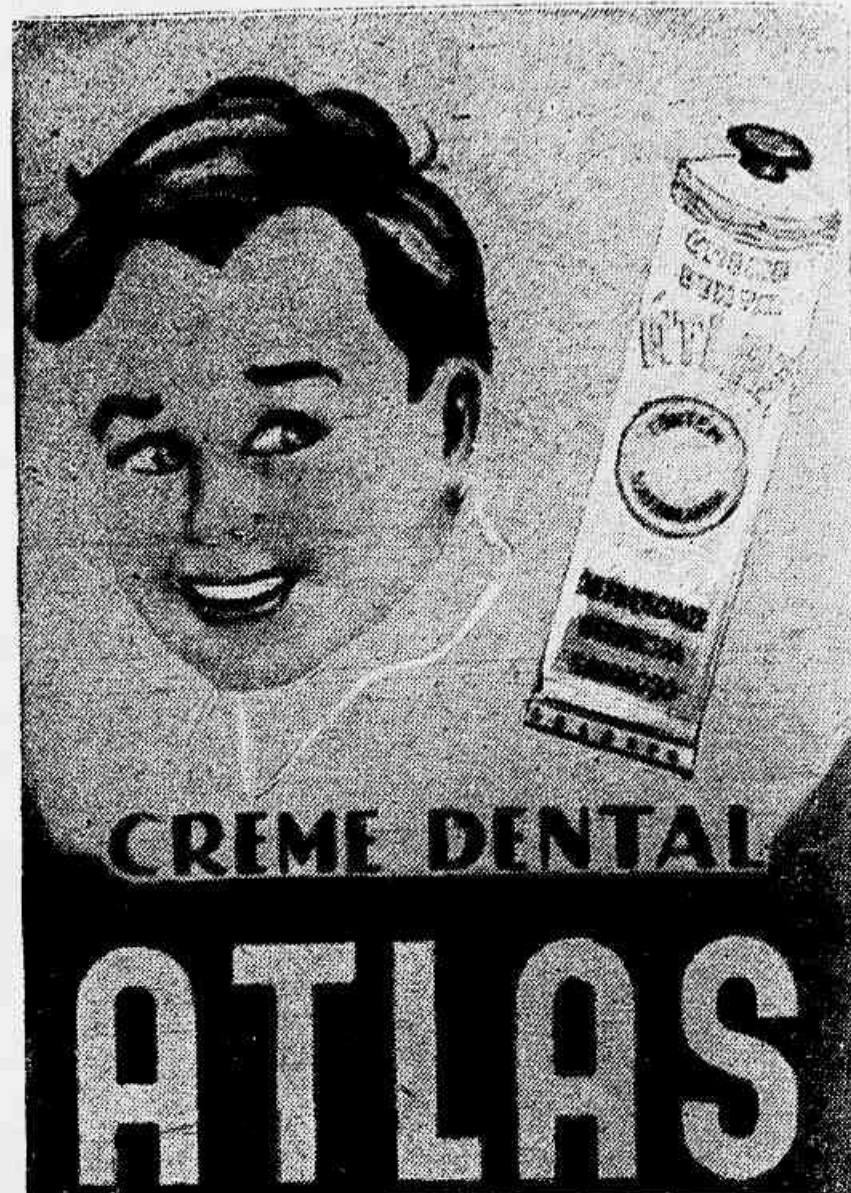
Estávamos neste ponto da conversa quando tocou o telefone. Carmen foi atender. Corremos novamente os olhos em torno. Nas paredes penduravam-se velhos tapetes mexicanos, de desenhos retilíneos e rubros. A bai-

larina nos diz que aqueles tapetes são um dos ornamentos mais usados em sua terra. Mas não são bem tapetes, nem "paneaux", nem mantos. São um pouco de tudo isto. E servem tão somente para enfeitar as paredes.

Lançamos agora à bailarina a clássica pergunta:

— Tem gostado do Brasil, senhorita.

— Estou encantada. O primeiro brasileiro que conheci foi o Zé Carioca, de quem me tornei logo uma grande "fan". Ele é o que se pode chamar um rapaz simpático. Quando cheguei ao Rio não pude deixar de me surpreender com a quantidade de Zés Cariocas que encontrei. E todos eles gentis e comunicativos, cheios daquela alegria brejeira que caracteriza o filho mais novo de Disney. Por tudo isto é que estou encantada



com os brasileiros. Os cariocas são gente do tipo que eu gosto.

— E a senhorita, depois de deixar o Rio voltará ao cinema.

— Talvez volte ao cinema aqui mesmo, participando de uma película brasileira. Além disto, espero ainda dançar pelo menos um samba com o Zé Carioca.

E assim terminou a nossa palestra com Carmen Molina, a bailarina que quase provoca um "sururu" entre os três amigos inseparáveis — Donald, Panchito e Zé Carioca.

A CIMITARRA

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 31)

— Oh! — interrompi-o. — Compreendo o culto dos antepassados e me parece muito bem, louvável até, que o senhor dê inteiro crédito à palavra de seu pai, mas permita que eu apesar disso...

Por sua vez ele me interrompeu:

— Bem vê como o seu país é diferente do meu. Eu lhe disse que ouvira esta história de meu pai; muito bem, Takaissivo era meu pai e Minamoto minha mãe. A partir do dia em que sucedeu o que acabo de lhe narrar, eles acrescentaram àquela emocionante suplemento a seu número já agonizante, e meu pai continuou aremessando para o alvo humano os dois punhais, simultaneamente o pequeno e o grande. Assim o efeito produzido era muito maior e o trabalho ainda mais ousado e mais consciencioso.

Compreendi, pois, que houvera algo mais forte que o pelotiqueiro japonês, algo misteriosamente poderoso que o impedira de cravar as armas vingadoras onde ele queria. Ou então, para maior vingança, Takaissivo propositadamente não acertara nos lugares onde apontava, afim de prolongar indefinidamente a angústia da infeliz, que teria de perguntar a si mesma todas as noites a partir daquela: "Será hoje?" Mas isto é uma idéia minha, e talvez não seja lá muito "japonesa"!



*Suscite admiração
Que atinja o coração...
"Amor" é o tom
Ideal do seu Baton...*

tonalidade sensacional... divina...
sem igual... a base exclusiva de
"creme veludo" desta famosa marca
norte-americana suaviza, protege
e embeleza os lábios.

Baton para os lábios

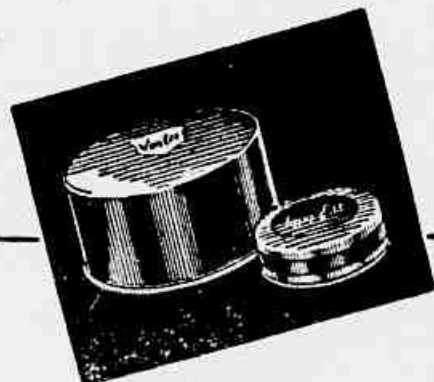
Van Ess



a famosa marca americana!

criação ao mesmo tempo da arte e da ciência!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS,
que tornarão irresistível a sua cutis.



SOFRE DO FÍGADO?
IONE
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIQUINA



SALA DE JANTAR

QUEEN ANNE

O modelo acima apresenta uma sala de jantar que tanto pode ser utilizada para um "bungalow" relativamente espaçoso como para um palacete austero. Os móveis deste moderno "dining-room", todos em "Queen Anne", obedecem entretanto a uma estilização que os tornam compatíveis com qualquer estilo arquitetônico. A madeira utilizada para a construção da mesa, "étagère", cristaleira e cadeiras é ligeiramente escura, combinando por isso com qualquer tonalidade de que se revistam as paredes.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

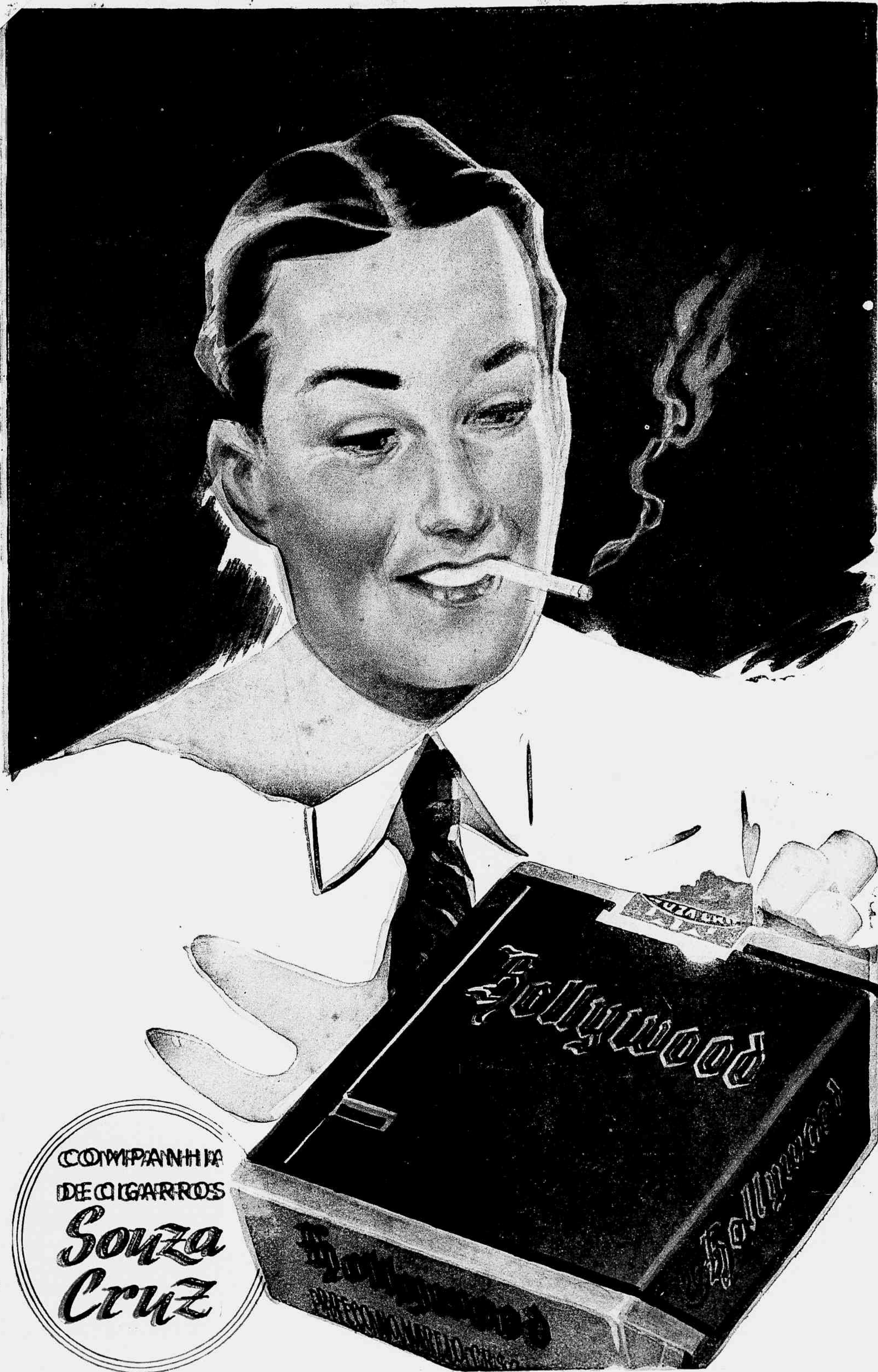
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



COMPANHIA
DE CIGARROS

**Souza
Cruz**